

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

LORENA SANTANA GONÇALVES

**A CATEGORIZAÇÃO E A RECATEGORIZAÇÃO DE
OBJETO DE DISCURSO COMO ESTRATÉGIA DE
CONSTRUÇÃO DE FACE:
UMA ANÁLISE DE DEPOIMENTOS DE ORKUT**

VITÓRIA
2012

LORENA SANTANA GONÇALVES

A CATEGORIZAÇÃO E A RECATEGORIZAÇÃO DE OBJETO
DE DISCURSO COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE
FACE:
UMA ANÁLISE DE DEPOIMENTOS DE ORKUT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Texto e Discurso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Penha Pereira Lins

VITÓRIA
2012

LORENA SANTANA GONÇALVES

A CATEGORIZAÇÃO E A RECATEGORIZAÇÃO DE OBJETO DE DISCURSO COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE FACE: UMA ANÁLISE DE DEPOIMENTOS DE ORKUT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Texto e Discurso.

Aprovada em 05 de Abril de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria da Penha Pereira Lins
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes
Universidade Estadual de Campinas
Titular

Prof.^a Dr.^a Aurélia Leal Lima Lyrio
Universidade Federal do Espírito Santo
Titular

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Centro de Documentação do Programa de Pós-Graduação em Letras,
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G635c Gonçalves, Lorena Santana, 1986-
A categorização e a recategorização de objeto de discurso como estratégia de construção de face: uma análise de depoimentos de Orkut / Lorena Santana Gonçalves. – 2012.
151 f.

Orientadora: Maria da Penha Pereira Lins.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Linguística textual. 3. Orkut (Rede social on-line). 4. Pragmática. I. Lins, Maria da Penha Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

A todos que me apoiaram nessa jornada.

“A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada.”
Erving Goffman

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Maria da Penha Pereira Lins pela orientação e amizade, não só no mestrado, como também durante toda graduação. Sua paciência em revisar e dar sugestões, além dos momentos inesquecíveis em congressos, foi fundamental na formação da minha personalidade enquanto aluna/professora.

Agradeço ao meu noivo Guilherme pelo apoio em todos os momentos, principalmente nos críticos, desses dois anos.

Agradeço aos meus pais por sedimentarem as bases para eu entrar no mestrado.

Agradeço a todos os meus amigos por colaborarem de alguma forma. Em especial às minhas veteranas Kelly e Iris pelas dicas; à Ana Carla e Natalia, por sempre se disponibilizarem e mostrarem boa vontade quando eu precisei; à Priscila, por ler meu trabalho, mesmo não sendo sua área; e, por fim, à Tati, por estar sempre virtualmente presente na minha vida, e, principalmente, por me ajudar na elaboração do *abstract*.

Agradeço aos professores do PPGEL pelas contribuições ao longo do curso e pela disponibilidade em atender todos os alunos. Em especial, à Professora Hilda Olímpio por ceder seu tempo para ler a minha pesquisa com valiosas contribuições.

Agradeço às Professoras Aurélia Lyrio e Hilda Olímpio por se disponibilizarem a ler minha dissertação e participar da minha banca de qualificação.

Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro desta pesquisa e por me possibilitar um intercâmbio científico com a UNICAMP, por meio do PROCAD.

Agradeço às Professoras do IEL (Unicamp), Anna Christina Bentes e Edwiges Morato, por receberem os alunos do PROCAD e pela disponibilidade que sempre demonstraram em nos ouvir e sanar nossas dúvidas, além das grandes contribuições acadêmicas durante o curso que ministraram.

Por fim, agradeço mais uma vez às professoras Anna Christina Bentes e Aurélia Lyrio por aceitarem participar da minha banca de defesa.

RESUMO

Depoimento é um gênero do site de relacionamentos Orkut em que a interação entre os participantes constitui-se a partir de um fator em comum: o dono do perfil. Este é tomado como objeto de discurso do depoente e (re)categorizado de forma que o efeito da construção textual desse gênero corporifique a elaboração de face tanto do dono do perfil, quanto do amigo que cria o depoimento. A partir desse pressuposto, nesta pesquisa, tratamos da relação entre a (re)categorização de objeto de discurso e a construção de imagem social em depoimentos de Orkut. Nesse contexto, a categorização é entendida como um importante elemento da linguagem, que contribui com a representação da imagem social. Para entender questões relacionadas à imagem pública, nos apoiamos em teorias pragmáticas que desenvolvem esse tema a partir da noção de face e polidez linguística; autores fundamentais para nós são Goffman (1980, 1992), Lakoff (1973, 1975), Leech (1983) e Brown & Levinson (1975), que desenvolvem suas teorias em um viés considerado tradicional, pois centram sua atenção na intenção do falante, que almeja sempre salvar sua face, a partir do uso de atos de polidez. Na esteira desse estudo, para entender questões relacionadas à referenciação e à construção de objeto de discurso, damos enfoque a autores que contribuíram de forma memorável aos estudos da linguística textual, são eles: Mondada & Dubois (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b), Marcuschi (2007, 2008) e Cavalcante (2011). A partir da interface desses dois campos de estudo, propomos a análise da construção de face positiva em depoimentos de Orkut, os quais foram divididos em 3 categorias: Elogio, Rememorações e Agradecimento.

Palavras-chave: construção de face; categorização de objeto de discurso; gênero textual; depoimentos de Orkut.

ABSTRACT

Orkut testimonial is a type of text genre in which the interaction between the users of this social networking website is made from a common factor: the owner of the profile. This owner is taken as the object of his/her friend's discourse and he/she is (re)categorized so that the effect of this text construction embodies the face claim of both the owner of the profile and his/her friend who has written the testimony. Based on this assumption, this paper focuses on the relationship between the (re)categorization of the object of the discourse and the social image building in Orkut testimonials, in which the categorization is considered an important language feature that contributes to the representation of the social image. To understand the issues related to public image, this study presents an overview of some literature regarding Pragmatic theories which deal with this theme considering the face claim and linguistic politeness. Some authors, such as Goffman (1980, 1992), Lakoff (1973, 1975), Leech (1983) and Brown & Levinson (1975), are of paramount importance for the goals of this research, since they built their theories upon a traditional point of view, emphasizing the speaker's intention who always aims to save his/her own face using acts of politeness. It is also highlighted some authors who has provided the field of Textual Linguistic research with remarkable insights into the concepts of referral and the construction of the discourse object: Mondada & Dubois (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b), Marcuschi (2007, 2008) and Cavalcante (2011). From the interface of these two fields of study, it is presented an analysis of the social image construction in the genre of Orkut testimonials, which is divided under three main headings: Praise, remembers and Thanks.

Key-words: face claim; categorization of the discourse object; text genre; Orkut testimonials.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estratégias de AAF	45
Figura 2: AAF indireto.....	48
Figura 3: Contínuo oral/ escrito	82
Figura 4: Representação de uma teia de amigos no Orkut.....	89
Figure 5: Depoimento 1	103
Figura 6: Depoimento 2	103
Figure 7: Depoimento 3	104
Figura 8: Depoimento 4	112
Figure 9: Depoimento 5	112
Figure 10: Depoimento 6	113
Figura 11: Depoimento 7	122
Figura 12: Depoimento 8	123
Figura 13: Depoimento 9	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação entre Atos de Fala e Estratégias de Polidez	73
Quadro 2: Características da fala e da escrita	81
Quadro 3: Sobre o Orkut	88
Quadro 4: Opções de privacidade do Orkut	90
Quadro 5: Perfil do Orkut.....	94
Quadro 6: Aviso de área particular no Orkut	98
Quadro 7: Espaço de criação de depoimento	99
Quadro 8: Estratégias de Referenciação no depoimento 1	107
Quadro 9: Estratégia de Referenciação no depoimento 2	108
Quadro 10: Estratégia de Referenciação no Depoimento 3.....	109
Quadro 11: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 4.....	116
Quadro 12: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 5.....	117
Quadro 13: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 6.....	119
Quadro 14: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no depoimento 7.	126
Quadro 15: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 8.....	127
Quadro 16: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 8.....	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição populacional, por nacionalidade, dos usuários do Orkut. 87

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
------------------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

POSTULADOS PRAGMÁTICOS PARA UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A IMAGEM SOCIAL E REFERENCIAÇÃO	19
--	-----------

1.1 UM POUCO SOBRE A PRAGMÁTICA: CONHECENDO ESSE CAMPO DE ESTUDO.....	20
1.1.1 Dizer é uma ação: os Atos de Fala.....	22
1.1.2 Por um Princípio da Cooperação: as Implicaturas Conversacionais.....	26
1.2. IMAGEM PÚBLICA: UM JOGO QUE ENVOLVE CONSTRUÇÃO DE FACES ...	29
1.2.1 A noção de imagem social e o conceito de Face definido por Goffman	31
1.2.2 A Polidez como Máxima Conversacional: a proposta de Lakoff.....	34
1.2.3 As Máximas da Polidez: a proposta de Leech.....	36
1.2.4 Sobre a preservação de faces: a proposta de Brown e Levinson	43

CAPÍTULO 2

UMA NOÇÃO DA LINGUISTICA TEXTUAL: SOBRE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO	55
---	-----------

2.1 UM NOVO OLHAR SOBRE CATEGORIZAÇÃO	57
2.2 REFERENCIAÇÃO: UMA FORMA DE (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO.....	59
2.3 OPERAÇÕES DE (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO.....	62
2.3.1 Anáforas	64
2.3.2 Catáforas	66
2.3.3 Encapsulamento	66
2.4 SOBRE A ATIVIDADE DE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO	68
2.5 EXPRESSÕES NOMINAIS E SUAS FUNÇÕES NO TEXTO: ASPECTOS PRAGMÁTICOS E DISCURSIVOS	70
2.6 A RELAÇÃO ENTRE ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACE E CONSTRUÇÃO DE OBJETO DE DISCURSO.....	72

CAPÍTULO 3

O GÊNERO DEPOIMENTO NO SITE DE RELACIONAMENTO ORKUT	77
3.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL.....	77
3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ORAL E ESCRITO	80
3.3 UM POUCO SOBRE A INTERNET	83
3.4 MAS, AFINAL, O QUE É O ORKUT?.....	86
3.4.1 Caracterização do suporte Orkut.....	89
3.4.2 Caracterização do Gênero Depoimento de Orkut	93

CAPÍTULO 4

NATUREZA DO <i>CORPUS</i> METODOLOGIA DE ANÁLISE	97
---	-----------

CAPÍTULO 5

ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE FACE: UMA ANÁLISE DE DEPOIMENTOS DE ORKUT	101
5.1 DEPOIMENTO DE ELOGIO.....	102
5.2 REMEMORAÇÕES.....	111
5.3 AGRADECIMENTO	122

CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	136
-------------------------	------------

ANEXO 1	143
ANEXO 2.....	144
ANEXO 3.....	145
ANEXO 4.....	146
ANEXO 5.....	147
ANEXO 6.....	148
ANEXO 7.....	149
ANEXO 8.....	150

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Uma das coisas mais fascinantes do nosso dia-a-dia é o fato de contarmos uns aos outros o que vemos, ouvimos e sentimos, tendo a sensação de que os outros nos entendem” (MARCUSCHI, 2007, p. 62); tal atividade, como o próprio autor define, aparentemente tão trivial, tem sua explicação discutida por diversos estudiosos da linguagem – desde os filósofos da Antiguidade Clássica até os cientistas da Linguística, que apontam várias vertentes de estudo –, porém sem um consenso.

O que os estudos da Linguística sociocognitivo-interacional sugerem é o conhecimento como produto de relações intersubjetivas entre sujeitos sociais que constroem os seus saberes a partir de interações. Em outras palavras, é deixada de lado a visão de sujeito como condutor, isto é, como simples meio de reprodução de estruturas já existentes, conforme preconizam as vertentes mais formalistas de estudo – a exemplo, o Estruturalismo e o Gerativismo; entra em cena a concepção de sujeito/falante real ou pragmático, o qual é dotado de competência comunicativa e, por isso, é responsável pelas estruturas linguísticas que emite. Essas estruturas nada mais são que fruto de uma relação cognitiva entre o próprio sujeito e o meio social onde vive.

O falante, então, constrói seus enquadres cognitivos – ou seja, seus espaços mentais, seu modelos, seus esquemas – a partir da relação entre sociedade e cognição (Cf. MARCUSCHI, 2007). Por isso, é muito comum presenciarmos linguistas defensores dessa visão afirmarem que o ato de dizer algo não acontece simplesmente para descrever o mundo, mas, na verdade, para atuar discursivamente sobre o mundo, e sociocognitivamente no mundo. Portanto, é de suma importância para a construção da significação

não apenas a consideração dos elementos coesamente organizados na materialidade linguística, mas também a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos (linguísticos, enciclopédicos, interacionais) que, no fundo, não se separam nitidamente e ainda colaboram, todos conjungidos, para a reconstrução dos próprios enunciadores. (CAVALCANTE et al., 2010, p. 226).

Seguindo essa teorização, Marcuschi (2007, p. 64) ressalta que “o mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de

realidades discretas apreendidas diretamente”. É nesse contexto que os processos de referenciação tornam-se de suma relevância no âmbito da Linguística Textual, haja vista que as palavras não possuem por si só uma dimensão semântica; pelo contrário, seus sentidos apenas são possíveis a partir de um entorno sociocognitivo-pragmático. “Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente” (MARCUSCHI, 2007, p. 70). Nessa perspectiva, Cavalcante et al. (2010) defendem o abandono da visão de texto como uma superfície que conduz ao discurso, em favor do texto indissociável ao discurso, definido pelo uso. Consequentemente, “são também indissociáveis do texto as relações culturais, sócio-históricas, em processos intercognitivos, considerados sob uma perspectiva de cognição interacionalmente situada” (CAVALCANTE et al., 2010, p. 227).

Dado que o texto é definido pelo uso, acompanhamos o postulado textual-discursivo de linguagem não referencial, em que se admite uma instabilidade na relação entre palavras e coisas resultante das ações de sujeitos em determinados contextos interacionais: os sujeitos categorizam o mundo de acordo com suas formas de percepção e reação; portanto, ao enunciar, eles fornecem informações a seu próprio respeito.

Nesse contexto, delineamos o pressuposto desta pesquisa: acreditamos que a (re)categorização é um importante elemento da linguagem que contribui com a representação da imagem social; uma vez que, ao categorizar um objeto de discurso, o indivíduo age de forma subjetiva, portanto oferece informações de si mesmo, que corroboram com a formação de sua imagem social.

No que se refere à imagem social, sabe-se que seu estudo foi abordado por diversos campos – dentre eles, a Retórica, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Linguística –, e foi absorvido da Filosofia da Linguagem pela Pragmática a partir do trabalho do sociólogo Erving Goffman, na linha da etnografia da fala, dando origem à Teoria da Polidez.

Para Goffman (1980, 1992), os indivíduos, quando interagem, emitem um conjunto de atos verbais e não verbais para manifestarem um ponto de vista acerca de determinado assunto; com isso, fornecem impressões de si mesmos, de modo a construir junto de seus parceiros uma imagem pública. No entanto, pelo fato de ter sido desenvolvido com base numa relação face a face, tal estudo não inclui um fenômeno sociolinguístico bastante atual: a Internet, que, com seu surgimento,

proporcionou o aparecimento de novos meios de interação e, por consequência, novos gêneros textuais.

Propomos, então, a aplicação da teoria sobre imagem social para esse domínio de interação tão contemporâneo, ao qual, de acordo com Araújo & BIASI-Rodrigues (2005), precisamos estar atentos, haja vista que nele são apresentadas novas funções sociais e novas modalidades de gêneros. Para os autores, devemos observar o papel sociointerativo dos gêneros digitais, pois a evolução das tecnologias digitais acarretou uma transformação e ampliação das práticas discursivas. Esses linguistas ainda destacam, sobre os gêneros digitais, que

mais produtivo do que mapeá-los e quantificá-los, é aceitar os desafios que se apresentam para os pesquisadores de buscar compreender como e para que tais gêneros surgiram e como eles alteram nossas relações sócio-interativas e as nossas habilidades tecnológicas de lidar com a oralidade e a escrita no ambiente virtual. (ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2005, p.13).

Dentro desse enquadre, tomamos como *corpus* para esta pesquisa depoimentos veiculados pelo *site* de relacionamentos Orkut. Justificamos a escolha do gênero, primeiramente, em razão da popularidade, entre os brasileiros, da rede social em que é veiculado: em 2009, momento em que surgiu o interesse pelo Orkut, 53,27% dos mais de 68 milhões de usuários cadastrados eram brasileiros (Cf. INGLEZ, 2009).

Secundariamente, nossa escolha deveu-se à meta dessa modalidade textual: nos depoimentos, a interação entre os participantes é feita a partir de um sujeito em comum, o dono do perfil. Esse é tomado como objeto de discurso dos depoentes e (re)categorizado de forma que o efeito da construção textual desse gênero corporifique a elaboração de face positiva do dono do perfil.

Por outro lado, lançamos a hipótese de que a construção de objeto de discurso nesse gênero corporifica, também, a elaboração de face positiva do amigo que escreve o depoimento. Uma explicação plausível para tal afirmação seria a de que a partir da expressividade do depoente sobre o objeto de discurso, os leitores – que já possuem armazenados certos conhecimentos a respeito do dono do perfil – são levados a produzir certas inferências sobre o criador do texto, e conseqüentemente gerar impressões a seu respeito. Dessa forma, a construção da imagem social acontece de forma bidirecional: é construída a face positiva do dono do perfil e a do

amigo que cria o depoimento. Com esse pressuposto, levantamos as seguintes indagações:

- a) No gênero depoimento de Orkut, o efeito de sentido é sempre a construção de face positiva?
- b) Quais formas de categorização e recategorização o depoente utiliza com mais frequência?
- c) São características, nos depoimentos, as remissões configuradas em anáforas indiretas?
- d) A manutenção do objeto de discurso (ativação/reactivação) apresenta desfocagem nesse gênero?
- e) O gênero depoimento de Orkut apresenta como característica a construção de duas faces positivas a partir da focalização de um único objeto de discurso?

Tecemos como finalidade desta pesquisa responder a esses questionamentos, utilizando como procedimento a análise das estratégias de polidez empregadas em mecanismos textuais de categorização e recategorização de objeto de discurso em depoimentos do Orkut.

Localizando este estudo na esteira das pesquisas linguísticas pós-século XX, afirmamos que ele se desenvolve no interior do paradigma funcionalista de linguagem, tendo em vista que, nessa perspectiva,

a língua se configura através das práticas sociais de uma sociedade, de uma comunidade. Então a língua se configura dentro do meio social, como expressão do meio social, lugar de interação entre os membros de uma sociedade e nesse lugar de interação é que se constituem as formas linguísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia. (KOCH, 2005a, p. 124).

Salientamos que, ao nos referirmos ao modelo funcionalista, não estamos aludindo à gramática funcionalista, mas à divisão dos estudos linguísticos, que após o lançamento póstumo do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, no início do século XX, desenvolveu-se na direção de dois grandes pólos: formalista e funcionalista. De um lado, a perspectiva formalista dá ênfase à ideia de língua como um sistema autônomo, que existe independentemente dos sujeitos, sendo esses responsáveis apenas pela transmissão da informação. De outro lado, a perspectiva

funcionalista busca focar a língua nas situações reais de comunicação, sendo os sujeitos responsáveis pelo significado do que emitem no momento da interação.

Nessa conjuntura, é no modelo funcionalista que o texto é entendido enquanto “atividade sociocognitivo-interacional de construção dos sentidos” (KOCH, 2008a, p. 12). Motivo esse de não tratarmos de referência, e sim de referenciação: deixamos de lado a tradicional e estática relação entre palavras e coisas, digna da vertente formalista de linguagem; para nos apropriamos da explicação dinâmica de sentido estabelecido interativamente, num processo em que são construídos objetos de discurso.

A fim de alcançarmos a nossa meta, dividimos este estudo em cinco capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências. No primeiro capítulo, situamos, de forma bastante geral, a Pragmática dentro dos estudos linguísticos; quando então trazemos à baila as contribuições oferecidas pelas teorias de Face e de Polidez linguística, nas acepções de Goffman (1980, 1992), Lakoff (1973, 1975), Leech (1983) e Brown & Levinson (1987).

No segundo capítulo, apontamos questões relacionadas à (re)categorização de objeto de discurso importantes para a nossa análise; para tanto, fazemos uma reflexão sobre a referenciação dentro dos estudos de Linguística Textual. A base teórica utilizada para este estudo consiste em Mondada & Dubois (2003), Koch (2005b, 2008a, 2008b), Koch & Elias (2006, 2009), Marcuschi (2007, 2008) e Cavalcante (2011), entre outros autores que apresentam a mesma perspectiva teórica no tratamento da referenciação.

No terceiro capítulo, trazemos à tona a situação do *corpus* desta pesquisa dentro do campo de estudo de gêneros textuais e do contínuo oral/escrito, focalizando o comportamento do gênero depoimento dentro do suporte Orkut. Nesse momento, apresentamos, de forma geral, os estudos sobre gêneros, nas concepções teóricas de, entre outros, Bakhtin (2003), Koch (2005b), Koch & Elias (2006) e Marcuschi (2002b, 2006); e o estudo sobre oral e escrito, nas concepções de Marcuschi (1986) e Fávero et al. (2003): apontamos transformações provocadas pela Internet na forma de interação humana e, conseqüentemente, nos gêneros. Por fim, no quarto e quinto capítulos, apresentamos respectivamente a metodologia de pesquisa e os resultados em forma de análise.

CAPÍTULO 1

POSTULADOS PRAGMÁTICOS PARA UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A IMAGEM SOCIAL E REFERENCIAÇÃO

O foco no contexto, tanto como fator restritivo quanto como produto do discurso, tem conduzido a um refinamento cada vez mais crescente das abordagens da fala, já que é principalmente na elaboração de enunciados falados ou escritos que linguagem e contexto são articulados. O significado desses desenvolvimentos para a linguística encontra-se no aumento da precisão na qual os sistemas lingüísticos, os processos cognitivos, e o uso da língua são co-articulados. (HANKS, 2008, p. 169-170).

A articulação entre linguagem e contexto dentro dos estudos linguísticos é uma forma de explicar situações de fala concretas, em que somente os conhecimentos sobre estrutura da língua são insuficientes para garantir uma interação bem sucedida. O sentido construído não se dá pelos significados prototípicos das palavras, mas pela forma como o falante em determinado contexto interacional as enuncia. De acordo com Aldazoro (2001, p. 2), “para entender de maneira precisa as interações verbais, é necessário levar em consideração os elementos extralingüísticos do evento comunicativo”¹; assim sendo, para que uma interação verbal seja eficiente, é necessário levar em consideração o contexto ilocutório, ou seja, as condições que governam a prática da linguagem: a relação entre linguagem e contexto.

No caso dos depoimentos de Orkut, as condições para que haja tal interação são definidas pelo próprio site ao perguntar “O que você tem a dizer sobre 'dono do perfil'?” (ver capítulo 3). Para a elaboração desse gênero textual, o depoente deve construir a face positiva do dono do perfil, que, por sua vez, acontece pela utilização de estratégias linguísticas de polidez.

Nessa abordagem “o contexto é um concomitante local da conversação e da interação, efêmero e centrado sobre o processo emergente da fala” (HANKS, 2008, p. 171). No entanto, é o *locus* configurador do gênero, uma vez que proporciona uma forma de interação específica. Um dos campos específicos de abordagem sobre o contexto é a Pragmática: disciplina que engloba as teorias utilizadas na análise desta pesquisa.

¹ “para entender de maneira precisa las interacciones verbales, es necesario tomar en cuenta elementos extralingüísticos del evento comunicativo” (ALDAZORO, 2001, p.2).

1.1 UM POUCO SOBRE A PRAGMÁTICA: CONHECENDO ESSE CAMPO DE ESTUDO

Numa busca pela definição do campo de estudo da Pragmática, constatamos que, para Yule (1996, p. 3), a “Pragmática é tida como um estudo relacionado ao que é dito pelo falante (escritor) e interpretado pelo ouvinte (leitor)”²; seguindo esse mesmo viés teórico, Crystal (2000, p. 206) explica que a Pragmática é o estudo da “língua do ponto de vista dos usuários, em especial as escolhas feitas, as restrições encontradas ao usar a língua em uma interação social e o efeito de seu uso sobre outros participantes em um ato de comunicação”; seguindo esse mesmo pensamento, Trask (2006, p. 232) define a pragmática como um ramo da linguística que “estuda como enunciados comunicam significados num contexto”; e, nessa mesma direção, Lins (2008) esclarece que

diferentemente dos estudos sobre o uso da língua do ponto de vista dos recursos puramente estruturais efetivados pela linguística tradicional, os estudos pragmáticos vão deter suas observações no uso da língua condicionado pelas diversas situações sociais. (LINS, 2008, p. 01).

A partir dessas definições, podemos entender a Pragmática como um campo que analisa a língua em uso, que aborda o sentido criado por quem enuncia a partir de um determinado evento comunicativo, e/ou os processos por meio dos quais os indivíduos produzem e interpretam significados enquanto falam. No entanto, definir Pragmática dessa maneira parece-nos um tanto simplista, quando não explicamos os motivos desencadeadores desse campo de pesquisa.

Para suprir essa imprecisão, Weedwood (2002) explica que na segunda metade do século XX houve a chamada “guinada pragmática”. A preocupação dos estudos centrados na língua (*langue*) como um sistema abstrato e subjacente aos falantes é superada; muitos linguistas passam a debruçar-se sobre a fala (*parole*), a qual não era considerada até então objeto de estudo. No entanto, tal mudança nada mais representa que um deslocamento de questionamentos a respeito do uso linguístico concernentes à filosofia da linguagem – desencadeados no início do século XIX – para a Linguística: a discussão kantiana sobre a representação das

² Todas as traduções feitas nesta pesquisa são de responsabilidade nossa: “*Pragmatics is concerned with the study of meaning as communicated by a speaker (or writer) and interpreted by a listener (or reader).*” (YULE, 1996, p. 3).

coisas no mundo ser linguística ou mental culminou numa busca por respaldos em aspectos dos falantes, no âmbito linguístico.

Em meio a tais questionamentos filosóficos, difícil se torna definir o nome de um fundador da Pragmática, uma vez que ela nasceu de forma plural, de pensadores como Wittgenstein, Peirce, Carnap, Morris, dentre outros (Cf. WEEDWOOD, 2007). Essa incompatibilidade de conceitos sobre a origem desse campo é visível ao confrontarmos as distintas concepções de dois pesquisadores renomados da Linguística: Guimarães (1983) e Levinson (2007). Para o primeiro, a história da Pragmática remonta o filósofo americano Charles Peirce; ao passo que, para o segundo, a disciplina se estabeleceu a partir dos anos 1930, graças a Charles Morris. De qualquer forma, para nós, o relevante dessa anarquia da Pragmática é o leque de abordagens que ela possibilita; por isso, alguns autores, como Bar-Hillel (1971)³, a definem como “lata de lixo da Linguística”:

a Pragmática ainda é vista por muitos estudiosos, não sem razão, como um verdadeiro ‘saco de gatos’. O ditado em latim *Quot homines, tot sententiae*⁴ nunca fez tanto sentido como no caso da pragmática. A situação ainda é confusa o suficiente para deixar perplexos tanto os adeptos como os críticos perguntando se há, de fato, qualquer diferença significativa entre uma lata de lixo e um saco de gatos. (RAJAGOPALAN, 1996, p. 6).

Independente de haver ou não diferença entre lata de lixo e saco de gatos, o que nos resta por ora é apresentar outro possível motivo desencadeador dessas definições um tanto pejorativas: as perspectivas que a disciplina abrange. Para tal delimitação, foram observados quais fenômenos linguísticos devem ser estudados, quais perguntas devem ser submetidas a tais fenômenos, e quais influências filosóficas na seleção de objetos e métodos; o que resultou em três perspectivas:

o pragmatismo americano, influenciado pelos estudos semiológicos de William James; os estudos de atos de fala, sob o crédito dos trabalhos do inglês J. L. Austin; e os estudos da comunicação, com preocupação firmada nas relações sociais, de classe, de gênero, de raça e de cultura, presentes na atividade linguística. (PINTO, 2009, p. 51).

Centrados no pragmatismo americano, neste estudo, tratamos as estratégias de construção de imagem social. No entanto, antes de comentarmos as teorias em que nos ancoramos, consideramos importante esboçar dois trabalhos de filósofos da linguagem que foram ponto de partida para a Pragmática moderna e serviram de

³ Mais sobre esse conceito de Bar-Hillel (1971) pode ser encontrado no artigo de Rajagopalan (1996).

⁴ “Quanto mais homens, mais opiniões”.

norte para os estudos de polidez: os Atos de Fala, formulados inicialmente por Austin (1990 [1962]) e posteriormente por Searle (1984 [1965]); e as Implicaturas Conversacionais, formuladas por Grice (1982 [1975]).

A teoria dos atos de fala dirigiu sua atenção para a relação entre formas lingüísticas e as circunstâncias capturadas pelas condições de felicidade e pela doutrina das forças (Austin, 1962). As abordagens griceanas da conversação dirigem sua atenção para as inferências e as crenças declaradas dos sujeitos, considerando que a fala é um empreendimento cooperativo, sujeito às máximas de qualidade, quantidade, relação e modo (Grice, 1989). (HANKS, 2008, 170).

1.1.1 Dizer é uma ação: os Atos de Fala

Em meio ao positivismo lógico instaurado a partir dos anos de 1930, quando se acreditava que uma sentença só possuiria significado se fosse verificada em termos vericondicionais, desenvolve-se uma teoria na qual se postula que dizer não é simplesmente descrever o mundo, mas agir sobre ele: “todo dizer é um fazer” (AUSTIN, 1990).

Essa teoria ficou conhecida como Atos de Fala; seu pioneiro foi filósofo John Austin, cujo marco foi a obra póstuma *How to do things with words*⁵, publicada pela primeira vez em 1962. Nela, encontram-se doze conferências ministradas pelo filósofo no ano de 1955 na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

Posteriormente, dentre diversos autores que desenvolveram as ideias de Austin (1990 [1962]), John Searle foi o que obteve maior êxito. Seus livros *Speech acts: an essay in the philosophy of language*⁶, de 1969, e *Expression and meaning*, de 1979, foram o passaporte de entrada da teoria dos Atos de Fala na Linguística, gerando maior visibilidade a essa teoria.

Austin (1990 [1962]) mostra que a linguística, até então, está imersa numa ilusão descritiva (Cf. FIORIN, 2005), pois não só existem afirmações como “A casa é bonita”, cuja finalidade é descrever o estado das coisas como verdadeiro ou falso; como também há sentenças utilizadas sem qualquer intenção de enunciar

⁵ A referência utilizada nesta pesquisa para citação é a tradução de 1990, feita por Danilo Marcondes, com o título *Quando dizer é fazer: palavras e ação*.

⁶ A referência utilizada para citação nesta pesquisa é a tradução de 1984, feita por Carlos Vogt, com o título de *Os actos de fala: um ensaio de Filosofia da Linguagem*.

declarações sobre fatos e/ou eventos, em termos vericondicionais. Tomemos as expressões a seguir:

- a) eu, por meio disto, batizo este navio de Flaubert;
- b) eu declaro guerra;
- c) dou minha palavra;
- d) eu o sentencio a cinco anos de prisão.

Segundo o autor, nesses tipos de sentenças, o objetivo não é ser verdadeiro ou falso, mas sim agir sobre o outro. A língua, nesses casos, funciona como um instrumento de ação. Dessa maneira, Austin (1990 [1962]) diferencia dois tipos de sentenças: as constativas, que descrevem, ou relatam, ou constata o estado de coisas; e as performativas, que são usadas para realizar um ato.

De forma geral, o enunciado performativo tem a forma de sentença ativa – no modo indicativo, na primeira pessoa, no presente simples –, cujo verbo principal é escolhido num conjunto limitado de verbos performativos (Cf. LEVINSON, 2007). No entanto, apesar de não serem submetidos à verificabilidade, esses enunciados podem não ser bem sucedidos; por isso, Austin (1990 [1962]) definiu categorias às quais devem subordinar-se, denominadas de condições de felicidade:

- a)
 - (i) deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional;
 - (ii) As circunstâncias e as pessoas devem ser adequadas, conforme especificado no procedimento;

- b) o procedimento deve ser executado
 - (i) corretamente e
 - (ii) completamente;

- c) muitas vezes,
 - (i) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções requeridos conforme especificado no procedimento, e
 - (ii) se a conduta consequente é especificada, então, as partes relevantes devem ater-se a essa conduta (Cf. LEVINSON, 2007).

Para Austin (1990 [1962]), a violação às condições de **a** e **b** dá origem a falhas, quando ações pretendidas deixam de dar certo. Ao passo que, a violação às condições de **c** constitui abuso, não detectado no momento da enunciação, mas com tempo.

A partir de suas observações, Austin (1990 [1962]) conclui que a função das sentenças performativas não é descrever algo; pelo contrário é executar ações denotadas pelo verbo em processos institucionais específicos. Sendo assim, dizer algo é fazer algo. Um exemplo dado pelo autor consiste em um juiz de um tribunal dizer “Declaro aberta a sessão”. Ao emitir esse ato, ele não está informando a abertura da sessão, está abrindo a sessão. Há uma forma ilocutória específica, uma vez que o juiz segue as condições de felicidade.

A teoria de Austin (1990 [1962]) sofre algumas alterações ao longo de sua formulação e termina com uma teorização geral sobre enunciação. Ao defender a noção de que ao enunciar o falante está executando atos, o filósofo esclarece: “a esse ato de ‘dizer algo’ nesta acepção normal e completa chamo de realização de um ato locucionário, e ao estudo dos proferimentos desse tipo e alcance chamo de estudo de locuções, ou de unidades completas do discurso” (AUSTIN, 1990, p. 85). Nesse contexto, o autor distingue três atos executados simultaneamente no momento da fala:

- a) atos locucionários: são atos de fala envolvidos na construção do discurso em determinada língua, com suas regras gramaticais, com determinadas referências e com determinados sentidos;
- b) atos ilocucionários: são atos envolvidos no momento da enunciação, devido à força institucional da sentença;
- c) atos perlocucionários: são atos envolvidos com o efeito no ouvinte ao enunciar a sentença.

Para Austin (1990 [1962]), um ato locucionário, de forma geral, é um ato ilocucionário; por isso, é necessário determinar a forma como a locução está sendo utilizada: “faz uma grande diferença saber se estávamos advertindo ou simplesmente sugerindo, ou, na realidade, ordenando; se estávamos estritamente prometendo ou apenas anunciando uma vaga intenção, e assim por diante” (AUSTIN, 1990, p. 89). O perlocucionário, por sua vez, envolve as consequências do

dito. A partir dessa distinção, o foco de interesse dos estudos de Austin (1990 [1962]) está no ato ilocucionário, que se realiza devido a sua força institucional no momento da enunciação.

Com base nessa teorização, Searle (1984 [1969]), ao tratar da teoria dos atos de fala, concorda com Austin (1990 [1962]), quando afirma que “falar uma língua é adoptar uma forma de comportamento regido por regras. De um modo mais conciso, falar é executar actos de acordo com certas regras” (SEARLE, 1984, p. 33). Assim, para efetuar um ato ilocucionário, é necessário seguir regras convencionais constitutivas do ato; observar as condições para que um ato ilocucionário possa ser bem sucedido, pois a mesma referência e a mesma predicação podem acarretar atos de fala completamente distintos.

Searle sugere que as condições de felicidade não são meramente dimensões ao longo das quais as enunciações podem dar errado, mas são, na verdade, conjuntamente constitutivas das várias forças ilocucionárias. (LEVINSON, 2007, p. 303).

Assim, utilizando o exemplo de Searle (1984 [1969]), expressões como “João fuma muito” e “João fuma muito?”, apesar de terem o mesmo referente e a mesma predicação, são atos distintas, pois enquanto a primeira é uma asserção, a segunda é uma pergunta.

Na busca de um sistema mais abstrato das forças ilocucionais, baseado nas condições de felicidade, Searle (1984 [1969]) propõe cinco categorias de ações que alguém pode executar ao falar:

- a) representativa: mostra a crença do falante na verdade da proposição dita (afirmar, concluir, etc.);
- b) diretiva: representa a tentativa do falante de fazer o ouvinte fazer algo (pedir, perguntar, etc.);
- c) comissiva: compromete o falante com uma ação futura (prometer, ameaçar, oferecer, etc.);
- d) expressiva: expressa um estado psicológico (agradecer, preocupar-se, parabenizar, etc.);
- e) declaração: representa, a partir de um indivíduo, uma instituição como toda (declarar guerra, batizar, demitir, etc.).

Para Searle (1984 [1969]), dependendo do contexto, um conteúdo proposicional pode apresentar diferentes valores ilocucionais – atos que se realizam na linguagem. A proposição “Maria, fique em casa até as quatro horas”, por exemplo, pode ter força ilocutória de ordem, pedido, conselho, etc. Por isso, Searle (1984 [1969]) distingue os atos de fala diretos de atos de fala indiretos. O primeiro é realizado com formas linguísticas típicas daquele ato, como perguntas, solicitações, etc.; e o segundo é realizado com formas linguísticas típicas de outros atos, que dependem crucialmente do contexto para serem esclarecidas, o que remete à teoria inferencial, de Grice (1982 [1975]). Um exemplo é a pergunta “você tem horas?”, na verdade o falante não quer saber se ele possui horas, mas está pedindo para informar as horas. Esse tipo de ato depende crucialmente do contexto para ser inferido.

Podemos afirmar, portanto, que a partir do trabalho de Austin (1990 [1962]) e da sistematização de Searle (1984 [1969]), os atos de fala são formas de ação linguística em interações reais, que exigem não só o conhecimento linguístico, como também o conhecimento sociocognitivo de determinado grupo social. Por isso, de acordo com determinado grupo, um ato de fala indireto, por exemplo, pode ser mais apropriado que um direto.

1.1.2 Por um Princípio da Cooperação: as Implicaturas Conversacionais

Em seu estudo, Grice (1982 [1975])⁷ examina as condições que governam uma conversação comum. Para ele, existem dois tipos de implicaturas: as convencionais, que têm o significado nas palavras utilizadas; e as não convencionais, chamadas de implicaturas conversacionais, as quais estão relacionadas às peculiaridades do discurso. Este por sua vez é definido como esforços cooperativos com propósitos comuns.

Para Grice (1982 [1975]), a interação verbal acontece devido a esforços cooperativos dos participantes que direcionam a conversa a partir de suposições

⁷ As principais ideias formuladas por Grice foram apreciadas na palestra William James, ministrada em Harvard, no ano de 1967. No entanto, as publicações foram feitas parcialmente nos anos de 1975 e 1978 e a tradução para o Português, utilizada nessa pesquisa, no ano de 1982, pelo professor João Wanderley Geraldi.

contextuais mais amplas. Essas suposições são constituídas por quatro máximas conversacionais, regidas pelo Princípio Geral da Cooperação (PC): “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86).

As quatro máximas conversacionais ditam as regras que os falantes devem seguir para que consigam conversar de maneira eficiente e cooperativa. São elas:

– máxima da quantidade:

faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida (para o propósito corrente da conversação),
não faça a sua contribuição mais informativa do que é requerido;

– máxima da qualidade:

não diga o que você acredita ser falso,
não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada;

– máxima da relação:

seja relevante;

– máxima do modo:

seja claro,
evite obscuridade de expressão,
evite ambiguidade,
seja breve,
seja ordenado. (Cf. GRICE, 1982).

Apesar do enfoque às quatro categorias conversacionais, Grice (1982 [1975]) afirma que há outras categorias também importantes as quais deixou de lado. Dentre elas, a máxima da polidez, um dos nossos temas de estudo nesta pesquisa.

O autor afirma que os falantes, em geral, conversam de acordo com essas máximas, pois as aprendem na infância e não abandonam o hábito de segui-las. Caso houvesse ruptura com tal hábito, ocorreria um grande esforço para acontecer uma interação. No entanto, um participante de um diálogo pode deixar de cumprir

uma máxima de várias maneiras, por isso existem as implicaturas conversacionais: o falante abandona uma máxima pressupondo que o interlocutor irá compreender a partir de implicatura, pois confia que ambos estão seguindo o PC. Grice (1982 [1975]) ainda ressalta que

a presença de uma implicatura conversacional deve poder ser deduzida, elaborada; pois ainda que possa ser intuitivamente compreendida, se a intuição não for substituída por um argumento, a implicatura (se presente) não contará como implicatura conversacional; será uma implicatura convencional. (GRICE, 1982, p. 92).

Ao apresentar a teoria de Grice (1982 [1975]), Levinson (2007, p. 128) explica que o propósito desse estudo é o de que “nunca nos afastemos dessas Máximas num nível superficial, mas assim que possível, as pessoas interpretarão o que dizemos como estando em conformidade com as máximas em pelo menos algum nível”.

A violação de máximas acontece, conforme Grice (1982 [1975]), quando duas máximas estão em conflito uma com a outra; quando nenhuma máxima é claramente violada; e, finalmente, quando o falante abandona uma máxima com o propósito de obter uma implicatura conversacional a partir de figuras de linguagem como metáfora, eufemismo, ironia, etc.

O autor apresenta alguns exemplos ilustrativos de violações das máximas. Para nós, entretanto, o importante é apontar que as violações são comuns no cotidiano. Quando uma pessoa pergunta a outra como foi uma partida de jogo de futebol, por exemplo, dificilmente as máximas da qualidade e da quantidade serão obedecidas juntas, uma vez que, numa interação regida pelo PC, a resposta verdadeira dificilmente será breve sem corromper o sentido. Com base em exemplos como esse, o autor conclui que as máximas não são iguais, nem coordenadas, a máxima da qualidade, por exemplo, não é uma de várias receitas a serem seguidas numa interação, mas faz a diferença entre algo que está sendo e algo que está deixando de ser um tipo de contribuição: informação falsa não é um tipo inferior de informação, apenas não é informação.

Uma crítica pertinente a essa teoria é feita por Koch (2007), para ela

essa teoria não dá conta de toda a ‘malícia’ e manipulação tão presentes na interação verbal humana: estamos constantemente ‘jogando’, ‘blefando’, simulando, ironizando, fazendo alusões e criando subentendidos, fenômenos nem sempre explicáveis apenas com base nas ‘Máximas’ griceanas. (KOCH, 2007, p. 28).

Por outro lado, a teoria de Grice (1982 [1975]), representa uma importante leitura da conversação, visto que descreve meios racionais que conduzem à interação cooperativa; sendo assim, poderia ter aplicação em qualquer língua, variando as implicaturas de acordo com as informações contextuais presentes em cada cultura.

1.2. IMAGEM PÚBLICA: UM JOGO QUE ENVOLVE CONSTRUÇÃO DE FACES

Se procurarmos no dicionário uma denotação para a palavra imagem, encontramos, dentre diversas possíveis, a de “conceito que uma pessoa goza junto a outras” (HOUAISS & SALLES, 2004). Comparada à acepção original, que remete o latim (*imago*), significando representação visual de um objeto; notamos uma extensão do sentido, haja vista que hoje “imagem” também está relacionada ao campo das ideias, das opiniões das pessoas. Da concepção que antes pertencia ao âmbito do concreto, do nível da representação de objetos no mundo, hoje leva em consideração aspectos sociocognitivo interacionais, relacionada à forma como indivíduos de um determinada sociedade pensam.

Uma explicação possível a essa extensão de significado pode ser dada pelo fato de que, assim como os objetos, nós também possuímos uma representação visual, a qual é detectada por outros indivíduos. Entretanto, muito diferente dos objetos, que apenas possuem a representação material, nós também possuímos a capacidade de interagir pela linguagem, portanto construímos uma imagem pelo discurso, e, a partir desse discurso, tentamos traçar um comportamento condizente com o nosso propósito. Nesse contexto,

quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. (GOFFMAN, 1992, p. 21).

Em qualquer esfera de interação social, são traçadas algumas regras para que os participantes as sigam. Essas regras não são rígidas, mas se um participante quer ser aceito, deve segui-las. Tais normas englobam o indivíduo como um todo:

vão desde a forma de se vestir até os empregos linguísticos utilizados dentro do ambiente interacional proposto. Sendo assim, as pessoas se comportam buscando ser congruentes com as expectativas que têm de suas imagens públicas, em outras palavras, suas faces. Logicamente, determinados regulamentos variam de cultura para cultura, e o esforço em tentar manter a face, definido como polidez, também é alterado. Um exemplo para essa questão é apresentado por Yule (1996), ao dissertar sobre os falantes de inglês:

o falante que tem um menor status social em um contexto de inglês falado tende a marcar a distância social entre ele e o falante que tem mais status usando formas de tratamento que incluem um título e o último nome, mas não o primeiro nome (por exemplo, Mrs. Clinton, Mr. Adams, Dr. Dand). (YULE, 1996, p. 59).⁸

Diferente do inglês, citamos o português falado, em que os falantes, para marcar a distância social, utilizam o pronome de tratamento representado por um título seguido do primeiro nome, como, por exemplo, Dona Maria, Dr. Antônio, Presidenta Dilma. Por isso, concordamos com Yule (1996, p. 59), ao postular que “hoje, muito do que nós dizemos, e grande parte do que comunicamos, é determinado por nossas relações sociais. Uma interação linguística é necessariamente uma interação social”.⁹

Como ato de comunicar está diretamente ligado às relações sociais, e a polidez é utilizada como estratégia de construção e preservação de face mediante essas relações; podemos afirmar que no campo da Linguística Textual essas questões pragmáticas são consideradas de profunda importância, uma vez que são pistas das intenções comunicativas dos sujeitos, isto é, referem-se ao projeto de dizer dos indivíduos contextualmente inseridos, que constroem seu discurso em conformidade com a imagem que pretendem construir perante seu meio social. Em outras palavras, a forma como os falantes categorizam seus objetos de discurso é um reflexo da relação pragmática deles com o que referenciam; portanto, a categorização é uma estratégia linguística fundamental na construção de face.

Para melhor compreender a elaboração de face, a seguir resenhamos os estudos de Goffman (1980, 1992), sobre imagem social, e da tríade Lakoff (1975),

⁸ “Speakers who see themselves as lower status in English-speaking contexts tend to mark social distance between themselves and higher status speakers by using address forms that include a title and a last name, but not the first name (for example, Mrs. Clinton, Mr. Adams, Dr. Dang)” (YULE, 1996, p. 59).

⁹ “Yet, much of what we say, and a great deal of what we communicate is necessarily a social interaction” (YULE, 1996, p. 59).

Leech (1983), Brown & Levinson (1987), sobre polidez linguística. Apesar de atualmente existirem diversos modelos como, entre outros, os de Eelen (2001), Watts (2003) e Mills (2003), que estudam a Polidez como produto de uma negociação entre falante e ouvinte, orientada para o ouvinte, sendo possível, não apenas a polidez, mas também a impolidez; aqui, nos detemos aos autores tradicionais, que centram sua atenção na intenção do falante, que almeja sempre salvar a face do ouvinte, a partir do uso de atos de polidez. Os estudos dessa visão partem das premissas Princípio da Cooperação, de Grice (1982 [1975]), e Atos de Fala, de Austin (1990 [1962]) e Searle (1984 [1969]).

Para Terkourafi (2005), em sua classificação dos estudos existentes sobre polidez, os autores de vertente tradicional desenvolvem seus trabalhos com base em uma pessoa modelo, dotada de racionalidade e de face; a polidez, dessa maneira, é tratada como um conjunto de estratégias linguísticas específicas, que são utilizadas de acordo com regras e princípios universalizantes.

1.2.1 A noção de imagem social e o conceito de Face definido por Goffman

Goffman (1992 [1959])¹⁰, em sua primeira obra sobre o comportamento humano, publicada nos anos de 1950 e intitulada de *The presentation of self in everyday life*, utiliza uma metáfora teatral para expor sua teoria social sobre imagem. Para ele, quando um indivíduo se apresenta diante de outros, procura controlar as impressões que transmite, pois, quando chega em um determinado ambiente social, as pessoas geralmente procuram informações ao seu respeito ou fornecem as que já possuem – tais como situação socioeconômica geral, o que pensa de si mesmo, a atitude a respeito deles, a capacidade, a confiança que merece, etc. Essas informações servem para defini-lo de forma geral, “tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN, 1992, p. 11).

¹⁰ A referência utilizada para citação nesta pesquisa é a 5ª edição, de 1992, da tradução feita em 1985 por Maria Célia Raposo, com o título *Representações do Eu na vida cotidiana*. A obra original em inglês data de 1959.

Na perspectiva de Goffman (1992), quando alguém desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que as coisas são o que parecem ser. Para explicar isso, o autor remete a Park (1950), para quem o homem está mais ou menos consciente sempre representando um papel.

Para Goffman (1992), a capacidade de um indivíduo de emitir expressões abarca duas espécies de atividades significativas: a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A primeira seria a comunicação no seu sentido tradicional, e a segunda inclui uma ampla gama de ações. O falante logicamente pode transmitir informações falsas intencionalmente por meio de ambos os tipos de comunicação: o primeiro implica fraude, e segundo dissimulação (Cf. GOFFMAN, 1992).

Apesar dessa reflexão sobre o comportamento social, é em *Interaction Ritual*, publicada nos anos de 1960, que Goffman (1980 [1960])¹¹ formula sua teoria sobre face. Para o autor, o termo *face* é definido como

o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama pra si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados. (GOFFMAN, 1980, p. 76-77).

Como dito em sua obra anterior, o autor explica que toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais. Em cada contato social, o indivíduo põe em ação uma linha, isto é, um padrão de atos verbais e não verbais o qual deverá seguir para delinear seu perfil comportamental, seu papel social. Em outras palavras, Goffman (1980 [1960]) coloca os indivíduos como atores sociais num cenário diante de um público: se o seu papel acarretar uma face esperada por ele em determinado ambiente, esta pessoa terá suas expectativas respondidas e, conseqüentemente, se sentirá bem; caso contrário, se sentirá mal ou se magoará. Sendo assim, são as regras do grupo e a definição da situação que determinam como a face será vista. A partir disso, o autor delimita alguns conceitos, tais quais: estar em face, perder a face e salvar face:

¹¹ Nesta pesquisa utilizamos a tradução de 1980, intitulada "A Elaboração da Face". O original data de 1967, com o título de "On Face-Work", capítulo do livro *Interaction Ritual*, de Goffman.

uma pessoa **tem, está em, ou mantém uma face** quando a linha que efetivamente segue apresenta uma imagem de si mesma internamente consciente, apoiada por julgamentos e evidência transmitida através de agências impessoais na situação. (GOFFMAN, 1980, p. 78, grifos nossos).

Sendo assim, o autor explica que quando um falante sente que está em face, apresenta-se com sentimentos de confiança e segurança, pois está firme na linha a ser seguida. Um falante está na face errada ou fora de face quando surge uma informação sobre seu valor social que não pode ser integrada à linha que está sendo sustentada por ele. E, ele está fora da face quando participa de uma interação sem apresentar pronta uma linha similar a dos participantes da interação; nesse caso, diz-se que ele perdeu a face.

Goffman (1980) explica que ao ficar desacreditado ou perder o prestígio, o falante torna-se urdido, tendendo a sentir-se envergonhado (*shamefaced*) e inferior pelo que aconteceu à atividade por sua culpa e pelo que pode acontecer a sua reputação como participante. Nas palavras do sociólogo, “seus modos e porte podem falsear, entrar em colapso e desintegrar-se e ela pode ficar embaraçada e envergonhada; pode ficar *shamefaced*” (GOFFMAN, 1980, p. 81). É nesse momento que a pessoa deve lançar mão de estratégias de salvamento de face: ela tenta manter a impressão de que não perdeu a face e procura recompor a imagem que tinha diante de seu grupo.

Ao se assumir uma autoimagem, expressa através da face, há expectativas que o falante deve cumprir, de diferentes modos, em diferentes sociedades: ao entrar em uma situação na qual lhe é dada uma face a manter, ele tem a responsabilidade de patrulhar o fluxo de eventos que passa diante de si, para assegurar a manutenção de sua ordem expressiva específica e salvar sua face.

Dessa maneira, a elaboração da face constitui-se de “ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer ato que esteja fazendo consistente com a face” (GOFFMAN, 1980, p. 82). Essa elaboração serve para contrabalançar eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face. Isso porque as faces são, ao mesmo tempo, alvo de ameaças e objeto de desejo de preservação. Como num jogo, é feito um “trabalho de figuração” (*face-work*), ou seja, de máscaras: “tudo que uma pessoa empenha para que suas ações não façam ninguém perder a face (nem mesmo ela própria)” (GOFFMAN, 1980, p. 85).

Assim, nos encontros sociais, deve haver um equilíbrio, uma vez que a manutenção da face é uma condição para que haja interação – e não um objetivo,

como muitos acreditam. Ao tentar salvar sua própria face, o indivíduo deve se valer de ações que não acarretem a perda de face de outros, ao passo que ao tentar salvar a face de outros, ele deve escolher uma ação que não leve à perda da sua própria face.

Goffman (1980), por fim, explica que embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, “trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la” (GOFFMAN, 1980, p. 81). Por isso o auto-respeito e a consideração são duas regras para manter a própria face e a face de outros participantes numa interação.

1.2.2 A Polidez como Máxima Conversacional: a proposta de Lakoff

Com base no princípio da cooperação, formulado por Grice (1982 [1975]), e no indicativo que o autor deixa para a possibilidade de existência de outras máximas; Lakoff (1973, 1975) propõe duas condições para uma comunicação bem sucedida: seja claro e seja polido. Delas, considera a segunda mais importante, porque está relacionada à ideia de conflito: é mais importante evitar conflitos do que ser claro.

Em sua análise sobre a diferença entre as linguagens dos gêneros masculino e feminino, a autora mostra que existem diferentes formas de comportamento linguístico e não linguístico, que podem ser considerados polidos em determinadas sociedades e em determinados estágios de relacionamento, mas rudes em outros. Nesse contexto, a linguista observa que essa diferença acontece devido a *déficits* do estilo conversacional feminino em relação ao masculino, decorrentes de problemas culturais.

A diferença entre a linguagem masculina e feminina é um sintoma de um problema em nossa cultura, e não um problema por si só. Basicamente é um reflexo da expectativa de que homens e mulheres tenham diferentes papéis sociais, diferentes formas de interação, e diferentes reações às outras pessoas (LAKOFF, 1975, p. 52).¹²

¹² “It should be noted that the distinction between men’s and women’s language is a symptom of a problem in our culture, not the problem itself. Basically it reflects the fact that the men and women are expected to have different roles, hold different types of conversations, and react differently to other people” (LAKOFF, 1975, p. 62).

Dessa maneira, para amenizar os choques interacionais, as sociedades desenvolveram a polidez. No entanto, dependendo da comunidade, um mesmo ato nas mesmas circunstâncias pode ser polido em determinado lugar e impolido em outro. Para amenizar esses embates culturais, a autora define 3 regras gerais de polidez:

- a) regra da formalidade: mantenha distância;
- b) regra de respeito: dê opções;
- c) regra da camaradagem: mostre simpatia.

A primeira regra está relacionada à etiqueta, às relações formais e impessoais; geralmente é utilizada em situações onde há diferença de poder e/ou de *status* entre os participantes. Essa regra “distancia o falante tanto do destinatário quanto do conteúdo enunciado, implicando que não há conteúdo emotivo em seu discurso, e, assim, os participantes podem permanecer indiferentes” (LAKOFF, 1975, p. 65).¹³ Como forma de manter a distância, os falantes geralmente utilizam títulos (Dr., Mestre, Senhor) e evitam o uso de coloquialismo, dando preferência à estruturas mais complexas e normativamente corretas.

A segunda regra pode ser utilizada sozinha ou em combinação com as outras duas. Esse tipo de interação sugere participantes que não são socialmente íntimos, mas que apresentam poder e/ou *status* aproximadamente equivalentes. Nela, o falante demonstra que a opção de como se comportar é opção do ouvinte, no entanto, muitas vezes é mera convenção: o falante sabe que tem o poder de impor sua decisão. Como exemplo, temos hesitações, eufemismos, atenuadores e perguntas no final das afirmações: mecanismos que demonstram incerteza sobre a afirmação.

A terceira regra, finalmente, é utilizada para o ouvinte sentir-se admirado e querido pelo falante. Geralmente, esta regra ocorre em situações informais, quando se emprega a linguagem coloquial, com uso de gírias e palavrões, em vez de uma linguagem elaborada – como na regra da formalidade – ou eufemismos – como na regra do respeito. Dessa maneira, o falante – empregando estratégias como primeiro nome, apelidos, e, em alguns casos, último nome – é direto em suas afirmações, a

¹³ “*This distance speaker both from addressee and from what he is saying, implying that there is no emotive content to his utterance, and thus the participants can remain aloof*” (LAKOFF, 1975, p. 65).

fim de compartilhar um sentido de “estamos juntos nessa, nós nos entendemos, não precisamos de cerimônias” (LAKOFF, 1975, p. 68).¹⁴

Lakoff (1973, 1975) ressalta que em cada relacionamento há uma regra a ser aplicada, a qual pode apresentar diferença de acordo com as tradições. Por isso, diz-se que as regras de polidez são universais; entretanto, as condições de aplicação de cada norma dependem da cultura dos enunciadores.

1.2.3 As Máximas da Polidez: a proposta de Leech

Em seu livro *Principles of pragmatics*, embasado nos estudos de Searle (1984 [1969]), sobre atos ilocucionários, e de Grice (1982 [1975]), sobre implicaturas conversacionais; Leech (1983) desenvolve sua visão de pragmática, a partir do conceito de língua como um sistema de comunicação.

De acordo com o autor, na comunicação, há uma aproximação entre a retórica e a pragmática: ao comunicar, o falante é tido como alguém que busca alcançar seus objetivos comunicacionais de forma eficaz, porém sofre o constrangimento imposto pelo princípio da cooperação e pelas máximas conversacionais (Cf. Grice, 1982 [1975]). Dessa forma, para desviar-se dos postulados griceanos de um bom comportamento comunicacional, existem outros princípios envolvidos na interação: o Princípio da Polidez (PP), o Princípio da Ironia (PI) e o Princípio do Gracejo (PG). Para fins metodológicos, nos atemos apenas ao Princípio da Polidez, assunto de nossa pesquisa.

Leech (1983) explica a polidez como um fator pragmático importante nas interações, pois envolve questões sociais e psicológicas, não se restringindo apenas à questão de sentido pretendido e comunicado pelo falante. A polidez, dessa maneira, explica (1) por que as pessoas são tão indiretas quando querem comunicar algo; e (2) qual a relação entre sentido e força ilocucional, quando se trata de sentenças não declarativas.

De forma geral, o princípio da polidez tem a função de “manter o equilíbrio social e as relações amigáveis, o que nos permite presumir que nossos

¹⁴ “We’re in this together, we understand each other, we don’t ha to stand on ceremony with each other” (LAKOFF, 1975, p. 68).

interlocutores estão sendo cooperativos” (LEECH, 1983, p. 82).¹⁵ Nesse contexto, há uma escala de polidez das elocuições, com um polo negativo e um polo positivo: há elocuições – ordens, por exemplo – que são inerentemente indelicadas; ao passo que há elocuições – ofertas, por exemplo – que são inerentemente educadas. Por isso, de acordo com o PP, existem duas formas de polidez: uma positiva e outra negativa. “Na sua forma negativa, a polidez tem função de minimizar as expressões impolidas; na sua forma positiva, a polidez tem função de maximizar as expressões polidas” (LEECH, 1983, p. 83-84).¹⁶

Leech (1983) atribui o termo “polido” a normas culturais/comportamentais de determinadas comunidades, segundo o autor,

as pessoas normalmente usam o termo “polido” em um sentido relativo, isto é, em relação a alguma norma de comportamento que, para um ambiente particular, eles consideram típica. Essa norma pode ser de uma determinada cultura ou comunidade linguística. Por exemplo, eu sempre escuto que poloneses, russos, etc., nunca são educados; também escuto que os chineses e os japoneses são muito educados em comparação aos europeus, e assim por diante. Esses comentários estereotipados são muitas vezes baseadas em evidências parciais, sendo, portanto, uma das tarefas da pragmática examinar a extensão social em que as comunidades linguísticas não diferem na aplicação do PP. (LEECH, 1983, p. 84).¹⁷

Para Leech (1983), o que na verdade vai determinar o grau de polidez é a força ilocucionária do enunciado; dessa maneira, apresenta quatro classificações principais, definidas pela relação entre a força do ato ilocucionário e o objetivo social pretendido pelo falante de estabelecer e/ou manter alguma relação com o ouvinte:

- a) competitiva: o objetivo do ato ilocucionário compete com a boa relação social. Ex.: ordens, pedidos, perguntas, etc.;
- b) de convivência: o objetivo do ato ilocucionário coincide com a boa relação social. Ex.: ofertas, convites, agradecimento, parabenização, etc.;

¹⁵ “The PP has a higher regulative role than this: to maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative in the first place” (LEECH, 1983, p. 82).

¹⁶ “Negative politeness therefore consists in minimizing the impoliteness of impolite illocutions, and positive politeness consists in maximizing the politeness of polite illocutions” (LEECH, 1983, p. 83-84).

¹⁷ “People typically use ‘polite’ in a relative sense: that is, relative to some norm of behavior which, for a particular setting, they regard as typical. The norm may be that of a particular culture or language community. For example, I have been seriously told that ‘Poles/ Russians/ etc. are never polite, and it is commonly said that ‘the Chinese and the Japanese are very polite in comparison with Europeans’ and so on. These stereotypic comments are often based on partial evidence, and one of the tasks of what I earlier called ‘social pragmatics’ is to examine the extent to which language communities do differ in their application of the PP” (LEECH, 1983, p. 84).

- c) colaborativa: o objetivo do ato ilocucionário é indiferente à boa relação social. Ex.: afirmação, relatos, anúncios, etc.;
- d) conflitiva: o objetivo do ato locucionário conflita com a boa relação social. Ex.: ameaças, acusações, repreensões, etc.

Dos cinco atos, os dois primeiros claramente envolvem polidez. Na categoria competitiva, a polidez é negativa: o PP é requerido para mitigar a descortesia intrínseca na competição entre o que o falante quer alcançar e o que são boas maneiras. Na categoria de convivência, pelo contrário, a polidez é positiva: o PP é requerido para buscar oportunidades na comunicação para ser polido.

Nas categorias colaborativa e conflitiva, a polidez, em grande parte, é irrelevante. Pois, na primeira, entra o discurso escrito; ao passo que, na segunda, a natureza do discurso é de causar ofensa. Apesar disso, acreditamos que na categoria colaborativa acontece a polidez positiva; isso porque os depoimentos de Orkut são relatos de amigos sobre o dono do perfil que colaboram com a formação de sua imagem social.

Focando-se nas categorias conflitiva e de convivência, que correspondem às categorias de polidez negativa e polidez positiva, Leech (1983) relaciona esses tipos de polidez aos atos de fala, categorizados por Searle (1984). Para isso, o autor explica a polidez como algo assimétrico:

o que é educado para o ouvinte ou para uma terceira parte será indelicado para o falante, e vice-versa. A justificativa para as máximas de polidez é que elas explicam tais assimetrias e suas consequências em termos de indiretividade. Explico isso com referência ao que talvez seja o tipo mais importante de polidez em comunidades de Inglês falado: o que é conhecido por operação da MÁXIMA DO TATO. (LEECH, 1983, p. 109).¹⁸

A máxima do tato é a principal de um conjunto de máximas postuladas por Leech (1983) como pertencentes a um comportamento educado, em que geralmente estão envolvidos dois participantes: o ouvinte (ou *Other*) e o falante (ou *Self*). Essas máximas são divididas em seis categorias do Princípio da Polidez, postuladas como um complemento às máximas conversacionais, de Grice (1982), são elas:

¹⁸ "What is polite with respect to *h* or to some third party will be impolite with respect to *s*, and vice versa. The justification for the maxims of politeness is precisely that they explain such *asymmetries*, and their consequences in terms of *indirectness*. I shall first of all explain this with reference to what is perhaps the most important kind of politeness in English-speaking society: that which covered by the operation of the TACT MAXIM" (LEECH, 1983, p. 109).

- máxima do tato:
 - a) minimize a expressão de crenças que sugerem custo para o outro;
 - b) maximize a expressão de crenças que sugerem benefício para o outro;

- máxima da generosidade:
 - a) minimize a expressão de benefício para si mesmo;
 - b) maximize a expressão de custo para si mesmo;

- máxima da aprovação:
 - a) minimize a expressão de crenças que expressem desaprovação do outro;
 - b) maximize a expressão de crenças que expressem aprovação do outro;

- máxima da modéstia:
 - a) minimize a expressão de elogio para si próprio;
 - b) maximize a expressão de desaprovação para si mesmo;

- máxima do acordo:
 - a) minimize a expressão de discordância entre você e o outro;
 - b) maximize a expressão de acordo entre você e o outro;


- Máxima da simpatia:
 - a) minimize expressão de antipatia de você para o outro;
 - b) maximize expressão de simpatia de você para o outro.

a. As Máximas da Polidez

Aplica-se a máxima do tato às categorias diretiva e comissiva dos atos ilocucionais (ver p. 16). Refere-se, no contexto proposicional, a alguma ação a ser executada ou pelo ouvinte ou pelo falante, que pode ser avaliada em termos de custo e benefício para ambos, segundo os postulados a seguir:

– Quanto mais benefícios há para o ouvinte, mais polida a frase imperativa é. Porém, quanto mais custos ao ouvinte, menos polida ela é. No exemplo (1), apresentado por Leech (1983), o autor apresenta uma escala de atos do menos polido até o mais polido:

(1)

a) descasque essas batatas;		Menos polido/ custo para O
b) me empresta o jornal;		
c) sente-se;		
d) olha aquilo!		
e) aproveite seu feriado;		
f) coma outro sanduiche.		Mais polido/ benefício para O

– O grau de polidez aumenta quando se usar ilocuções indiretas. “Ilocuções indiretas tendem a ser mais polidas (1) porque elas aumentam os graus de opções, e (2) porque quanto mais indiretas são, menor e mais provisória é sua força ilocucional” (LEECH, 1983, p. 109)¹⁹. No exemplo (2), Leech (1983) demonstra esses graus de polidez numa escala que vai do ato mais impolido até o mais polido.

(2)

- a) *Atenda ao telefone;*
- b) *Eu quero que você atenda o telefone;*
- c) *Você vai atender o telefone?*
- d) *Você se importa de atender o telefone?*
- e) *Você poderia, por favor, atender o telefone?*

Como podemos observar, a máxima do tato apresenta dois lados. Um lado negativo, em que se minimiza o custo (e aumenta o benefício) para o ouvinte; e um lado positivo, decorrente natural do primeiro: ao propor alguma ação benéfica para o

¹⁹ “Indirect illocutions tend to be more polite (a) because they increase the degree of optionality, and (b) because the more indirect an illocution is, the more diminished and tentative its force tends to be” (LEECH, 1983, p. 109).

ouvinte, o falante leva a locução para um viés positivo, assim, restringe a oportunidade do ouvinte de dizer não.

A Máxima da generosidade também é aplicada às categorias diretiva e comissiva dos atos ilocucionais: minimiza-se o efeito de um pedido ao oferecer uma opção ao destinatário. Uma oferta, nesse caso, é polida, porque aparenta não ser um sacrifício para o falante; assim, torna-se menos impolido para o ouvinte aceitar. Observe o exemplo abaixo, de Leech (1983):

(3)

a) *you can lend me your car. (impolite);*

b) *i can lend you my car;*

c) *you must come and eat with us;*

d) *we must go and eat with you. (impolite).*

Os atos **b** e **c** são considerados polidez, pois implicam um benefício para o ouvinte e um custo para o falante; ao passo que nos atos de fala **a** e **d** acontece o contrário, por isso são considerados impolidos.

Diferente das máximas do tato e da generosidade, a máxima da aprovação, considerada uma das máximas mais usuais, é comum às categorias assertiva e expressiva. Esses atos de fala apresentam menos diferenças no que se refere às culturas, pois são enunciações para valorizar o outro, num sentido de exaltação, contemplação:

(4) *"A sua apresentação estava **marcante!** Muito bom **trabalho**".*

Já na máxima da modéstia, também comum aos atos expressivos e assertivos, o cuidado deve ser um pouco maior, pois a maneira como diferentes sociedades lidam com essa máxima diferencia-se bastante. Por exemplo, a forma como um americano recebe um elogio, é muito distinta da dos japoneses: os americanos simplesmente agradecem, ao passo que os japoneses negam o máximo possível, porque para eles a máxima da modéstia é muito forte. Questões como essa motivaram o autor a caracterizar essa máxima como assimétrica.

Para finalizar, restam-nos as máximas do acordo e da simpatia, comuns aos atos de fala assertivos. De acordo com os postulados de Leech (1983), numa interação, o melhor é haver uma concordância, mesmo que parcial, e um direcionamento do discurso para algo que o ouvinte queira escutar; assim, o falante não se mostrará impolido, mas amigável, cortês. No exemplo a seguir, dado pelo autor, podemos notar um exemplo da máxima do acordo, em que **b** não concorda totalmente com **a**, mas, com a finalidade de ser polido, concorda inicialmente com ele, para em seguida apresentar seu ponto de vista:

(5)

- a) *Inglês é uma língua muito difícil de se aprender!*
- b) *Verdade. Mas a gramática é um tanto fácil.*

Já no exemplo a seguir, referente à máxima da simpatia, Leech (1983) mostra que não apenas felicitações, mas condolências também pertencem a essa Máxima.

(6) *“Minhas condolências sobre a morte de seu gato”.*

Consideramos importante ressaltar que essas máximas não possuem o mesmo peso numa interação. Para Leech (1983), a máxima do tato é mais importante que a da aprovação, e a máxima da aprovação é mais importante que a da modéstia. Segundo o autor, isso

reflete uma lei mais geral de que a polidez é mais focada nos outros do que no *self*. Além disso, dentro de cada máxima, a submáxima b parece ser menos importante do que a submáxima a; isso ilustra novamente a lei mais geral que a polidez negativa (para evitar a discordância) é uma consideração mais forte do que polidez positiva (buscar a concordância). Uma diferença ainda mais importante que devemos notar, embora não se reflita na forma das máximas é: polidez para o destinatário é geralmente mais importante do que a polidez para com terceiros. (LEECH, 1983, p.133).²⁰

Apesar da postulação dessas regras de polidez, Leech (1983) explica que devemos ter em mente que as máximas não são regras absolutas, que elas devem ser observadas até determinado momento. Caso uma pessoa fique, por exemplo,

²⁰ *“Reflects a more general law that politeness is focused more strongly on other than on self. Moreover, within each maxim, sub-maxim (b) seems to be less important than sub-maxim (a), and this again illustrates the more general law that negative politeness (avoidance of discord) is a more weighty consideration than positive politeness (seeking concord). One further difference in importance should be noted, although it is not reflected in the form of the maxims: politeness towards an addressee is generally more important than politeness towards a third party”* (LEECH, 1983, p.133).

seguindo constantemente a submáxima “maximize desprezo por si”, ela tornar-se-á entediante: ficará a todo o momento se auto denegrindo, além de ser julgada como insincera. Nesse contexto, a máxima da qualidade (Grice, 1982) torna-se importante, pois restringe o falante de ser muito modesto.

1.2.4 Sobre a preservação de faces: a proposta de Brown e Levinson

A partir do conceito de face formulado por Goffman (1980 [1967]) e dos estudos pragmáticos de Austin (1990 [1962]), Searle (1984 [1969; 1979]) e Grice (1980 [1975]); Brown & Levinson (1967, 1978)²¹ elaboram o seu modelo sobre a construção da imagem social em “*Politeness: some universals in language usage*”. Nessa obra, os autores provam, a partir da análise de interações entre falantes de três línguas de sociedades diferentes²², que diferentes culturas apresentam alguns princípios gerais no que diz respeito à interação, tais como a cooperação, a preservação de face e a ameaça à face do outro.

Brown & Levinson (1978) partem da noção, desenvolvida por Goffman (1980 [1967]), de face como uma espécie de máscara utilizada pelos indivíduos para serem aceitos socialmente; redefinindo-a como “a autoimagem pública que cada membro quer reivindicar para si” (BROWN & LEVINSON, 1978, p. 61)²³: é uma competência que todo membro adulto de uma sociedade possui, com investimento emocional, podendo ser perdida, mantida ou intensificada; por isso, deve ser constantemente cuidada numa interação. A face consiste em dois aspectos:

face negativa: é a da reivindicação de territórios, dos desejos pessoais de liberdade de ação e de ausência de imposição;

face positiva: consiste no desejo de que a autoimagem, ou a personalidade seja

²¹ Aqui utilizamos duas datas para fazermos referência ao trabalho de Brown & Levinson sobre Polidez, pois apesar de nas citações utilizarmos a obra *Politeness: some universals in language usage*, de 1978, a primeira publicação do texto é de 1967, como parte do livro *Questions and politeness*, de Ester Goody. Posteriormente, ele é reimpresso na forma de livro com correções, uma nova introdução e uma nova bibliografia.

²² As línguas e culturas analisadas pelos autores foram o Tâmil, do sul da Índia; o Tzeltal, falado pelos índios Maias em Chiapas, no México; e o inglês, dos Estados Unidos da América e da Inglaterra.

²³ “*The public self-image that every member wants to claim for himself*” (BROWN & LEVINSON, 1978, p. 61).

apreciada e aprovada.

Os autores explicam que o falante pode apresentar os dois tipos de face, construídas de acordo com o “verdadeiro eu” do indivíduo, somado a fatores como o prestígio pretendido e as expectativas em relação à sua imagem pública: se ele deseja ser agradável aos outros, ser aceito; ou se almeja agir livremente, ser independente e não sofrer imposições. Sendo assim, numa interação, geralmente as pessoas cooperam – e também pressupõem a cooperação mútua – para que suas faces sejam mantidas. Isso porque a face é vulnerável, uma vez que os falantes entram em interação, elas são postas em desequilíbrio; dessa forma, qualquer ato de fala pode ser uma ameaça. Para que ela seja mantida, os falantes cooperam, a não ser que queiram atingir uma das faces do outro. Nesse sentido, Guimarães (2010), ao dissertar sobre o assunto, explica que

Brown e Levinson, assim como Goffman, também concebem a interação verbal como uma atividade inerentemente ameaçadora da face. Para esses autores, o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces. Por esta razão, os autores afirmam que, em geral, ao se engajarem em uma conversação, os indivíduos estão conscientes da vulnerabilidade da face e assim cooperam mutuamente para sua manutenção. (GUIMARÃES, 2010, P. 28).

a. Os Atos de ameaça e de atenuação de faces

Como já dito, todos os atos de fala emitidos numa interação, de certa forma, são ameaçadores a uma das faces do outro. Para Brown & Levinson (1978), quando um falante diz algo que ameaça as expectativas de face do outro, acontece um ato de ameaça à face (AAF).²⁴ Assim, os AAF's envolvidos no jogo interativo são divididos por eles em quatro: AAF's às faces positiva e negativa do falante (*F*), e AAF's às faces positiva e negativa do ouvinte (*O*):

²⁴ Aqui utilizaremos a sigla AAF para 'Atos de Ameaça à Face', do inglês *Face Threatening Acts (FTA's)*.

- a) **atos ameaçadores da face negativa do falante:** são atos que representam um comprometimento, como as promessas, as propostas, os julgamentos, os agradecimentos, aceitar ofertas, aceitar desculpas, etc;
- b) **atos ameaçadores da face positiva do falante:** são atos que representam uma auto-humilhação, como reconhecimentos de limitações, as confissões, o pedido de desculpas, as autocríticas, etc.;
- c) **atos ameaçadores da face negativa do ouvinte:** são os atos que ameaçam a liberdade de ação do ouvinte; são, por exemplo, as perguntas indiscretas, os pedidos, as ordens, as proibições, os conselhos não solicitados, as cobranças de favor, as ameaças, etc.;
- d) **atos ameaçadores da face positiva do ouvinte:** são atos que censuram a imagem que o indivíduo quer construir, indicando que *F* não se importa com os sentimentos e desejos de *O*. Como exemplos, temos as críticas, as refutações, as censuras, os insultos, os escárnios, falar sobre assuntos inapropriados, etc.

Esses quatro atos podem acontecer de forma explícita ou implícita; a ameaça explícita deixa o falante vulnerável a uma replica do ouvinte. Para que isso não aconteça, ele utiliza ações corretivas²⁵, assim, ameniza o efeito do seu ato. As estratégias podem, então, ser resumidas pelo esquema a seguir:



Figura 1: Estratégias de AAF
(Fonte: Costa & Melo, 2011)

Para melhor explicar essa figura, adaptamos a seguir um tradicional exemplo de interação do dia a dia em sala de aula, formulado por Yule (1996, p. 63).

²⁵ Do inglês *Redress*. De acordo com os autores, os indivíduos nem sempre agem conscientes ao utilizarem uma estratégia de polidez, por isso empregam esse termo, por remeter ao racional; porém não necessariamente ao consciente.

(7) Um aluno ao chegar à sala, pega o seu caderno para fazer as anotações e dá-se conta de que esqueceu sua caneta. Sua opção é pedir uma a alguém (fazer um AAF) ou não pedir a ninguém (não fazer um AAF). Caso a sua opção seja a primeira, o aluno, dentre várias possibilidades de questionamento, pode:

- a) Utilizar de um ato não verbal e continuar a procurar pela caneta até que alguém note;
- b) Utilizar uma expressão linguística do tipo: “Poxa, esqueci minha caneta”.

Em ambos os casos, o aluno não pediu explicitamente uma caneta emprestada, apenas insinuou que não a tem. Seus companheiros de sala podem simplesmente agir como se não tivessem percebido o ocorrido ou podem oferecer-lhe uma. É nesse ato implícito – ou indireto (*off record*) – que o locutor não deseja ameaçar a face negativa do ouvinte, então se esquivava da responsabilidade do enunciado; assim, deixa o interlocutor responsável pelas inferências, e corre o risco de não ser bem sucedido.

Caso um colega da turma ofereça uma caneta, ele reconheceu a necessidade do outro e ofertou, sem sua face ser posta em confronto. Dessa forma, a interação é bem sucedida, pois foi comunicado muito mais do que foi dito.

Ao contrário disso, o aluno pode assumir uma atitude mais explícita e pedir diretamente (*on record*) a caneta:

- c) Ei, me empresta uma caneta?
- d) Ei, será que você poderia me emprestar uma caneta?

Com atos explícitos, o falante revela que quer assumir e se comprometer com seu ato de fala. Nesses casos, ele pode apresentar uma ação corretiva (*bald on record*) e utilizar um atenuador para ser indireto, como no ato de fala **d**; ou pode ser direto, sem atenuação, como no ato de fala **c**.

Quando opta pela ação corretiva, o falante faz um grande esforço para manter a sua face, a partir do uso das estratégias de polidez positiva ou negativa – no caso do exemplo formulado por Yule (1996), polidez negativa. Assim, para Brown & Levinson (1987), o falante garante a transmissão eficaz da informação e, ao mesmo

tempo, a melhoria das relações sociais por meio da preservação da face dos interactantes: ele mostra que não tem a intenção de prejudicar o ouvinte, mas sim de cooperar com a preservação de sua face.

Para os autores, os interactantes sabem da necessidade de serem polidos, ou mesmo de seguirem a etiqueta em determinadas situações, para abrandar o efeito de um AAF e preservarem a suas faces e a de seus parceiros; por isso, usam estratégias de polidez.

b. Estratégias de polidez indireta

Ao recorrer à polidez indireta – ou implícita (*off record*) –, a responsabilidade da interpretação do enunciado é deixada para o ouvinte: o falante cria implicaturas, as quais o ouvinte deve inferir. Desse modo, o falante não se compromete com os AAF que emite, deixando a possibilidade de várias interpretações para seu interlocutor. No entanto, é importante salientar que

muitas das estratégias indiretas clássicas – metáfora, ironia, eufemismo, perguntas retóricas, etc. – são muitas vezes diretas quando usadas, porque as pistas para a sua interpretação (o conhecimento mútuo de *F* e *O* em contexto; as pistas entonacional, prosódica e cinésica na atitude do falante; as pistas derivadas de sequenciamento de conversação) somam apenas uma interpretação realmente viável no contexto. (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 212).²⁶

A figura 2, a seguir, formulada pelos autores, contempla uma representação de possíveis AAF indireto, gerados a partir da violação das máximas conversacionais, definidas por Grice (1982):

²⁶ “Many of the classic off-record strategies – metaphor, irony, understatement, rhetorical questions, etc. – are very often actually on record when used, because the clues to their interpretation (the mutual knowledge of *S* and *H* in the context; the intonational, prosodic and kinesic clues to speaker’s attitude; the clues derived from conversational sequencing) add up to only one really viable interpretation in the context” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 212).

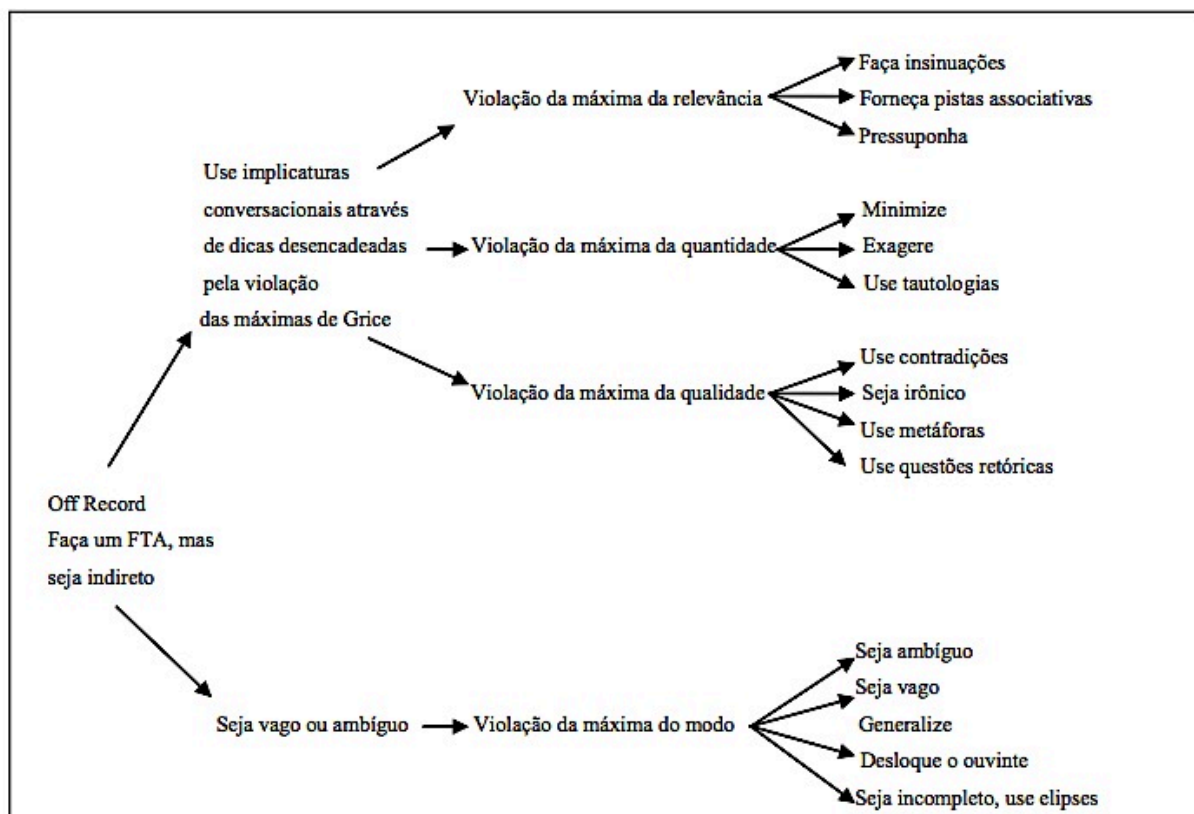


Figura 2: AAF indireto
(Fonte: Guimarães, 2010, p. 38)

Esta figura é uma representação das estratégias indiretas apresentadas por Brown & Levinson (1987). Segundo eles, caso o falante queira provocar um AAF, ele deve provocar uma implicatura conversacional a partir da violação de uma das máximas (Cf. Grice, 1982 [1975]). Para isso, são utilizadas estratégias, classificadas pelos autores de acordo com as pistas dadas pelo falante para a inferência pretendida.

– Máxima da Relevância:

Estratégia 1: Forneça dicas, pistas, ao ouvinte.

Ex.: Que filme chato!! (Vamos parar de assistir)

Estratégia 2: Ofereça pistas de associação.

Ex.: Você vai ao mercado amanhã?... Tem mercado amanhã, não tem?
(Gostaria de uma carona para o mercado).

Estratégia 3: Pressuponha.

Ex.: Eu lavei o carro de novo. (Eu estou reclamando por estar lavando outra vez).

– Máxima da quantidade:

Estratégia 4: Minimize.

Ex.: Está um pouquinho quente aqui. (Tô morrendo de calor).

Estratégia 5: Exagere.

Ex.: Eu tentei te ligar um milhão de vezes, mas ninguém atendeu.

Estratégia 6: Use tautologias como uma desculpa

Ex.: Garotos são garotos.

– Máxima da Qualidade:

Estratégia 7: Faça contradições.

Ex.: A) Você está chateada?

B) Bem, tô, mas não tô.

Estratégia 8: Seja irônico.

Ex.: John é um verdadeiro gênio. (depois de ele fazer algo realmente estúpido).

Estratégia 9: Use metáforas.

Ex.: Ele é um peixe. (nada como um peixe).

Estratégia 10: Faça perguntas retóricas.

Ex.: Por que você acha que eu faria aquilo?

– Máxima do modo

Estratégia 11: seja ambíguo

Ex.: John é um cozinheiro muito bom.

Estratégia 12: seja vago

Ex.: Estou indo alí.

Estratégia 13: Generalize

Ex.: Quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra.

Estratégia 14: Desloque O

Sem exemplos.

Estratégia 15: Seja incompleto, use elipses.

Ex.: Bom, eu não vi você...

c. Estratégias de polidez direta

Como foi explicado acima, numa interação, o falante lança mão de certas estratégias para produzir ou não um AAF. Caso opte por assumir seu ato linguístico e comunicar o pretendido, ele pode ser indireto ou direto (*on record*).

Quando é direto, o ato pode acontecer sem ação atenuadora – como no exemplo (7) apresentado “Me dá uma caneta” –, ou com ação atenuadora. No segundo caso, o falante está preocupado em minimizar o potencial de ameaça à face de ouvinte. Para isso, utiliza estratégias a fim de deixar bem claro que seu desejo não é ameaçar a face do ouvinte, mas de comunicar o conteúdo almejado. A ação atenuadora pode acontecer direcionada para a face positiva (desejo de aprovação) ou para a face negativa (liberdade de ação) do ouvinte: no primeiro caso, trata-se de polidez positiva; no segundo, de polidez negativa.

1. Polidez Positiva

As estratégias de polidez positiva são aquelas em que o falante favorece a face positiva do ouvinte, demonstrando respeito e admiração por ele, numa tentativa de reduzir a distância social entre os dois; ou seja, de mostrar que o desejo do ouvinte de ser aceito pelo interlocutor foi realizado. Elas são subdivididas por Brown & Levinson (1978) em três mecanismos, que englobam 15 estratégias:

a) De atenção ao “conhecimento em comum”: indica que ambos, falante e ouvinte, têm muitas coisas em comum, mesmo desejos, objetivos e valores sobre a vida:

Estratégia 1: Observe interesses, desejos, necessidades do ouvinte.

Ex.: Que lindo vaso!!! De onde você é?

Estratégia 2: Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo ouvinte.

Ex.: Nossa! Que jardim maravilhoso você tem!

Estratégia 3: Intensifique o interesse pelo ouvinte.

Ex.: Você sempre lava as vasilhas. Eu as lavarei hoje.

Estratégia 4: Use marcas de identidade de grupo.

Ex.: Traga-me suas roupas sujas para lavar, querido.

Estratégia 5: Procure concordância.

Ex.: A) John foi para Londres nesse final de semana!

B) Nossa! Londres!

Estratégia 6: Evite discordância.

Ex.: A) Aquela aí é pequena, né?

B) Sim, sim. Ela é pequena, pequenininha...hum...não muito pequena, também não é grande.

Estratégia 7: pressuponha, relembre, diga coisas a fim de estabelecer um ponto de vista, ou conhecimento, em comum com o ouvinte.

Ex.: Olhe, você sabe que farei um teste, né? Então, você pode me emprestar sua enciclopédia?

Estratégia 8: Brinque baseado em conhecimentos comuns com o ouvinte.

Ex.: Bem, e se eu atacar esses bolinhos horríveis agora?

b) De cooperação entre *F* e *O*: mostra que falante e ouvinte estão envolvidos na interação, a fim de preservar a face positiva de ambos.

Estratégia 9: Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos dos outros.

Eu sei que você odeia festas, mas essa será muito legal, vamos!

Estratégia 10: Ofereça, prometa, mesmo que seja falso.

Ex.: Algum dia da semana, eu apareço.

Estratégia 11: Seja otimista, está associada à estratégia da cooperação, quando *F* assume que *O* quer a mesma coisa que ele.

Ex.: Espere um pouco! Você ainda não escovou o cabelo!

Estratégia 12: Inclua o ouvinte na atividade (utilize sempre o pronome nós).

Ex.: Vamos comer um bolinho, então. (ou seja, eu).

Estratégia 13: Assuma que quer fornecer ou pedir ajuda, sugestões de forma direta ou indireta.

Ex.: Por que não me empresta sua casa de campo para o fim de semana?

Estratégia 14: Simule ou explícite reciprocidade.

Ex.: Como você fez *X* para mim, então farei *Y* para você.

c) De mostrar interesse e querer satisfazer os desejos do ouvinte - por algum motivo:

Estratégia 15: Forneça presentes ao ouvinte (qualidade, simpatia, cooperação). F mostra o quanto O é querido, admirado, compreendido.

2. Polidez Negativa

Dirigida à face negativa do ouvinte, a polidez negativa está relacionada ao desejo de ter liberdade de ação. Dessa maneira, as expressões relacionadas a ela são as que não impõem ou interferem na intimidade do ouvinte, utilizando-se sempre um comportamento respeitoso, cortês.

A polidez negativa é a base de um comportamento respeitoso, da mesma forma que a polidez positiva é a essência de um comportamento familiar e brincalhão: “enquanto a polidez positiva é livre de limites, a polidez negativa é específica e focada” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 129).²⁷

As estratégias de polidez negativa são usadas quando um falante pretende construir um distanciamento social em suas interações:

quando pensamos em polidez nas culturas ocidentais, é a polidez negativa que vem à tona. Em nossa cultura, a polidez negativa é o mais elaborado e mais convencionalizado conjunto de estratégias linguísticas para a amenização dos AAF. É o assunto que mais enche os livros de etiqueta. (BROWN & LEVINSON, 1987, 129).²⁸

Desse modo, os autores dividem a Polidez negativa em cinco mecanismos, compostos por 10 estratégias, subdividas em 5 grupos:

a) Seja direto: Diferente da polidez sem ação corretiva, quando a mensagem é construída de forma “seca”, sem atenuadores; há estratégias de polidez que minimizam a imposição:

²⁷ “Where positive politeness is free-ranging, negative politeness is specific and focused” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 129).

²⁸ “When we think of politeness in Western cultures, it is negative-politeness behavior that springs to mind. In our culture, negative politeness is the most elaborate and the most conventionalized set of linguistic strategies for FTA redress; it is the stuff that fills the etiquette books” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 129).

Estratégia 1: Seja convencionalmente indireto.

Ex.: Por favor, você poderia me passar o sal?

b) Não presume, assuma: evite pressupor que qualquer coisa relacionada ao AAF seja desejada pelo ouvinte; ou seja, evite pressuposições sobre seus desejos e intenções, mantendo uma distância dele.

Estratégia 2: Utilize atenuantes.

Ex.: Você está *um pouco* certa.

c) Não coaja o ouvinte: ao emitir um ato que envolva a predicação do ouvinte (como em um pedido), dê a opção de ele não fazer o ato.

Estratégia 3: Seja pessimista.

Ex.: Você não deve ter trazido dinheiro. Você trouxe?

Estratégia 4: Minimize a imposição, mostrando a necessidade dela

Ex.: Eu só queria saber se você poderia me emprestar um pedacinho de papel.

Estratégia 5: Use deferências para mostrar humildade relativa

Ex.: “Por favor, traga a sua enobrecedora presença à cabana de uma pessoa que às vezes é como poeira.”

d) Comunique o desejo de não usurpar o território do ouvinte.

Estratégia 6: Peça desculpas.

Ex.: Perdão, você deve estar muito ocupado, mas eu gostaria de saber se ...

Estratégia 7: impessoalize, evite pronomes como “eu” e “você”

Ex.: Isso parece sério.

Estratégia 8: Estabeleça o AAF como uma regra geral.

Ex.: Os EUA lamenta pelo ocidente.

Estratégia 9: Nominalize.

Ex.: É um prazer estar apto a recebê-lo. A recepção será à noite.

e) Atenuar aos desejos do ouvinte:

Estratégia 10: Mostre que está assumindo uma dívida com o ouvinte.

Ex.: Eu nunca poderei pagar o que fez por mim.

d. Aplicabilidade das estratégias de Polidez

Dadas as estratégias de polidez, Brown & Levinson (1978) afirmam que qualquer falante escolheria o mesmo tipo de AAF nas mesmas condições, porque suas escolhas irão depender de três variáveis sociais:

- a) a distância social entre *F* e *O*;
- b) relação de poder entre *F* e *O*, ou seja, o grau de imposição entre os falantes;
- c) as normas de conduta da cultura; o valor de um AAF em cada cultura (Cf. BROWN & LEVINSON, 1978).

Para cada AAF, a gravidade é determinada pelo risco de perder a face de um dos participantes em relação ao valor dessas três variáveis sociais e do contexto situacional. Sendo assim, ao fazer um AAF, o falante observa essas três variantes e escolhe a que tem maior efeito cognitivo e menor prejuízo às faces envolvidas na interação.

Dessa maneira, podemos concluir que, para os autores, interação é entendida com um jogo em que o objetivo é cooperar para que haja a preservação das faces com a utilização das estratégias de polidez.

CAPÍTULO 2

UMA NOÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: SOBRE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

Muito mais pela metáfora da “lâmpada” que do “espelho”, pois ela não é uma representação especular do mundo e sim uma apresentação; a língua não é um *retrato* e sim um *trato* do mundo, isto é, uma forma de agir sobre ele. (MARCUSCHI, 2007, p. 108).

Quando nos ocupamos da compreensão de uma construção textual, podemos lançar mão de várias perspectivas cujas abordagens sobre língua, sujeito e texto podem proporcionar explicações completamente antagônicas. A perspectiva que adotamos é a sociocognitivo-interacional. Nela, o texto deixa de ser visto como um conjunto de palavras com significados que o leitor deve decodificar, e passa a ser um construto do que o autor, a partir da sua formação sociodiscursiva, quis dizer. O leitor, dessa maneira, passa a ser um produtor do significado pela combinação de seus conhecimentos anteriores com os conhecimentos do texto, que, por sua vez, são obtidos a partir das experiências do autor.

Seja por experiência própria, seja transmitidos por outros, cada autor possui conhecimentos sobre um objeto em questão, ou seja, uma representação mental dele. Ele exterioriza esse conhecimento pela escrita de um texto. O autor com seu texto ‘quer dizer’ alguma coisa sobre o objeto em questão e a sua natureza. Um leitor compreende o texto ao construir, com base na informação textual, uma representação mental do objeto, ou seja, um conhecimento correspondente. Quanto melhor se harmonizar a representação construída pelo leitor com o autor, mais bem-sucedida terá sido a comunicação textual entre autor e leitor. (SCHNOTZ, 2009, p. 168-169).

O viés teórico que adotamos está em oposição a uma concepção tradicional, da Filosofia da Linguagem e da Semântica Formal, de que as palavras são utilizadas para categorizar as coisas do mundo. Nessa concepção, a referência é vista como um recurso textual para manter o referente em estado ativo no texto; no entanto, questões como anáforas por nomeações e categorizações não são levadas em consideração.

Diferente disso, na visão que adotamos, o ato de referenciar é utilizado no processamento das informações para ativar na memória do leitor suas

representações mentais sobre determinado tema ou objeto. Portanto, a categorização consiste em uma estratégia de referência derivada da relação cognitiva do enunciador com o seu meio social.

Para que o leitor possa ativar, sempre, a parte do seu conhecimento prévio relevante no momento para o tema em questão, é preciso que ele saiba de que se fala naquele momento. O leitor precisa dirigir o foco da sua atenção sempre para o tema atual e, no caso de uma mudança de tema, precisa deslocar esse foco conforme as circunstâncias. (SCHNOTZ, 2009, p. 175-176).

Sendo assim, para a compreensão do texto não estão apenas envolvidos os significados literais das palavras, mas o valor que elas carregam num determinado contexto, numa determinada cultura. Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 76) postula que “*a língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva*. O texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos” (grifos do autor).

O autor, então, explica que “a linguística de texto é uma perspectiva de trabalho com a língua que recusa a noção de autonomia da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 76). Em outras palavras, “o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural” (CAVALCANTE, 2011, p. 17); sendo a referência algo construído pelo contexto – e não cotexto –, e inferida pelo uso, pelo viés pragmático.

Os interagentes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre participantes (quem fala pra quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso. (RIBEIRO & GARCEZ, 2002, p. 08).

Para um aprofundamento maior nessas questões de construção textual de sentido, a seguir expomos algumas pontuações sobre referência e categorização que colaboram com a análise do *corpus*. Nosso estudo está centrado no conceito de referência como decorrente da instabilidade das categorias, decorrente da associação das ciências cognitivas à linguística.

2.1 UM NOVO OLHAR SOBRE CATEGORIZAÇÃO

Pensar em categorização dentro da Linguística Textual não se limita em pura e simplesmente atribuir nomes às coisas de um mundo puramente autônomo, cujas entidades existem independentemente de qualquer manifestação verbal com relação a elas. Pelo contrário, o ato de categorizar envolve práticas discursivas e cognitivas de sujeitos sociais e culturalmente situados, que constroem suas versões públicas de mundo. Dentre os pesquisadores, como Apothéloz (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b), Cavalcante (2001) e Marcuschi (2005b, 2007, 2008), que efetivamente contribuíram para essa mudança de foco, damos destaque a Mondada & Dubois (2003)²⁹, ao dissertarem sobre a instabilidade categorial na relação entre os objetos do mundo e sua referência. Para elas,

as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconscientes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 22).

Conforme as autoras, a categorização não é preexistente, nem dada, mas reelaborada de acordo com os contextos das atividades interativas, em que são levadas em conta para a negociação do sentido as operações cognitivas ancoradas, e as atividades verbais e não verbais dentro daquela interação.

Assim, Mondada & Dubois (2003) propõem que

no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

A partir dessa proposta, o problema deixa de ser, então, como a informação é transmitida, ou como as coisas do mundo são representadas de forma correta, e passa a ser a busca de “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

²⁹ Aqui utilizamos a tradução de Cavalcante (2003). O texto original data de 1995, intitulado *Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référenciation*. Publicado na revista Tranel, nº 23, organizada por Berredonner e Reichler-Beguelin.

Essa abordagem implica uma visão de sujeito sociocognitivo, que constrói seus sentidos mediante uma relação indireta com o mundo e o discurso: “este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente as categorias manifestadas no discurso” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20). Sendo assim, os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à flexibilidade das categorias, visto que toda vez que o contexto discursivo é reenquadrado, as categorias podem ser reavaliadas e transformadas;

a variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos. A ‘mesma’ pode, mais geralmente, ser tematizada diferentemente e pode evoluir - no tempo discursivo e narrativo – focalizando diferentes partes ou aspectos. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 25).

Para melhor explicar essa afirmação, utilizamos, o exemplo (8), elaborado por Marcuschi (2007, p. 67).

(8)

- a) *A madame saiu à rua com seu **cachorro**.*
- b) *A polícia saiu à rua com seu **cachorro**.*
- c) *A carrocinha da Prefeitura recolheu um **cachorro**.*

Ao identificar os três exemplos, os indivíduos terão a noção de que os 3 cachorros tratados são diferentes; por exemplo, em **a**, pode ser um *poodle*; em **b**, um pastor alemão; e em **c**, um vira-lata. Essa facilidade em categorizar os três tipos de cachorros acontece porque os objetos não são “propriedades intrínsecas do mundo” (Cf. MONDADA & DUBOIS, 2003), a construção deles se dá pela estrutura cognitiva que, por meio de competências sociais de intersubjetividade pode, de acordo com o contexto, se completar e se ajustar, criando uma ilusão de estabilidade de mundo. Essas possíveis alterações de foco “levam constantemente a uma concorrência entre as categorias, conduzindo, naturalmente, a incertezas e indecisões” (CAVALCANTE, 2011, p. 26).

Assim, os sujeitos constroem categorias flexíveis e instáveis por meio de processos complexos de categorização, resultados de um construto sociocognitiva.

Produzem-se, dessa maneira, categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas. (Cf. MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 35).

Uma forte evidência dessa negociação no modo de conceber e de denominar os referentes é a atitude de refletir sobre o próprio dizer ao selecionar as expressões referenciais de acordo com a audiência, com os propósitos comunicativos, com o contexto imediato, etc. Essa negociação repercute nas não coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998) e nas estratégias usadas para marcá-las, isto é, repercute na escolha de pistas que assinalam vozes diferentes, pontos de vista distintos num mesmo enunciado. (CAVALCANTE, 2011, p. 28).

A adoção dessa mudança de perspectiva que busca superar os impasses causados pela forte oposição internalista e externalista no campo dos estudos da linguagem é marcada pela substituição do termo “referência” por “referenciação”.

2.2 REFERENCIAÇÃO: UMA FORMA DE (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

Para abordar a questão da referenciação, entramos em conformidade com Mondada & Dubois (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b) e Marcuschi (2007, 2008) e partimos do pressuposto de que o referente, também chamado de objeto de discurso, é uma – usando a expressão de Cavalcante et al. (2010) – “representação semiótica instável”, constantemente reformulável no acesso metalinguístico do sujeito à realidade; sendo a referenciação, portanto, uma atividade discursiva.

Partimos desse pressuposto pelo fato de, tradicionalmente, a questão da referência ser tratada, nos estudos lógico-semânticos, como um problema de representação do mundo real, em que a língua é vista, numa concepção objetiva e realista, como uma representação mental da realidade, isto é, transparente e referencialista; avaliada portanto em termos vericondicionais. O que predomina nessa perspectiva é

a crença na possibilidade de dizer o mundo de forma objetiva, distinguindo rigidamente entre fatos e crenças. Além disso, essa perspectiva caracteriza-se por produzir teorias da compreensão e da produção textual em que, de um lado, está o texto com conteúdos objetivamente inscritos e, de outro, indivíduos que, em condições específicas, podem captar os conteúdos sem maiores problemas. Para esses autores, tanto a linguagem como o mundo estão previamente discretizados e podem ser correlacionados. (MARCUSCHI, 2008, p. 139).

A partir da proposta de um novo olhar sobre a questão da referência, língua e linguagem passam a ser entendidas como não referenciais, ou seja, na relação entre palavras e coisas há uma instabilidade resultante da ação dos sujeitos em determinados contextos interacionais. Em outras palavras, as formas como os sujeitos categorizam o mundo estão relacionadas às suas formas de percepção e reação; de acordo com a epígrafe que abre este capítulo, a língua não é mais vista como um “retrato”, mas sim um “trato” do mundo. Nessa segunda posição, levamos em consideração a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais que interferem na determinação referencial.

Para Koch (2004) as categorias utilizadas na descrição do mundo alteram-se sincrônica e diacronicamente: “elas são plurais e mutáveis, antes de serem fixadas normativa ou historicamente” (KOCH, 2004, p. 54), portanto, torna-se necessário estudar a categorização como uma decisão dos atores sociais. O objetivo é descrever os procedimentos linguísticos e cognitivos por meio dos quais os atores sociais referenciam: no discurso, “aquilo que é habitualmente considerado um ponto estável de referência para as categorias pode ser de-categorizado, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista” (KOCH, 2004, p. 56).

Assim, as categorias utilizadas para descrever o mundo não são cristalizadas, mas adaptadas de acordo com as necessidades comunicativas de determinada interação; portanto, a referência deve ser pensada a partir de um processo de categorização e recategorização por meio de expressões nominais, de objetos que são construídos pelo discurso e não algo extramental; durante as práticas e ações postas em curso nos enunciados, são criadas versões de mundo pelos falantes a partir de seus propósitos comunicativos. Nesse panorama, devemos ressaltar que o

aspecto central no contexto teórico desta exposição é o *princípio da referência como um ato criativo*. Como ato criativo, a referência não poderá ser um simples ato de identificação ou de designação extensional, mas uma atividade complexa. Nesta atividade, o processo inferencial é crucial para a construção de uma semântica e deveria ser um dos tópicos nucleares da teoria. (Marcuschi, 2007, p. 75, grifos do autor).³⁰

³⁰ O autor ressalta que considera o processo inferencial como uma “atividade construtiva e não como uma atividade de simples processamento ou solução de problemas na compreensão” (MARCUSCHI, 2007, p. 75).

Nesse panorama, em vez de referenciar uma realidade preexistente, nos textos são introduzidos objetos de discurso – os referentes – que são construídos interativamente e cognitivamente pelos sujeitos falantes por meio de estratégias de categorização e recategorização.

Os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual. (KOCH, 2008b, p.101).

Dessa maneira, o problema não é mais de se perguntar como a informação é transmitida ou como o mundo é descrito, e sim de buscar como as atividades humanas – cognitivas e linguísticas – estruturam e dão sentido ao mundo. Em outros termos, seguindo o pensamento de Mondada & Dubois (2003, p. 20), “falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como à categorização, como advinda de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada” (grifo das autoras). Nessa perspectiva,

a referência poderia ser tida como aquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa. (MARCUSCHI, 2007, p. 105).

A tese central nesta tradição é a de que falar e/ou escrever não são atividades autônomas, mas sim partes de uma atividade pública, coletiva, coordenada e colaborativa (Cf. MARCUSCHI, 2007, p. 108). Nessa atividade, estão envolvidos conhecimentos partilhados pelos coenunciadores para a construção dos sentidos do texto, uma vez que são responsáveis por uma série de associações que determinam, não apenas o fio discursivo, mas também a orientação argumentativa.

Assim, Koch (2004, 2005b) explica que o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que se sujeita a essa estrutura. Roncarati (2010, p. 52), nessa mesma linha, afirma que o domínio referencial “ativa mecanismos de retomada e remissão³¹, responsáveis pelo estabelecimento de relações *fóricas* (anafóricas e catafóricas) e dêiticas que se verificam na determinação configuracional das redes referenciais”.

³¹ Remissão e retomada são definidos por Koch (2004, 2005b) de formas diferentes. Ambos constituem a referenciação, porém, retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial que implica remissão; e remissão é uma atividade indicial no contexto que não implica retomada.

Podemos, então, dizer que o discurso constrói uma representação que opera como uma memória discursiva publicamente alimentada pelo próprio discurso, o qual é de responsabilidade dos sujeitos que o emitem (Cf. KOCH, 2004). Essa representação é integrada à memória discursiva e suscetível anaforização³². Por esse motivo,

a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento lingüístico ('antecedente') ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva. (KOCH, 2004, p. 59).

Para Koch (2004), a reconstrução/reativação de objetos textuais parece ser, em grande parte, responsável pela progressão textual. Koch & Elias (2006), assim como Mondada & Dubois (2003), defendem que a manutenção tópica se dá, em um elevado número de casos, graças às formas nominais referenciais, pois são elas que melhor representam as escolhas a que os indivíduos procedem por ocasião da construção de objetos de discurso.

2.3 OPERAÇÕES DE (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

A referenciação reporta-se a diversas maneiras de introduzir no texto novas entidades ou referentes. À medida em que esses referentes são retomados mais adiante, no contexto, ou servem como introdutores de novos referentes, temos a progressão referencial. Tanto a referenciação, como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso. (Cf. Koch 2004, 2005b; Koch & Elias 2006).

Assim, o sujeito da interação verbal opera sobre o material lingüístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para concretização de sua proposta de sentido. Para isso, o uso de expressões referenciais torna-se fundamental para a construção da coesão textual.

Koch (2004, 2005b) explica que na constituição da memória discursiva – ou construção dos referentes textuais - estão envolvidas, como operações básicas, as

³² É o que Berredonner (1986) denomina retomada informacional. (Cf. KOCH, 2004).

estratégias de referenciação denominadas Ativação, Reconstrução e Desfocalização.

- a) **Ativação**³³: nessa estratégia de referenciação, o objeto de discurso até então não mencionado é introduzido no modelo textual, passando a preencher uma locação na rede conceitual, de modo que essa expressão, cognitivamente falando, é posta em foco na memória de trabalho.
- b) **Reconstrução**³⁴: um nóculo já presente na memória discursiva é reativado por uma expressão referencial, de modo que o objeto de discurso permanece saliente (Cf. KOCH, 2004).
- c) **Desfocalização**³⁵: ocorre quando o objeto já introduzido é tirado de foco – fica em *stand by* – por outro que passa a ocupar a posição focal no texto (Cf. KOCH, 2004).

Sob a égide dessas estratégias, Koch (2008b) especifica que o primeiro passo da construção textual é a ativação de um objeto de discurso, o qual irá passar a ocupar um endereço cognitivo e ficar em foco, disponível para retomadas e remissões. Geralmente, a introdução se dá pelo uso de ou um nome próprio, quando há a nomeação do objeto; ou de uma expressão nominal, quando há uma primeira categorização do objeto de discurso, “o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais” (KOCH, 2008b, p. 112).

Segundo a autora, há casos de a introdução acontecer pelo uso de um pronome catafórico, o qual

trata-se de um recurso bastante utilizado em textos de caráter retórico, em narrativas de suspense e mesmo em matérias opinativas de periódicos: protela-se a enunciação do objeto, com o fim de convidar o interlocutor a uma especulação sobre qual seria, afinal, o objeto em tela. (KOCH, 2008b, p. 102).

A ativação do objeto de discurso pode acontecer de duas maneiras: não ancorada ou ancorada. A primeira ocorre quando um objeto de discurso novo é introduzido no texto, sem qualquer âncora, passando a ocupar um nóculo cognitivo

³³ Definida como construção em Koch (2004 e 2005b) e Introdução em Koch e Elias (2006).

³⁴ Definida como reativação em Koch (2004, 2005b), como manutenção em Koch e Elias (2006).

³⁵ Definida como desativação em Koch (2004) e como de-ativação em Koch (2005b).

no interlocutor. Ao passo que a segunda ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, em virtude de algum tipo de associação com elementos (âncoras cognitivas) presentes no co(n)texto, passível de ser interpretada por associação e/ ou inferenciação. Estão, entre esses casos, as anáforas associativas e as anáforas indiretas, de modo geral. Para Koch (2004), nesse grupo também entram as nominalizações:

são casos de ativação ancorada as anáforas indiretas e associativas, bem como as expressões anafóricas por meio das quais se criam novos objetos de discurso, ao operar-se a sumarização/ encapsulamento de segmentos textuais, quer por meio de pronomes neutros (isto, isso, aquilo, o), quer por meio de expressões nominais, quando, então, ocorre a rotulação. (KOCH, 2008, p. 102-103).

Diferente de Koch (2004, 2005b), Cavalcante (2011) divide a construção de referentes em apenas duas categorias:

se as entidades são introduzidas no texto pela primeira vez, isto é, se elas ainda não foram citadas antes no texto, então estaremos diante de ocorrência de *introdução referencial*. Se os referentes já foram de algum modo evocados por pistas explícitas no cotexto, então estamos em presença de continuidades referenciais, isto é, de *anáforas*. (CAVALCANTE, 2011, p. 54, grifos da autora).

No entanto, consideramos, em conformidade com Koch & Elias (2006), que as anáforas associativa e indireta são formas de introdução de objeto de discurso no contexto, uma vez que antes delas serem introduzidas no cotexto, só há pistas textuais que serão complementadas com a sua introdução no texto. Portanto, as anáforas associativas e indiretas não são formas de continuidade textual, mas sim ativação de objeto de discurso.

2.3.1 Anáforas

A anáfora, de forma geral, “é o mecanismo lingüístico por meio do qual se aponta ou se remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 127).

Cavalcante (2011) explica que no grupo das anáforas há dois subgrupos: “as anáforas como manutenção do mesmo referente e as anáforas sem retomada do

mesmo referente” (CAVALCANTE, 2011, p. 59). Por ora, definimos as anáforas de duas maneiras: as com função de continuidade referencial, denominadas anáforas diretas; e as com função de introdução de um novo objeto de discurso, são as anáforas inferenciais. Estas são divididas por autores como Koch (2004, 2005b), em anáfora indireta e anáfora associativa.

As anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas uma âncora: o elemento de relação decisivo para interpretação. Em outras palavras, as anáforas indiretas são

categorizadas pela menção de um novo referente relacionado a outro, distinto, e já citado anteriormente, ou relacionado a alguma outra pista formal do texto, como um verbo, por exemplo. Essa possível associação entre as duas formas, a qual o enunciador espera que o coenunciador reconheça, permite apresentar o anafórico indireto como se já fosse conhecido, dado, velho. (CAVALCANTE, 2011, p. 61).

O exemplo (9), de Marcuschi (2005), apresenta um caso de anáfora indireta. Para compreendê-lo o leitor deve lançar mão de recursos mais sofisticados que somente o conceitual; neste caso, fazer a relação entre férias numa ilha com o aparecimento da expressão definida “barco”.

*(9) “Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias. Quando amanheceu, eles foram ver como estava o **barco** para ir embora e perceberam que o barco não estava lá”. (MARCUSCHI, 2005b, p. 53).*

Vistas por outro ângulo, as anáforas associativas são, por alguns autores, consideradas um tipo de referência indireta; exploram relações metonímicas com base em nosso conhecimento de mundo. Trata-se de “uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito, cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do co-texto precedente” (KOCH, 2005b, p. 109). Dentre as diversas características que apresentam, a mais saliente é a relação semântica meronímica ou de ingrediência (“ser ingrediente de”). Para exemplificar, utilizamos adaptações de exemplos de Schwarz (2000), feitas por CAVALCANTE (2011, p. 65):

*(10) “Não pegue a xícara amarela. A asa está quebrada.
O carro está acabado. A direção está totalmente torta.”*

Apesar dessa distinção entre as anáforas, acompanhamos Cavalcante (2011) ao sustentar que todas anáforas são inferenciais, pois “nada assegura que, cognitivamente, a ativação do anafórico indireto seja engatilhado somente pelos condicionamentos semânticos descritos pelo autor” (CAVALCANTE, 2011, p. 70).

2.3.2 Catáforas

De acordo com Koch (2008b), as introduções de objeto de discurso catafóricas geralmente são construídas por metonímias, “acionam-se, passo a passo, elementos de um frame ou modelo cognitivo, de modo a permitir, dessa forma, a construção do objeto” (KOCH, 2008b, p. 104).

Para exemplificação, a autora lança mão, como exemplo, do texto de Ignácio de Loyola Brandão, intitulado *Agora há um vazio na rua*, em que são dadas pistas sobre o objeto de discurso; assim o leitor tenta construí-lo mentalmente para que, somente ao final do texto, ele seja apresentado:

- (11) *“Estávamos todos, aqui da vizinhança, acostumados a vê-lo, parado em frente à casa dos gatos.
Eu o conhecia havia quatro anos.
Quieto, acabrunhado, um **farol** arreventado, a **pintura** que foi gelo adquirindo cor macilenta. Estilhaços de **ferrugem**. Os pneus duraram algum tempo, murcharam, carecas. Os **cromados** cheios de pontos negros.
Mas os **vidros**, misteriosamente intactos.
O **fusquinha** acabou uma espécie de mascote”.* (KOCH, 2008b, p. 104).

2.3.3 Encapsulamento

O encapsulamento, também denominado nominalização ou rotulação, é considerado por Koch (2008b) uma forma de ativação ancorada. Nele,

há uma recuperação difusa de informações e que este é o traço mais típico das anáforas encapsuladoras; é o que lhes confere o caráter de anáfora também indireta: ser não correferencial e ter um poder de resumir informações contextuais e contextuais. (CAVALCANTE, 2011, p. 73).

Koch & Elias (2006) explicam que as nominalizações acontecem quando se introduz um referente novo: ao sumarizar informações antes difusas no contexto precedente ou subsequente com um sintagma nominal. Diferente, porém, de forma complementar, Koch (2008b) explica a nominalização como a sumarização do discurso já produzido por meio de um pronome ou de uma expressão nominal;

os encapsulamentos, que se efetivam quer por meio de formas pronominais neutras, como *isto, isso, aquilo, o* [sic] quer de expressões nominais (definidas, demonstrativas ou indefinidas), têm maior custo de processamento que as anáforas indiretas: seleciona-se um segmento textual de extensão variada e constrói-se, com base nele, uma entidade discursiva, a qual passa a constituir um referente para futuras predicções. (KOCH, 2008b, p. 105).

No exemplo (12) apresentamos um exemplo dado pela autora de encapsulamento por pronominalização, em que “-o” encapsula a possibilidade de Maria ter cometido suicídio, e “isso”, a tentativa concreta de ela tentar suicídio:

(12) *“após violenta discussão com Maria, Pedro saiu de casa para espreitar. Ao voltar, encontrou-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Ele devia tê-lo imaginado. Não era a primeira vez que **isso** acontecia”.* (KOCH, 2008b, p. 106).

Frisamos, então, que o rótulo tem a função de construir um novo objeto de discurso: no momento em que encapsula um seguimento textual, o sujeito utiliza de sua subjetividade para avaliar tal segmento e emprega o que considera adequado para o seu projeto de dizer.

As estratégias referenciais – anáforas, catáforas e encapsulamento - permitem que o texto, ao mesmo tempo em que se estabiliza, esteja sempre em processo de reelaboração. Dessa maneira, os objetos de discurso - ou nódulos cognitivos - são, a todo o momento, reconstruídos pelas estratégias de referenciação. Notemos que essa atividade se dá ao mesmo tempo no plano do discurso, que é interativo, e no plano sociocognitivo. São processos que ocorrem na mente dos indivíduos sociais ao mesmo tempo em que são transpassados pelo texto.

2.4 SOBRE A ATIVIDADE DE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO

Não só a ativação de referentes é uma atividade (re)categorizadora, a reconstrução, operação responsável por manter em foco no texto os objetos que foram previamente introduzidos, também opera como (re)categorizador.

Uma vez que o objeto já se encontra ativado no cotexto, a reconstrução pode acontecer pela utilização de recursos de ordem gramatical³⁶, sem função categorizadora; bem como por intermédio de recursos de ordem lexical.³⁷, com função categorizadora.

O uso de pronomes ou elipses (pronome nulo)³⁸ é uma estratégia de referenciação gramatical, que sempre foi descrita na literatura linguística como “*pronominalização* (anafórico ou catafórico) de elementos contextuais. Possui, em se tratando da fala, características próprias: ela pode ocorrer sem um referencial contextual explícito” (KOCH, 2004, p. 67; 2005b, p. 86). Como exemplo, a autora apresenta o seguinte enunciado:

(13) *“Não houve entendimento com a editora. Os direitos autorais que eles queriam pagar eram simplesmente vergonhosos.”* (KOCH, 2004, p. 67).

Complementando, Koch (2005b) explica que quando os pronomes não são diretamente designados, mas inferíveis; são postos em ação dois processos cognitivos: a construção de uma classe de indivíduos como totalidade e a restrição dessa classe a um determinado grupo.

As expressões nominais definidas³⁹, também chamadas de descrições definidas, são formas constituídas de, em geral, um determinante definido e um nome. Koch (2005b, p. 87) lista descrições definidas, nominalizações, rotulações metalinguísticas ou metadiscursivas e anáforas indiretas; no entanto, a autora focaliza sua atenção nas nominalizações. Aqui, seguiremos os passos da

³⁶ Como recursos gramaticais, temos os pronomes, as elipses, os numerais, os advérbios locativos, etc.

³⁷ Como recursos lexicais, temos reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.

³⁸ São os pronomes, propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais.

³⁹ Em Koch & Elias (2006) é explicado que a referenciação também pode ocorrer pelo uso de expressões nominais indefinidas com função anafórica, em que o referente principal é construído textualmente com essas expressões.

pesquisadora e, daremos ênfase às descrições definidas e formas nominais, que podem apresentar as seguintes configurações:

- a) (Determinante) + nome
- b) Determinante + modificador + nome + modificador

Em que Determinante é um artigo definido, demonstrativo ou nulo, e Modificador é o adjetivo, o sintagma preposicional e/ou a oração relativa.

Como exemplo, adaptamos um trecho apresentado por Roncarati (2010, p. 60), em que a autora esboça uma representação para o uso de expressões nominais definidas:

(14)

Homem

o homem

um homem

este homem

aquele charmoso homem

o homem charmoso do prédio

o homem charmoso que mora no meu prédio

procura uma mulher charmosa.

De acordo com Koch (2004, 2005b), as descrições definidas caracterizam-se por serem uma seleção feita pelo locutor de uma das diversas propriedades de um referente em um determinado co(n)texto para o seu propósito comunicativo.

Dessa maneira, ao introduzir o referente, temos a primeira categorização do objeto de discurso. Ao retomar um pronome ou nome por meio de expressão nominal também ocorre uma categorização, ao passo que na retomada de uma expressão nominal por outra expressão nominal, temos uma recategorização.

Já nos casos de remissão, como nas AA e AI, visto que há a introdução de um novo referente, tem-se uma primeira categorização deste. Por vezes, quando a remissão se faz por meio de pronome, pode acontecer uma recategorização do antecedente que funciona como âncora. (KOCH, 2008b, p. 108).

No caso dos encapsulamentos, o rótulo sempre opera como categorizador, “rótulos sucessivos para uma mesma porção encapsulada, numa cadeia referencial, produzem uma sequência de recategorizações” (KOCH, 2008b, p. 108).

Por fim, uma questão pouco abordada na (re)ferenciação é relacionada às categorizações predicativas. Nelas não acontece a introdução de objeto de discurso; mas o acréscimo de novas informações sobre o tema. “No caso dos predicativos (do sujeito e do objeto), quando representados por expressões nominais, a (re)categorização se opera no interior da predicação, isto é, no próprio fio do discurso”(KOCH, 2008b, p. 112)

As escolhas efetuadas pelo locutor podem trazer ao interlocutor informações valiosas para que compreenda a posição/opinião do produtor do texto, ou mesmo podem fornecer informações sobre o referente; fato este que auxilia o leitor na sua construção do sentido.

Nesse sentido, “o emprego de expressões nominais anafóricas opera, em geral, a recategorização dos objetos de discurso, isto é, tais objetos vão ser reconstruídos de determinada forma, de acordo com o projeto de dizer do enunciador” (KOCH, 2004, p. 69-70). Observe a seguir o exemplo apresentado por Koch (2008b) sobre categorização e recategorização do objeto de discurso no fio discursivo do personagem Lampião:

(15) ***“Lampião, o mais famoso cangaceiro do nordeste, é uma figura altamente controvertida. Para uns é um santo, pai dos pobres, grande justiceiro. Já outros o consideram um verdadeiro demônio, um gênio de maldade, violento e cruel. De qualquer maneira, ele é um dos mais importantes vultos da história dessa região de nosso país”.*** (Koch, 2008b, p. 112, grifos da autora).

2.5 EXPRESSÕES NOMINAIS E SUAS FUNÇÕES NO TEXTO: ASPECTOS PRAGMÁTICOS E DISCURSIVOS

Para a Koch (2004, 2005b), um dos motivos de as expressões nominais serem fundamentais no processamento textual é sua função cognitivo-discursiva. Como já dito, ao mesmo tempo em que o texto é construído sociodiscursivamente, operações

cognitivas são processadas na mente do sujeito a partir das expressões referenciais que estão em questão.

Na função cognitivo-discursiva, as formas nominais referenciais relacionam-se a dois processos de construção textual: retroação e prospecção (Cf. KOCH 2005b, p. 90). Elas permitem ativação/reativação do objeto de discurso na memória do interlocutor, em outras palavras, possibilitam a alocação ou focalização do referente na memória ativa (ou operacional) dele; e sua função predicativa se dá no caso de recategorização e/ou nominalização. Tratam-se, portanto, de formas híbridas⁴⁰: são referenciadoras e predicativas.

Outra questão cognitivo-discursiva importante é a especificação por meio de hiperônimo/hipônimo. Usa-se o hiperônimo com função anafórica de glosar um termo raro e, desta forma, atualizar os conhecimentos do interlocutor, a respeito do objeto de discurso.

Essas formas remissivas têm uma função organizacional importante,

elas sinalizam que o autor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal. Possuem, portanto, uma importante função na introdução, mudança ou desvio de tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos. Ou seja, elas introduzem mudanças ou desvios do tópico, preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova dentro do quadro de informação dada. Desta forma, são responsáveis simultaneamente pelos dois grandes movimentos de construção textual: retroação e progressão. (KOCH, 2004, p. 71).

A escolha do nome e de seus modificadores é responsável pela orientação argumentativa do texto. O nome, ou nas nominalizações, ou nas rotulações, pode ser genérico, metafórico, etc. Já a seleção dos determinantes desempenha um papel de localização, sendo, por isso, importante observar seu caráter complementar (ou não complementar). Para a autora,

é comum que a anáfora nominal introduzida por demonstrativos apreenda o referente sob uma denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no co-texto, trazendo, neste caso, informações inéditas a respeito do objeto de discurso, justamente por designá-lo por um novo nome que dificilmente seria previsível para destinatário. (KOCH, 2004, p. 26).

⁴⁰ Ou, nas palavras de Schwarz (2000), tematização remática.

Para finalizar, podemos dizer que os pontos discutidos por Koch (2004, 2005b) reforçam a tese de que não há referente extratextual, o que existe são objetos de discurso construídos por estratégias de categorização e recategorização durante interação. “Os objetos de discurso são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual” (KOCH, 2004, p. 79).

Nesse sentido, o uso de expressões referenciais não apresenta apenas a função de referenciar, mas de “elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva” (KOCH, 2005b, p. 106). Sendo assim, “fechamos” nosso pensamento com uma metáfora de Marcuschi (2007):

A língua não é uma dupla de trilhos ligada a dois pólos – o mundo e a mente -, mas um conjunto de *trilhos* que decidimos seguir mesmo que dê em aporias. Com isto perguntamos muito mais pelos processos de construção de sentido na interlocução e muito menos pelos sentidos eventualmente construídos nessa interlocução. (MARCUSCHI, 2007, p. 108).

2.6 A RELAÇÃO ENTRE ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACE E CONSTRUÇÃO DE OBJETO DE DISCURSO

Ao relacionarmos as teorias de Lakoff (1973) e Leech (1983), a polidez pode ser entendida como um conjunto de normas sociais mutáveis de acordo com cada sociedade, as quais os falantes optam ou não por seguir, o que os torna, por isso, socialmente polidos ou impolidos.

Esses autores acreditam que as máximas ou os termos que regulam o contrato conversacional atuam como guias do uso racional da linguagem na conversação e são qualitativamente diferentes da noção de regras associada à gramática. (OLIVEIRA, 2004, p. 276).

Por outro lado, Brown & Levinson (1987) propõem a noção de face, baseada em Goffman (1980, 1992), como autoimagem pública de um indivíduo que deve ser constantemente mantida numa interação. Portanto, a polidez é uma atividade de manutenção de faces.

Tanto Brown & Levinson (1987) quanto Leech (1983) relacionam a polidez a atos de fala que podem comprometer o sucesso da interação, por isso o falante recorre às estratégias de polidez.

Numa tentativa de correlacionar essas estratégias, elaboramos o Quadro 1, em que, a partir da categorização dos atos de fala (Searle, 1984), podemos determinar quais formas de polidez são possíveis ou não.

Deste já, assumimos que esse quadro não é um modelo final. Nele estão apresentadas as principais combinações que fizemos a partir da leitura das teorias. No entanto, acreditamos que é possível o seu aperfeiçoamento em estudos futuros. Por hora, o que nos interessa é visualizar que as teorias são intercambiáveis; a partir do momento em que um falante, por exemplo, emite um ato de fala diretivo, seguindo a máxima do tato (LEECH, 1983), ele pode está, simultaneamente, apresentando um tipo de polidez camarada, ou formal e respeitoso (LAKOFF, 1973). Por isso, está utilizando, no caso da camaradagem, uma estratégia de polidez positiva; e no caso do respeito e formalidade, uma estratégia de polidez negativa (BROWN & LEVINSON, 1987), conforme o Quadro 1 a seguir.

Atos de Fala Searle (1969)	Máximas da Polidez Leech (1983)	Tipos de Polidez Lakoff (1973)	Estratégias de Polidez Brown e Levinson (1987)
DIRETIVO: representa a tentativa do falante de fazer o ouvinte fazer algo (pedir, perguntar, etc.);	tato	Camaradagem	P7 – conhecimento comum P8 - descontração P9 – pressuposição sobre desejos P11 - otimismo P13 – oferta de ajuda P14 - reciprocidade
	Generosidade	Respeito Formalidade	N1 - indiretividade N4 – imposição minimizada

Quadro 1: Relação entre Atos de Fala e Estratégias de Polidez

Atos de Fala Searle (1969)	Máximas da Polidez Leech (1983)	Tipos de Polidez Lakoff (1973)	Estratégias de Polidez Brown e Levinson (1987)
COMPRO-MISSIVO: compromete o falante com uma ação futura (prometer, ameaçar, oferecer, etc.);	Generosidade	Camaradagem	P10 – Oferta P13 – oferta de ajuda
	Tato	Camaradagem	P14 - reciprocidade N4 – imposição minimizada
		Respeito Formalidade	N1 - indiretividade N10 – dívida
DECLARAÇÃO: representa, a partir de um indivíduo, uma instituição como toda (declarar guerra, batizar, demitir, etc.).		Formalidade	AAF
EXPRESSIVA: expressa um estado psicológico (agradecer, preocupar-se, parabenizar, etc.);	Modéstia Simpatia	Camaradagem	P1 – observação P2 – aprovação, simpatia P3 - interesse P8 – descontração P15 – admiração

Quadro 1: Relação entre Atos de Fala e Estratégias de Polidez

Atos de Fala Searle (1969)	Máximas da Polidez Leech (1983)	Tipos de Polidez Lakoff (1973)	Estratégias de Polidez Brown e Levinson (1987)
ASSERTIVO: mostra a crença do falante na verdade da proposição dita (afirmar, concluir, etc.);	Modéstia	Formalidade Respeito	N1 - dívida
	Simpatia	Camaradagem	P1 – observação P2 – aprovação, simpatia P3 - interesse P8 – descontração P11 – otimismo P12 – inclusão do outro (nós)
	Acordo	Camaradagem Respeito	P5 – concordância P6 – não discordância P7 – conhecimento comum P9 – pressuposição sobre desejos P11 – otimismo P12 – inclusão do outro (nós)
		Respeito Formalidade	N1 - indiretividade N2 - atenuação N3 - pessimismo N4 – imposição minimizada N5 – deferência N6 - desculpas N7 – impessoalização N9 – nominalização
	Aprovação	Camaradagem	P1 - observação P2 - aprovação, simpatia P3 – interesse P11 – otimismo P12 – inclusão do outro (nós)

Quadro 1: Relação entre Atos de Fala e Estratégias de Polidez

Apesar de compreenderem polidez a partir de diferentes perspectivas, Lakoff (1973), Leech (1983) e Brow & Levinson (1987) concordam com o seu papel fundamental na interação. Para eles, ela é “responsável pelas relações cordiais e pela cooperação mútua entre os indivíduos, a polidez se faz essencial aos propósitos com os quais uma interação verbal é inicialmente proposta” (OLIVEIRA, 2004, p. 280).

Na esteira das reflexões sobre construção de imagem social, fazemos uma ponte entre polidez e construção de referentes. Nos depoimentos de Orkut, há uma correlação da noção de imagem social com a de objeto de discurso: o sujeito da enunciação no depoimento, ao operar sobre o material linguístico que tem a sua disposição, cria seu mundo textual, construindo, enquanto objeto de discurso, a si mesmo, ao se designar como “EU”; ao seu amigo, dono do perfil, ao designá-lo como ELE ou VOCÊ; e aos leitores, como “VOCÊS”. Esse tipo de estrutura recorre a estratégias de polidez, visando à construção de imagem pública para fomentar as relações de amizade nesse site de relacionamentos.

Dessa forma, ao categorizarem o objeto de discurso “dono do perfil”, os indivíduos lançam mão de estratégias de polidez para construir linguisticamente uma imagem social bidirecional, pois a forma como eles ordenam o seu universo textual e classificam seu objeto de discurso é um reflexo de suas experiências e percepções, sendo, por isso, uma informação da sua imagem social. Nesse contexto, Amossy (2005) explica que

todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY apud MONDENA, 2009, p. 60).

CAPÍTULO 3

O GÊNERO DEPOIMENTO NO SITE DE RELACIONAMENTO ORKUT

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo e, de modo particularmente acelerado nos últimos 30 anos, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte de forma mais intensa da vida das pessoas e do cotidiano das instituições. Certamente, tudo isso tem contribuído para tornar as sociedades letradas cada vez mais complexas. (MARCUSCHI & XAVIER, 2004, p.07).

3.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO TEXTUAL

Quando buscamos, numa perspectiva diacrônica, o estudo sobre gêneros textuais no Ocidente, encontramos uma longa tradição, iniciada por Aristóteles, que prevaleceu até o início do século XX dentro do campo dos estudos literários, em que os gêneros eram classificados como fixos e imutáveis, definidos por regularidades textuais de forma e conteúdo. Nessa visão tradicional, podemos citar os gêneros épico, lírico e dramático.

Nos últimos anos, principalmente com o avanço dos estudos da Linguística Textual, houve uma ampliação dos estudos sobre gênero para o campo da Linguística, e a noção desse termo foi reformulada pelos especialistas do assunto; assim a “laicização progressiva da categoria levou a que se diluísse a noção de gênero a ponto de podermos indagar que categoria é essa a que chamamos *gênero textual*” (MARCUSCHI, 2006, p. 23, grifo do autor). Essa mudança deveu-se a renovações teóricas proporcionadas pelas reflexões de Bakhtin (2003)⁴¹ sobre gêneros do discurso, iniciada, de acordo com Marcuschi (2006, p. 23), devido a uma “crise com a crítica do romantismo à estética clássica”.

Na reformulação de Bakhtin (2003), o gênero deixa de ser visto como formal e imutável, de caráter normativo, e passa a ser visto como reflexo das esferas de

⁴¹ Aqui utilizamos a 4ª edição da tradução feita Paulo Bezerra, com 1ª edição datada de 1992. O original data de 1979.

atividades humanas. Para ele, o estudo dos gêneros discursivos é “de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado ‘fluxo discursivo’, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística” (BAKHTIN, 2003, p. 269). Seu ponto de vista é o vínculo intrínseco entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação. Em outras palavras,

o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* precisos. Esses limites, de natureza especialmente substancial e de princípio, precisam ser examinados minuciosamente. (BAKHTIN, 2003, p. 274-275).

Nessa perspectiva, em que, conforme Koch (2005a), a língua se configura pelas práticas sociais de determinado lugar, isto é, pela interação entre seres humanos, não é possível haver comunicação verbal que não seja por um texto, assim como não é possível haver comunicação verbal que não seja por um gênero. Nesse sentido, generalizamos que, em consonância com Marcuschi (2006), toda comunicação verbal se dá na forma de texto que se realiza na forma de um gênero.

Podemos afirmar, então, que dominar um gênero textual não é somente dominar uma forma linguística, mas também a forma de se realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. Tais gêneros existem antes de tudo em todos os gêneros mais multiformes da comunicação oral cotidiana, inclusive do gênero mais familiar e do mais íntimo. (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Em outras palavras, a apropriação de um gênero é fundamental para a inserção nas atividades discursivas, isto é, o gênero estabelece uma interconexão

da linguagem com a vida social, pois os gêneros sempre estão vinculados a um domínio de atividade humana, sendo, por isso, legitimados nele.

É nesse contexto que Bakhtin (2003), ao definir gêneros como “relativamente estáveis”, ressalta o termo “relativo”, pois é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança. O que ele quer dizer é que não há nenhuma normatividade no conceito de gênero, nem nas suas características e nem nas suas fronteiras: cada gênero não só está em incessante alteração, como também está em contínua mudança de repertório; à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Por isso,

o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que na produção textual nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. (MARCUSCHI, 2006, p. 24, grifos do autor).

De forma geral, podemos dizer que os gêneros se desenvolvem de maneira dinâmica, de acordo com as mudanças sociais; enquanto alguns renovam-se, outros desaparecem de acordo com as novas necessidades de comunicação, as quais vão surgindo de forma que nós não percebemos, por estarmos imersos neles. Isso pode ser bem percebido quando tentamos ler, por exemplo, uma epopeia, que apresenta uma construção textual que não é mais comum de ser produzida. Por outro lado, o surgimento de tecnologias como a Internet, que proporcionaram novas formas de interação social, deram, conseqüentemente, origem a gêneros adequados a ela, quem nem sempre são necessariamente novos, mas derivados, como, por exemplo,

os **chats** surgindo como uma forma de conversação por meios eletrônicos, ou os **blogs** surgindo dos **diários de bordo**. Este estado de coisas mostra a dinamicidade dos gêneros e sua facilidade de adaptação inclusive na materialidade linguística. Assim, hoje se reconhece que não é apenas a forma *stricto sensu* que resolve a questão do gênero e sim sua funcionalidade e organicidade. (MARCUSCHI, 2006, p. 27, grifos do autor).

É importante salientarmos que gêneros como chat, blogs e – utilizando como exemplo o nosso *corpus* – depoimentos, são formas de interação escritas que apresentam uma espontaneidade oral e iconográfica: são constituídas com um caráter de informalidade da língua, explicado pelo imediatismo nas relações pessoais provocado pela Internet.

Dessa forma, faz-se necessário compreendermos, em termos linguísticos, como se dá essa relação entre oralidade e escrita tão presente nos gêneros online: textos escritos, construídos para serem escutados.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ORAL E ESCRITO

Para Fávero et al. (2003, p. 10), “historicamente a escrita, sobretudo a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, e a fala, instável, não podendo constituir objeto de estudo”. Hoje, esses dois fenômenos já podem ser observados em relação ao seu papel na sociedade; pois, se pensarmos em oralidade e escrita em uma determinada língua, apesar de o sistema linguístico ser o mesmo, as regras de construção de ambas são diferenciadas, tendo por consequência “produtos diferenciados” (Cf. MARCUSCHI, 1986). Utilizando as palavras de Marcuschi (1997), o homem pode ser definido como um ser que fala, mas não como um ser que escreve:

não é necessário muita genialidade para constatar que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Não se trata, com isto, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma ‘primazia cronológica’ indiscutível. (MARCUSCHI, 1997, p. 120).

Devemos salientar que cada uma – oralidade e escrita – apresenta elementos significativos próprios: a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo, entre outros, são típicos da fala; em contrapartida, os parágrafos, a pontuação, a grafia alfabética, etc., são elementos típicos da escrita. Essas questões mostram que apesar de usarem o mesmo sistema linguístico, no nosso caso, a Língua Portuguesa, falar e escrever são duas modalidades da língua diferentes, com características próprias.

Esse postulado vai de encontro aos de linguistas, como Bloomfield (1933) e Mattoso Câmara (1969), de que a escrita é derivada e a fala primária; uma vez que, como acabamos de demonstrar, a escrita não é uma mera transcrição da fala (Cf. Marcuschi, 2001, Fávero et al., 2003 e Koch & Elias, 2010).⁴²

Para Koch e Elias (2009, p. 13), “o texto é um evento sociocomunicativo que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é o resultado de uma coprodução entre interlocutores”; desse modo, é a forma como a coprodução se realiza que diferencia um texto oral de um texto escrito. A figura a seguir, de Fávero et al. (2003), esquematiza de forma didática a diferença entre condições de produção da oralidade e da escrita:

FALA	ESCRITA
- Interação face a face	- Interação a distância (espaço-temporal)
- Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção.	- Planejamento anterior à produção
- Criação coletiva: administrada passo a passo	- Criação individual
- Impossibilidade de apagamento	- Possibilidade de revisão
- Sem condições de consulta a outros textos	- Livre consulta
- Reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	- A reformulação é promovida apenas pelo escritor
- Acesso imediato às reações do interlocutor	- Sem possibilidade de acesso imediato
- O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	- O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
- O texto mostra todo seu processo de criação.	- O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado.

Quadro 2: Características da fala e da escrita

(Fonte: Fávero et al. (2003))

Apesar dessa diferenciação, não resumimos fala e escrita a uma dicotomia estanque. Acompanhamos Marcuschi (2001), reconhecendo o oral e o escrito dentro de um contínuo tipológico de práticas sociais e produção textual, em cujos extremos

⁴² As obras de Bloomfield (1933) e Mattoso Camara (1969) são citadas por Fávero et al (2003).

estão, de um lado, a escrita formal, e de outro a conversa informal. Para melhor visualização, apresentamos o esquema a seguir:

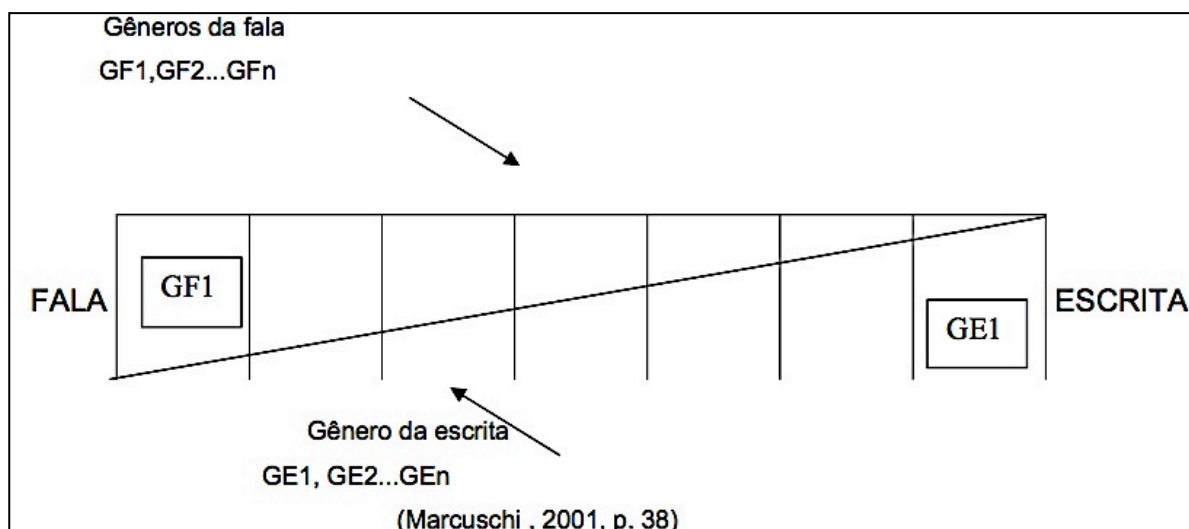


Figura 3: Contínuo oral/ escrito
(Fonte: Marcuschi, 2001)

Nesse esquema, no polo esquerdo, está o gênero da fala (GF), o qual representa uma conversa face a face; e no polo direito, está um gênero de escrita formal, um texto acadêmico, por exemplo. Nele, podemos verificar que

existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional como, por exemplo, bilhetes, cartas familiares, textos publicitários e textos de humor, (...) também existem muitos textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (Conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros). (KOCH, 2010, p. 15).

Podemos concluir, mais uma vez, que há gêneros que se aproximam mais das características da fala, outros se aproximam mais da escrita. Não há um modelo estanque, mas sim uma oscilação de acordo com a intenção do falante em determinada interação.

Como apresentamos nas considerações iniciais, analisamos, nesta pesquisa, o gênero depoimento de Orkut: veremos adiante, um gênero escrito, com traços de oralidade, sendo possível, portanto, relacionar em sua análise uma teoria relacionada ao estudo da oralidade à uma teoria relacionada ao estudo do texto.

Esse contínuo oral e escrito, presente no gênero aqui adotado, é possível em diversos gêneros online devido à emergência em interagir por escrito, própria da Internet. Essa observação em relação à Internet só é possível, porque, ao

analisarmos os gêneros digitais, não buscamos compreender o texto por si mesmo, como os modelos linguísticos formalistas fazem, mas o nosso estudo busca

uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Em conformidade com Marcuschi (2008), para compreendermos os depoimentos, precisamos compreender o seu contexto, o suporte em que é veiculado; para isso, procuramos apreender e situar o fenômeno Internet, de forma geral.

3.3 UM POUCO SOBRE A INTERNET

Antes de qualquer coisa, diferenciamos dois termos comumente utilizados como sinônimos: Internet e *Web*. De acordo com Araújo & Biasi-Rodrigues (2005), a Internet tem sua origem nos Estados Unidos e foi elaborada para interligar laboratórios de pesquisas. Hoje ela é a soma de 40 mil redes espalhadas pelo mundo que podem se comunicar entre si, dentre elas a *Web*, responsável pela popularização da Internet. Com a *Web*, “a ideia de construir páginas eletrônicas foi tão aceita que não demorou muito a ganhar adeptos em todo o mundo, de modo que já se tornou trivial a criação das *home pages*” (ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 50).

Criada pelo técnico de computadores Tim BernersLeea, a *World Wide Web* (*Web*) foi inventada nos anos de 1990 para que pesquisadores compartilhassem informações a longas distâncias; no entanto, devido à rapidez com que se disseminou para outras áreas, ela se popularizou, proporcionando a interação entre usuários sem muitos conhecimentos de informática de qualquer lugar do mundo. (Cf. Crystal, 2005). Nesse sentido, podemos afirmar que

as ligações sociais, cotidianamente, estão sendo realizadas pelas Internet, pois esta oferece desde a possibilidade de um negócio, sem nenhum caráter pessoal, até à possibilidade de conhecer pessoas e desenvolver relacionamentos estreitos entre aquelas que compartilham ambientes virtuais comuns. (VILHENA, 2011, p. 11).

Não mais em volta de uma interação face a face, o estopim da Internet proporcionou uma nova forma de interagir: a comunicação mediada pelo computador (CMC). (Cf. Crystal, 2005; Firmino, 2005). A tradicional conversa passa a ser encarado como algo feito eletronicamente, podendo ser praticada a qualquer hora do dia, entre outras atividades. Além disso, o cunho social da vida passa a ter outras conotações: as interrelações que fazem parte do convívio social, isto é, o contato com amigo, o ato de conhecer novas pessoas, a visão que os outros têm sobre as pessoas, entre outros, que antes exigia o ato de sair de casa para ser suprido, pode ser solucionado dentro de casa, com o uso do computador conectado à Internet.

Dessas mudanças nas relações interpessoais proporcionadas pela *Web*, decorreram, também, mudanças linguísticas. De acordo com Crystal (2005, p. 76), “a aquisição da Internet pelo público foi o terceiro elemento que contribuiu para o caráter linguístico revolucionário da década de 1990”, visto que proporcionou uma alternativa nova à comunicação humana: permite a interação entre mais de uma pessoa por meio não concreto em tempo real. Essa virtualização das interações é uma forma de “*desterritorializar* o presente, de trazer uma unidade de tempo sem uma unidade de lugar” (LÉVY, 2000, p. 11). Nesse sentido, podemos entender a Internet como um veículo eletrônico, global e interativo que, devido a essas características, em especial pelo caráter eletrônico (Cf. CRYSTAL, 2005), apresenta consequências em seu tipo de linguagem cuja

escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som. Por outro lado, a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas. (MARCUSCHI, 2002b, p. 6).

Essas características, que representam uma economia da escrita, pelo intercruzamento de regimes cognitivos diferentes, acarretam num - utilizando o termo de Marcuschi (2002b) - “letramento digital”, caracterizando uma “pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas e abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética” (MARCUSCHI, 2002b, p. 5). Tais características são frutos de uma cultura eletrônica, em que

o digital é uma espécie de matéria fluida, maleável, capaz de suportar inúmeras metamorfoses e deformações. A transmissão das informações ocorre em tempo real, bem distinta, portanto, da transmissão por via do texto escrito, caracterizada pelo intervalo do tempo linear e que submetia seu acesso à exigência de interpretação. (KASTRUP, 2000, p. 43).

Nesse contexto, em conformidade com Marcuschi (2002a, 2004, 2008), os gêneros textuais são tipos relativamente estáveis por serem formas de ação sociocognitiva e, por isso, podem modificar-se de acordo com a evolução das esferas de atuação social. Entendemos a Internet como um novo enquadre sociocognitivo, com impactos tanto na vida social, quanto na linguagem, devido às diversas possibilidades de interação e às novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais; é inegável concluir que ela também interfere na natureza do gênero, fruto de “complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem” (Marcuschi, 2004, p. 6). Nesse sentido, o meio eletrônico oferece diferentes especificidades sociocomunicativas que uma interação face a face não oferece, como a participação em *websites* sociais, como os *blogs* e os *chats* virtuais, redes de relacionamentos, etc.

Como o objeto desta pesquisa é analisar o gênero depoimento, veiculado no site de relacionamentos Orkut; daremos, a partir de agora, foco a questões relacionadas a esse domínio discursivo. Para isso, deixamos claro aqui que, a partir da definição de Marcuschi (2003), adotamos o Orkut como um suporte, uma vez que “abriga” vários gêneros, dentre eles, o depoimento. Nas palavras do autor, o suporte de um gênero é

um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2003, p. 7).

Sendo assim, o *site* Orkut é um espaço virtual que permite o aparecimento visual e sonoro de diferentes gêneros, de diferentes manifestações textuais. Ressaltamos essa questão, pois acreditamos, em conformidade com Chatier (2002), que o suporte interfere na leitura e na construção de sentido de um texto, interferindo, conseqüentemente, no gênero textual. Afirmamos isso, pois se pensarmos, por exemplo, em um bilhete de Natal genérico publicado no espaço de depoimentos do Orkut e um bilhete de Natal comum enviado pelo correio,

poderemos notar uma grande diferença: o primeiro poderá apresentar, em sua composição, som em MP3, luzes piscando, desenhos se mexendo, letras mudando de cor, mudança de imagens, etc., pois o suporte permite. Ao passo que o segundo possuirá as limitações do suporte papel: não haverá mudança de cores e imagens, nem uma música bem elaborada de fundo, o que poderá haver de mais elaborado é um papel holográfico e um toque monofônico.

3.4 MAS, AFINAL, O QUE É O ORKUT?

De forma geral, o *Orkut* é uma rede social, também chamada de rede de relacionamento (do Inglês, *social network* ou *community websites*), criada em 24 de Janeiro de 2004 – e somente ganhou sua versão em português em 2005 –, pelo engenheiro turco, da *Google Inc.*, Orkut Büyükkökten, que deu seu nome à rede. Seu objetivo inicial era o de pessoas, em especial dos Estados Unidos, conhecerem outras pessoas e manterem seus laços de relacionamento. No entanto, diferente do esperado, a maioria dos participantes são brasileiros e indianos.

De acordo com pesquisas feitas em 2009, período em que iniciamos uma reflexão para chegarmos a essa investigação, 53,27% dos mais de 68 milhões de usuários cadastrados eram brasileiros (Cf. INGLEZ, 2009). Hoje, de acordo com o próprio site, o percentual caiu para 50,60% (Cf. Gráfico 1).

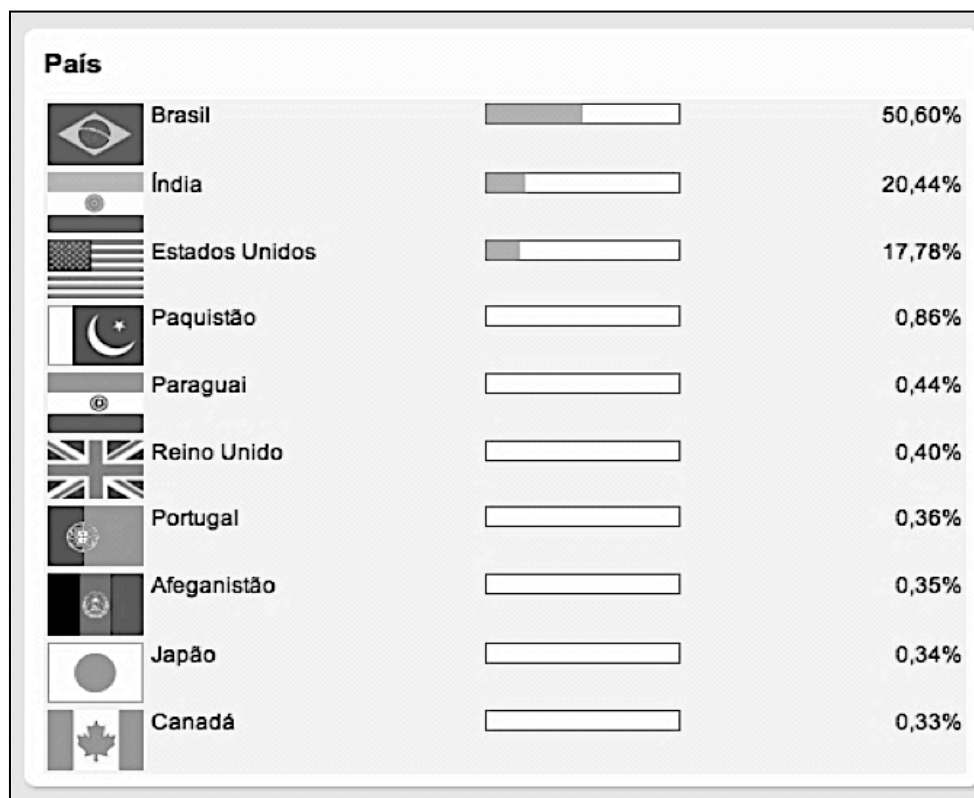
Notamos que essa queda no número de usuários do site deveu-se a uma movimentação que está ocorrendo: os brasileiros estão abandonando o Orkut para utilizarem o *Facebook*, um outro site de relacionamento que atrai cada dia mais participantes no Brasil.

Na qualificação desta pesquisa, apresentamos que no mês de março de 2011, de acordo com a revista *Veja*, o *Facebook* havia crescido 257%, contra apenas 31% do Orkut. No entanto, o Orkut ainda possuía supremacia quanto ao número de usuários: 32,4 milhões, contra 17,9 milhões (conferir anexo 1).

Hoje não podemos afirmar a mesma coisa, de acordo com a revista *Veja*, no mês de agosto de 2011, o *Facebook* conseguiu alcançar o número de usuários do Orkut: 30,9 milhões do *Facebook*, contra 29 milhões do Orkut (conferir anexo 2). Apesar desse crescimento, não é possível afirmar que o *Facebook* irá dominar o mercado brasileiro de rede social, pois não sabemos qual a resposta da *Google* –

proprietária do Orkut – para a sua perda de mercado.

Gráfico 1: Distribuição populacional, por nacionalidade, dos usuários do Orkut.



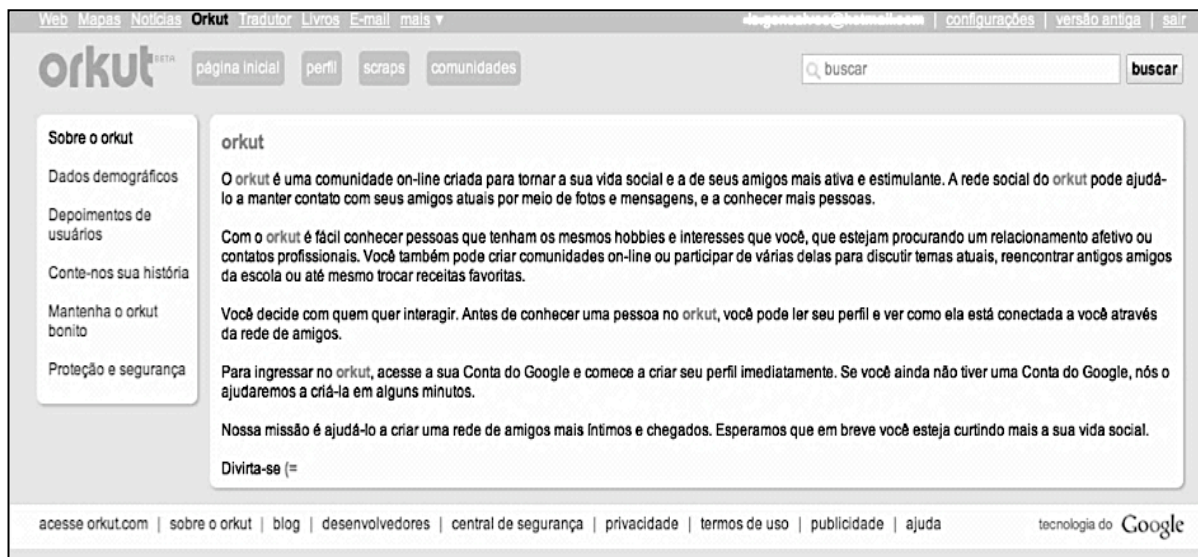
(Fonte: dados demográficos da rede social orkut.com in www.orkut.com.br)

Deixando essa concorrência empresarial de lado, acreditamos que uma rede percursora no mercado brasileiro, que abarca 29 milhões de usuários e dominou esse território por sete anos ainda constitui um interessante material de estudo no campo da linguagem, devido ao amplo espaço para interação que apresenta. Nesse sentido, afirmamos que o Orkut

é um desses espaços de sociabilidade desterritorializado, que ganhou várias configurações ao longo dos últimos seis anos em que foi criado, mas que, ao mesmo tempo, não perdeu a finalidade, a de fazer com que pessoas do mundo inteiro pudessem se comunicar quase que em tempo real e tornar públicos os aspectos de sua vida íntima que queiram compartilhar com outros membros pertencentes ao mesmo espaço virtual. (VILHENA, 2011, p. 12).

De fato, esta é a proposta dessa rede social, que em sua página de

apresentação exibe a pretensão dos idealizadores em reunir um grande número de usuários interligados:



Quadro 3: Sobre o Orkut
(fonte: www.orkut.com.br, acesso em 2010)

Assim, o Orkut é uma comunidade online que conecta pessoas através de uma solicitação virtual de amizade. A partir do momento que a solicitação é aceita, os perfis tornam-se ‘amigos’, passando um a pertencer à lista de amigos do outro.

A interação, então, acontece nos perfis individuais, pois neles se pode deixar recados, enviar depoimentos, comentar fotos; além disso, num perfil individual se tem acesso a outros perfis e outras comunidades relacionadas a ele. Dessa maneira,

as identidades construídas no ambiente virtual do Orkut são fundamentais para a orientação das interações sociais que nele decorrem. É importante aqui notar o caráter diferencial dessas identidades, construídas em um mundo “virtual”, visando interações que se orientam sem o contato direto, “frente-à- frente”. (MOCELLIN, 2007, p. 105).

Dessa maneira, o objetivo desse *website* é a acumulação do maior número possível de “amigos” pelos indivíduos que têm perfil, de forma a criar uma grande rede de contatos – que são interligados a outros contatos, como uma grande teia. A figura a seguir é uma representação mínima dessa conexão:

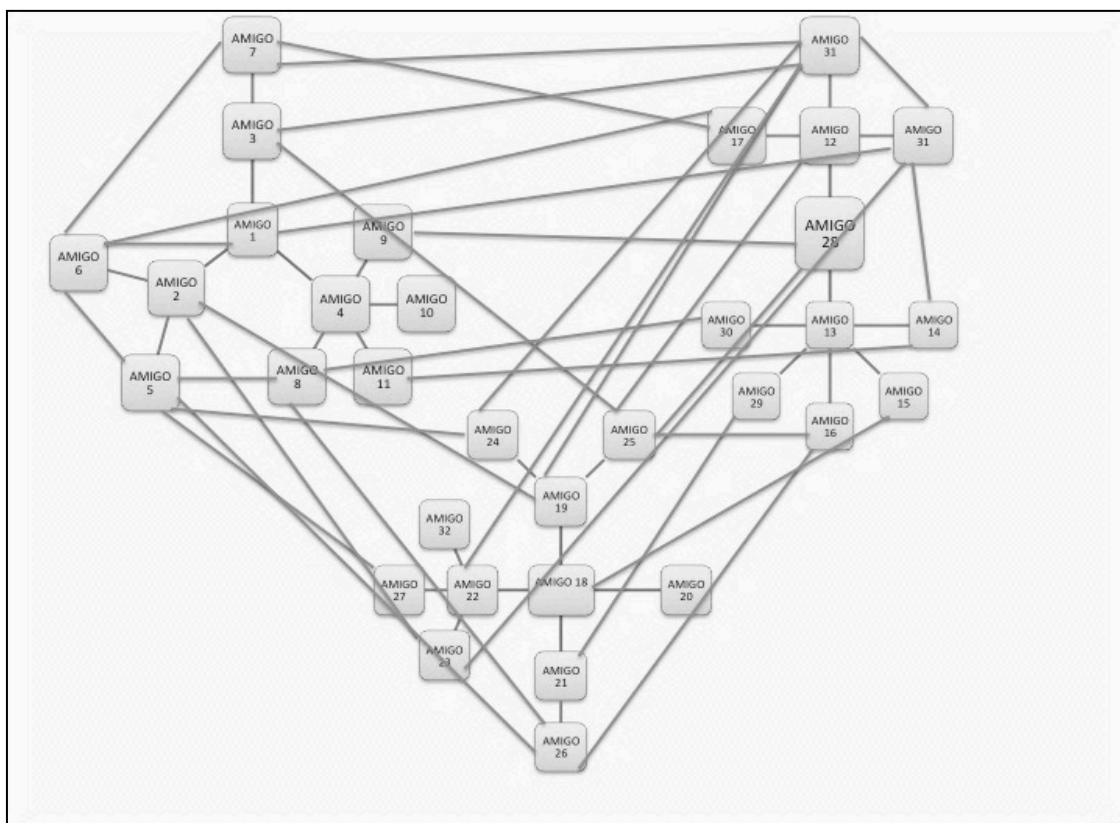


Figura 4: Representação de uma teia de amigos no Orkut.

Cada perfil tem como limite 1000 “amigos”, que podem ser categorizados como “melhor amigo”, “desconhecido”, “família”, “trabalho”, “escola”, podendo ser criadas outras categorias. Esse tipo de interação permite que os usuários encontrem e mantenham contato com colegas distantes, próximos e familiares, e é também possível fazer novos amigos, conhecendo pessoas que têm os mesmos interesses nas comunidades virtuais ou pelos perfis de outros amigos.

Feitas tais considerações, podemos afirmar que o Orkut é uma maneira de socialização digital que conquistou muitos adeptos brasileiros e, por isso, merece nossa atenção como pesquisadores da língua.

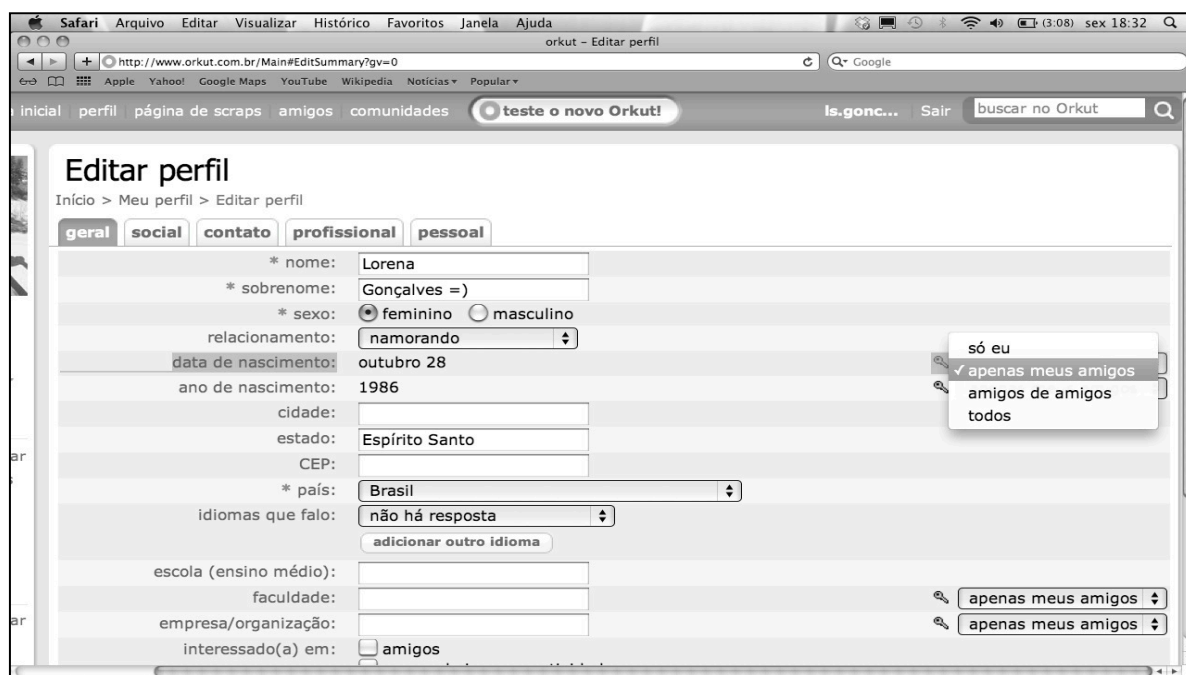
3.4.1 Caracterização do suporte Orkut

Com relação à composição estrutural, entendemos o Orkut por duas instâncias: a de *website*, e a de página pessoal. O *website* chama-se Orkut; e todas as pessoas

que fazem um perfil (*profile*) nesse *website* dizem ter um Orkut, ou seja, uma página pessoal no Orkut.

O perfil do Orkut pode ser definido como uma página virtual, ao mesmo tempo particular e pública, personalizada pelo seu dono. Dizemos que ela é particular, porque cada indivíduo, para se cadastrar no site de relacionamentos Orkut – ou por receber um convite via e-mail de algum conhecido que tenha um Orkut, ou por criar uma conta no *Google* –, automaticamente, cria um perfil, com um *login* e uma senha secreta, com diversas opções de privacidade, escolhendo por fornecer ou não seus dados. Em contrapartida, o Orkut também é público, porque as informações que o dono da página libera para compartilhar, podem ser visualizadas por qualquer pessoa que tenha um perfil no Orkut.

Na figura a seguir, por exemplo, podemos notar, no perfil geral, que as informações que apresentam opções de privacidade possuem uma pequena chave ao lado direito; ao abrir o ícone dessa chave aparecem, aparecem as opções “só eu”, “apenas meus amigos”, “amigos de amigos” e “todos”. Com essas opções, o dono do perfil pode definir com quem deseja compartilhar ou não, informações que são consideradas mais pessoais.



Quadro 4: Opções de privacidade do Orkut
(Fonte: www.orkut.com.br)

Como podemos observar na figura acima, em um perfil, o dono pode fornecer desde informações gerais, como nome, telefone, endereço completo, data de aniversário, relacionamento, entre outros, até preferências, como comidas, coisas que lhe atraem, filmes favoritos, etc. Assim, o site é dividido em espaços onde o dono do perfil pode fornecer informações, que são subdivididas em cinco categorias:

- a) geral: dados gerais, como nome, sobrenome, sexo, relacionamento, origem, onde estudou, onde trabalha, etc. (ver anexo 4);
- b) social: informações sobre estilo de vida, religião, visão política, se possui filhos, suas músicas favoritas, filmes, comidas, se bebe e/ou fuma e demais interesses sociais (ver anexo 5);
- c) contato: informações como e-mails, telefones, endereço residencial, etc. (ver anexo 6);
- d) profissional: escreve sobre escolaridade, formação profissional e trabalho (ver anexo 7);
- e) pessoal: fala da vida particular, de preferências no campo sexual, de como o dono do perfil se vê, etc. (ver anexo 8).

De forma geral, no perfil, o dono pode escrever sobre si no gênero “Quem sou eu”, construindo textualmente impressões que gostaria que os leitores tivessem dele: se descreve como acredita (ou gostaria) de ser. Nas subdivisões do perfil, fala de preferências específicas, como suas músicas, filmes, comidas, hobbies, etc; além disso, pode “postar” fotos e receber “depoimentos” de seus amigos e participar de comunidades virtuais.

Todos esses fatores presentes no perfil irão compor uma imagem pública, pois “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 1992, p. 11).

O site apresenta duas formatações: a versão antiga e a versão nova. A antiga, é uma versão mais rápida de ser carregada devido à menor quantidade de imagens para serem visualizadas, ela não pode ser personalizada com papéis de parede diferenciados, apenas há a opção do azul padrão.

Já na versão nova há a possibilidade de personalização pelo dono, porém limitada pelo próprio site; nela são oferecidas opções de papéis de parede e fontes e

cores de letras. Ademais, ambas as versões permitem a visualização de atualizações dos outros usuários na página inicial⁴³, no entanto a versão nova é mais dinâmica. As atualizações são obtidas quando algum amigo posta uma nova foto no álbum de fotos do Orkut, comenta a foto de um outro amigo em comum, entra numa nova comunidade, adiciona novos amigos, manda um mesmo recado para várias pessoas, está participando de alguns dos jogos do Orkut, etc.

Numa tentativa de ser o mais interativo possível, além dos jogos, dos álbuns de fotos, o Orkut também apresenta lugares para interação, tanto por recado (no *scrapbook*), como por um *chat* na página do site. Ressaltamos, outra vez, que essas interações dentro do Orkut só são possíveis de acontecer entre perfis amigos⁴⁴. No *scrapbook* há uma exceção a essa regra: quando o dono do perfil libera esse espaço para pessoas desconhecidas também escreverem nele.

Todos esses recursos apresentados, contidos no Orkut, ratificam a necessidade das pessoas de interagirem; ao utilizarem esses mecanismos presente nesse *website*, os internautas criam um discurso sobre si. Assim, cada usuário cria uma imagem pública, pois apresenta um estilo de vida – pelas fotos, pelas trocas de recados, pelos eventos dos quais participa e pelos amigos com quem mantém contato; anuncia preferências nas comunidades das quais fazem parte; descreve preferências pessoais no perfil; e aceita depoimentos falando de si.

Porém, ao contrário dos usuários que fornecem informações para a elaboração de sua imagem pública, há outros que optam pela privacidade e não fornecem informação alguma em seu perfil. Para Mocellin (2007), essa diferença no comportamento virtual dos usuários de Orkut ocorre porque

os usuários que buscam, ativamente, novas amizades no Orkut demonstram uma maior preocupação com a forma como é feita sua descrição, ao passo que, os usuários que se utilizam do Orkut para manter contato apenas com amigos conhecidos *offline*, conhecidos pessoalmente, vêem essa descrição como secundária; visto que, os amigos com quem mantêm contato já os conhecem pessoalmente e podem tirar suas próprias conclusões pelas impressões que tiveram *offline*. (MOCELLIN, 2007, p. 106).

⁴³Chamada na nova configuração do Orkut de “Início”, a página inicial do Orkut é o espaço dedicado à apresentação das atualizações dos amigos do dono do perfil.

⁴⁴Para duas pessoas serem amigos no Orkut é preciso que uma busque o perfil da outra e solicite a sua amizade enviando um convite virtual fornecido pelo próprio site no link “Adicionar como amigo”.

Nesse contexto, reafirmamos que a utilização do Orkut é uma forma de construção de imagem social, visto que os usuários têm controle sobre as impressões que fornecem ao compartilharem suas informações, ao aceitarem amigos, ao participarem de comunidades e ao aceitarem determinados depoimentos.

3.4.2 Caracterização do Gênero Depoimento de Orkut

Como dito, na comunidade virtual Orkut há um espaço denominado “Perfil”; nele, há diversas informações sobre o dono daquela página. Complementando tais informações, há um espaço para “Depoimentos” (do Inglês, *testemonial*) que os “amigos” escrevem para o dono do perfil, localizado logo abaixo do gênero “Quem sou eu”.

Se buscarmos uma definição para a palavra “depoimento”, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004, p. 216) o define como “ato ou efeito de depor ou seu efeito, declaração, em juízo, da testemunha sobre um fato”. Diferente dessa definição, o depoimento de Orkut é um gênero textual construído por um amigo do dono do perfil por espontânea vontade, de forma curta (até 1024 caracteres), com escrita de caráter informal; apresenta um viés emocional, de compartilhar a admiração que o “amigo” sente pelo dono do perfil e/ou relembrar algum momento marcante com ele; o que o torna, predominantemente, dentro da tipologia textual, narrativo ou descritivo.

Assim, nessas construções repletas de traços de oralidade e efeitos sonoplásticos (próprios dos gêneros digitais), o “amigo” cria um depoimento emotivo que complementa a imagem que o dono do Orkut tenta construir. Afirmamos que só são criadas imagens consideradas boas pelo dono do perfil, porque, antes de ser publicado, o depoimento passa pela censura do dono da página, que pode ou recusar ou aceitar. O depoimento só é publicado quando o dono do perfil concorda com o que o depoente falou e considera que aquilo vá contribuir com a imagem que deseja criar de si. Caso contrário, ele simplesmente o apaga.

Para melhor entendimento de como é a estrutura visual do Orkut e a localização do gênero depoimento nesse suporte, apresentamos no quadro 8 um perfil na versão antiga do site.

The image shows a screenshot of an Orkut profile page for Lorena Gonçalves. The page layout includes a navigation bar at the top with links like 'página inicial', 'perfil', 'página de recados', 'amigos', and 'comunidades'. The profile header features a profile picture, the name 'Lorena Gonçalves=)', and a status update: 'Contagem regressiva! VEGAS, baby!!!'. Below the header, there are statistics for 'quem vê meu perfil assim?' and a list of 'meus amigos' (382). The 'minhas fotos recentes' section shows a grid of photos. A red arrow points to the 'meus depoimentos' section, which contains a text-based post. The post text is as follows:

meus depoimentos

Fris Queiroz: Agora estou pensando que ainda bem que a distância não se mostrou um problema para nós. Não que goste de sua ausência, pelo contrário é que parece que estamos perto, estamos juntas sempre. Sem falar que os reencontros, mesmo esporádicos, são tão cheios de risadas, lembranças, novidades e afago.

Hoje lembrei dos CMs, das vacas, dos problemas com as famílias, dos ex namorados e pequenos, dos amigos, dos dias de guarda com mt comida, filmes e conversas. Tudo isso me lembra d como gosto de sua companhia, mais ainda.

Quadro 5: Perfil do Orkut
(Fonte: www.orkut.com.br)

Nos depoimentos, a interação se dá principalmente pela escrita e leitura. A escrita é caracterizada pela não monitoração, pela informalidade: são usados intensos traços de oralidade, além de abreviações, transcrições fonéticas, uso de símbolos, ausência de diacríticos e uso de ícones para representar emoções, os

emoticons e efeitos sonoplásticos. Para visualização, apresentamos a seguir alguns exemplos:

(16) Abreviação:

De – d,
Também – tb, tmbm, tmb,
Beleza – blz,
Qualquer - qlqr, qq, qquer,
Risos – rs;

(17) Transcrição fonética:

Aqui – Aki,
Acho – Axo,
Tchau – xau,
Cabeça – kbça;

(18) Uso de símbolos:

Mais – +,
Demais – D+,
Até mais – t+, té +;

(19) Ausência de diacríticos:

Amigão – amigao,
Abreviação – abreviacao,
Vovó – vovo,

(20) Uso de *emoticons*:

:) / =] / =) – felicidade, sorriso - 😊 ,
 ~(/ T.T / Y.Y / ='(/:!(– lágrimas - 😭 ;

(21) Efeitos sonoplásticos:

kkkkkkk / hehehehe / Hauhauhau – Risos,
 Amiiiiiiiigo- Amigo.

Salientamos que esses recursos podem ser utilizados mesclados numa mesma palavra, conforme exemplos a seguir:

(22) fonética e abreviação:

Não - ñ, n, naum;

(23) utilização de símbolo e abreviação:

Você - vc, vsê, c.

Com o uso desses variados recursos linguístico e visuais, os internautas suprem suas necessidades de interagir pelo depoimento de modo dinâmico e informal.

CAPÍTULO 4

NATUREZA DO *CORPUS* METODOLOGIA DE ANÁLISE

No decorrer dos dois primeiros capítulos, procuramos apresentar uma reflexão sobre a Polidez e a Referenciação de forma a compreender o que essas teorias oferecem enquanto método de análise em suas respectivas áreas de estudo: Pragmática e Linguística Textual.

Na esteira dessa reflexão, o depoimento de Orkut é tido como *locus* em que propomos convergir essas duas teorias de modo a configurar o gênero. Por isso, no terceiro capítulo procuramos situar o depoimento de Orkut no meio em que é veiculado, com vistas a apresentar um breve panorama do suporte.

Esses primeiros capítulos são de fundamental importância para o entendimento da configuração do contexto teórico e, com isso, para a análise de como o texto é construído a partir da categorização e recategorização do objeto de discurso dono do perfil. Esta pesquisa, portanto, é um estudo de caráter qualitativo, cujo modelo teórico-analítico é a articulação de uma abordagem da Pragmática à pressupostos da Linguística Textual para fins exploratórios de um *corpus* empírico. Procuramos mostrar como a face do dono do perfil é construída discursivamente por estratégias Referenciação em meio a Atos de fala que seguem princípios da Polidez linguística. Nesse sentido, o procedimento adotado foi de coleta do dados no ambiente em que o gênero depoimento é veiculado.

Para a coleta, não nos embasamos no método de seleção por gênero, faixa etária, zona de habitação, escolaridade, etc., conforme propõe a sociolinguística; pelo contrário, os depoimentos foram angariados segundo três critérios, no período referente ao primeiro semestre de 2010, somando um total de 60 (sessenta) textos.

O primeiro critério adotado foi a de observação de depoimentos públicos, isto é, depoimentos que o dono do perfil não restringiu a publicação - pelo menos, não até o momento da coleta. A estratégia foi a utilização de um determinado perfil para visualizar outros perfis de usuários que não eram seus amigos. Quando os depoimentos não são compartilhados com outras pessoas senão os amigos, aparece a mensagem, construída pelo próprio *website*, “essa área é particular”, conforme o quadro a seguir:



Quadro 6: Aviso de área particular no Orkut
(Fonte: www.orkut.com)

Considerados apenas os depoimentos públicos, o segundo critério para seleção de *dados* foi a obediência à proposta do Orkut, que define um máximo de 1024 caracteres em cada depoimento. Porém, muitos perfis apresentam dois textos ou mais, complementares, escritos pelo mesmo amigo, ultrapassando o limite estipulado.

Com base nisso, procuramos recolher um material que se enquadrasse à sugestão do site, como é definido no quadro 7, na versão antiga do Orkut:

The image shows a screenshot of the Orkut website's 'Criar depoimento' (Create testimonial) page. The page layout includes a top navigation bar with links like 'página inicial', 'perfil', 'página de scraps', 'amigos', and 'comunidades'. A search bar is located in the top right corner. On the left side, there is a profile sidebar for a user named 'Jay', showing their gender as 'feminino' and location as 'Recife, Brasil'. The main content area is titled 'Criar depoimento' and contains a text input field with the prompt 'O que você tem a dizer sobre Jay?'. Below the input field, there is a character count: 'seu texto contém 0 caracteres'. At the bottom of the form, there are 'enviar' and 'cancelar' buttons. The footer of the page contains various links such as 'Sobre o orkut', 'Acesse orkut.com', 'Blog', 'Desenvolvedores', 'Central de segurança', 'Privacidade', 'Termos de uso', 'Publicidade', and 'Ajuda', along with a Google logo.

Quadro 7: Espaço de criação de depoimento
(Fonte: www.orkut.com.br)

O terceiro critério foi escolher depoimentos escritos por pessoas que apresentam um texto produzido a partir da norma padrão do português urbano falado no Brasil; logicamente, consideramos, para isso, as estruturas comuns à linguagem da Internet (ver tópico 3.4.2 desta pesquisa) na coleta, afinal de contas, elas são uma importante característica dessa forma de interação.

Durante as busca pelo *corpus*, observamos o comportamento do gênero, ou seja, quais as formas de estruturação textual mais recorrentes. Percebemos, então, que o gênero – apesar de expor como produto a elaboração de imagem do dono do perfil – apresenta estratégias de estruturações textual distintas, o que nos possibilita classificá-lo em categorias mais recorrentes. São elas:

- a) Elogio;
- b) Lembranças;
- c) Agradecimento.

Dentro dessas categorias, são analisadas subcategorias de acordo com as teorias sumarizadas nesta pesquisa. Avaliamos, dessa maneira, quais as formas de

construção de objeto de discurso mais recorrentes e qual a sua relação com a construção da imagem social do dono do perfil. Para isso, nos embasamos no quadro comparativo das teorias de polidez apresentado na página 73 desta pesquisa. Dessa maneira, ambas as teorias, tanto da Linguística Textual, quanto da Pragmática, são essenciais para entendermos a elaboração do gênero depoimento de Orkut.

Apesar de recolhermos um material público, nos preocupamos em não revelar a identidade do dono do perfil, nem dos amigos a ele relacionados; para isso, foram selecionados apenas os textos dos depoimentos. Foram apagadas todas as informações que levassem a algum usuário da rede. Em depoimentos que apresentavam, na construção do texto, o nome completo do dono do perfil, apagamos o sobrenome, e deixamos o prenome; ou apagamos o nome completo, e colocamos apenas as iniciais. Apagamos também o nome de instituições e lugares; enfim, foram tiradas todas as informações de localização daquele perfil, uma vez que a identidade não é importante, mas sim o texto construído.

Para análise, partimos do pressuposto de que ao criar um depoimento no Orkut, o amigo converte textualmente o dono do perfil em um objeto de discurso e o constrói linguisticamente por meio de estratégia de categorização, a partir das impressões que tem. Assim, ao construir esse objeto de discurso inspirado em um modelo real, o depoente utiliza estratégias textuais de introdução e reativação para mantê-lo em foco na memória do leitor. Este, por sua vez, pode reafirmar uma imagem que já possui do dono do perfil, ou pode desconstruir uma imagem que antes tinha, a partir das informações que infere do texto mais os conhecimentos já armazenados sobre o dono do perfil. Essa categorização do referente só é possível devido a atos de polidez lançados pelo depoente a fim de construir a imagem pública positiva do dono do perfil.

Como no próprio Orkut é posto, os depoimento são sujeitos a aprovação, sendo assim, ele só é publicado caso o dono do perfil concorde com o que está escrito e acredite que esse texto irá corroborar a imagem pública que procura manter. Nesse sentido, acreditamos que

reivindicar qualidades para o próprio *self* requer a exibição de uma modéstia depreciativa, de fortes qualificações ou de uma certa falta de seriedade; com tais garantias, a pessoa prepara para si mesma um *self* que não será desacreditado, ao ser exposto, por fracasso pessoal ou por atos imprevisíveis de outros. (GOFFMAN, 1992, p. 85).

CAPÍTULO 5

ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE FACE: UMA ANÁLISE DE DEPOIMENTOS DE ORKUT

A face do falante é de crucial importância, em uma interação autêntica. A preocupação com a auto-apresentação do falante, então, precisa de ser incorporada ao estudo de face, em que deve possuir peso igual ao estudo do ouvinte. (SPENCER-OATEY, 2008, p. 137).⁴⁵

Para análise, nos ancoramos no pressuposto de que, em depoimentos de Orkut, há uma construção bidirecional de face: o amigo, entendido aqui como falante (F)⁴⁶, não só constrói a imagem do dono do perfil, seu objeto de discurso (OD), como também constrói a de si mesmo.

Damos enfoque a essa questão pois é comum nas interações a ocorrência de expressões que traduzem a constante ameaça de face; dessa forma, os interactantes utilizam atenuadores com a preocupação de ameaçar a face do outro. Diferente disso, acreditamos que nos depoimentos há uma negociação de imagem, isto é, “o processo utilizado pelos interactantes de uma interação ao tentarem preservar ou salvar **suas** imagens por meio de estratégias discursivas executadas com base em um conjunto de normas sociointeracionais” (TAVARES, 2007, p. 27, grifo nosso).

Nesse sentido, os depoimentos de Orkuts são uma forma de interação em que amigos do dono do perfil, por vontade própria, criam textos cuja construção se dá por atos de salvamento de face (BROWN & LEVINSON, 1987), sem que antes tenha havido uma ameaça à face. Para isso, recorrem a estratégias de processamento textual em que predominam as categorizações de objetos de discurso.

Essas categorizações imprimem um teor de veracidade ao depoimento, uma vez que “a categorização é essencialmente um assunto relacionado à experiência e imaginação humana – de percepção, de atividade motora e de cultura por um lado;

⁴⁵ “*Speaker own face concerns may emerge as crucially important in authentic interaction, and that a speaker’s self-presentational concerns thus need to be incorporated into the study of face and given equal weighting to those of the hearer*” (SPENCER-OATEY, 2009, p. 137).

⁴⁶ Na análise, referimo-nos a objeto de discurso pela sigla OD. O falante (F) é referido como sinônimo do amigo que cria o depoimento; e o ouvinte (O) é referido como sinônimo de dono do perfil.

e de metáfora, de metonímia e de imagens mentais por outro lado” (LAKOFF, 1990, p. 8).⁴⁷

Para compreender como se dá a construção de imagem social, apresentamos a seguir 9 depoimentos classificados em 3 categorias: (5.1) Elogio; (5.2) Rememorações; e (5.3) Agradecimento. Neles são observadas as estratégias textuais e pragmáticas utilizadas para a construção do depoimento pretendido.

5.1 DEPOIMENTO DE ELOGIO

A categoria elogio é composta por depoimentos que exaltam as qualidades consideradas socialmente positivas do dono do perfil. Essas qualidades devem ser condizentes com a representação social do indivíduo, ou seja, com a “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1992, p. 29). Neste caso, a forma como o dono do perfil é reconhecido pela sua rede de amizades virtual.

Quem cria essa modalidade de depoimento, geralmente, visa mostrar que o dono do perfil mantém sua face, que ele é o que apresenta ser; designado, por isso, segundo Goffman (1992), como sincero, pois acredita na impressão criada por sua representação, que condiz com os padrões sociais comuns. Nesse sentido, qualidades e virtudes projetadas pelo dono do perfil são ressaltadas, uma vez que esses atributos são o que definem esse indivíduo socialmente e o fazem ser aceito.

Alguém que demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes é pouco aceito pelo grupo social, que não consegue lidar com o diferente e, em situações extremas, o converte em uma pessoa má e perigosa, que deixa de ser vista como pessoa na sua totalidade, na sua capacidade de ação e transforma-se em um ser desprovido de potencialidades. Esse sujeito é estigmatizado socialmente e anulado no contexto da produção técnica, científica e humana. (MELO, 2005, p. 1).

⁴⁷ “Categorization is essentially a matter of both human experience and imagination – of perception, motor activity, and culture on the one hand, and metaphor, metonymy, and mental imagery on the other” (LAKOFF, 1990, p. 8).

Uma vez que o dono do perfil não é estigmatizado, o criador do depoimento utiliza estratégias de polidez, elaboradas por meio de categorizações, para compartilhar no Orkut a imagem que ele construiu do dono do perfil.

Os depoimentos 1, 2 e 3 foram categorizados como Elogio. Note que sua estruturação textual tem como tópico principal descrever de forma laudatória o dono do perfil em terceira pessoa “Ele” ou “Ela”.

Nayara é a pessoa mais inverossímil que já conheci. Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de uma fantasia minha, um delírio. Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na suavidade do sorriso; da sabedoria despretensiosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade, se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio: impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!

O melhor de tudo é que ela é bem real, mora no meu coração e deixou que eu me instalasse no dela. Te amo, Nayara!

Figure 5: Depoimento 1
(fonte: www.orkut.com.br)

FLAVIA B.

Hoje ela é uma fotografia de 24 anos em 3D... Parece uma figura em movimento. Ou quem sabe algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar. Quero compartilhar com vcs que a Flavinha é praticamente o retrato do mais profundo sonho que alguém pode viver... Pois Caminhar com a amizade dela nos faz perceber que sim. A vida pode ser uma constante apresentação do melhor que a sua alma e Espírito podem exprimir em qualquer oportunidade.

Uau... FALVINHA! Ahaha... Gosto de dizer que ela é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para. Gente que por si só representa toda a sintonia necessária para que os seus dias sejam intensos ao ponto de influenciar a alegria de quem está com ela... Creio que por é sua vibrante energia de vida que ela estremece todos aqueles que insaciavelmente observam a nobreza de sua personalidade... Pode ser que alguém a traduza como ÚNICA... Ou apenas como muito, mas MUITO ESPECIAL.

Figura 6: Depoimento 2
Fonte: www.orkut.com.br)

..... : Marina... senhorita sorriso! Fala sério, a moça mais bom-humor do mundo. É uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim. Está sendo um prazer conhecê-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida. Sucesso e felicidades, beijão Meméééééééééé!

Figure 7: Depoimento 3
(Fonte: www.orkut.com.br)

Como já afirmamos, nos três depoimentos é recorrente uma construção textual baseada na categorização do referente de forma socialmente positiva, ou seja, por meio de exaltação de qualidades e valores morais conforme uma determinada comunidade. Isso porque, no momento em que terceiros forem ler o depoimento,

se conhecem o indivíduo ou estão informados a respeito dele, em virtude de uma experiência anterior à interação podem confiar nas suposições relativas à persistência e generalidade dos traços psicológicos, como de predizer-lhes o comportamento presente e futuro. (GOFFMAN, 1992, p. 11).

Dessa maneira, os depoimentos se configuram a partir da emissão de atos de fala que corporificam uma representação socializada do OD, isto é, “moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 1992, p. 40). Nesse sentido, nota-se a constante utilização de estratégias de polidez positiva (BROWN & LEVINSON, 1987), as quais estão relacionadas à própria imagem social.

De forma geral, nos três depoimentos é constante a regra da camaradagem (LAKOFF, 1975), que postula a simpatia. De acordo com Lakoff (1975), essa regra está relacionada às situações informais, em que não há uma hierarquia entre os falantes, portanto, eles se tratam de forma igual, de forma próxima, amiga, por demonstrar intimidade. Isso é nítido no gênero depoimento de forma geral, uma vez que são pessoas próximas ao dono do perfil que escrevem os depoimentos, geralmente, um amigo, irmão, primo, tio, etc. Nessa categoria, o amigo, ao longo do fio discursivo, procura mostrar a sua admiração por O, a partir de expressões nominais, que categorizam o objeto de discurso dono do perfil de forma socialmente positiva:

(24) “*Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de **uma fantasia minha, um delírio.***” (Depoimento 1).

(25) “*Parece **uma figura em movimento.** Ou quem sabe **algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar.***” (Depoimento 2).

(26) “*É **uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim.** Está sendo um prazer conhece-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida.*” (Depoimento 3).

Ao analisarmos como funcionam esses depoimentos, que segundo Lakoff (1975) são regidos pela regra da camaradagem, na perspectiva de Leech (1983), entendemo-los como atos ilocucionários, cujo objetivo é a boa relação social entre os interactantes, instaurada a partir de afirmações e descrições sobre *O*, feitas por *F*. Por isso, esses depoimentos são atos de fala colaborativos em que ocorre a polidez positiva (LEECH, 1983), cuja função é maximizar expressões polidas.

Essas expressões polidas, como já explicadas, são analisadas em termos de custo e benefício para o ouvinte. Nos depoimentos acima, portanto, observamos o respeito a duas máximas de Leech (1983) que vogam benefícios para o ouvinte: máxima da aprovação e máxima da simpatia.

A máxima da aprovação postula a maximização de expressões que aprovem *O* e a máxima da simpatia sugere expressões que maximizem a simpatia pelo outro. Nessa categoria, acontece o casamento entre as duas, uma vez que, ao categorizar o dono do perfil de forma positiva, *F* está explicitando sua aprovação por ele, a qual é consequência de admiração e simpatia que tem, ou vice-versa.

(27) “*se me dissessem que havia **alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente,** eu diria o óbvio: impossível, **uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!***” (Depoimento 1).

(28) “Gosto de dizer que ela é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para.”
(Depoimento 2).

(29) “Fala sério, a moça mais bom-humor do mundo.” (Depoimento 3).

Nesse contexto, podemos concluir uma terceira máxima, a do acordo (LEECH, 1983), a qual postula a maximização de acordo entre *F* e *O*. Passamos a considerá-la pelo fato de o depoimento ser a corporificação de uma admiração e aprovação do amigo pelo dono do perfil, sendo assim, o dono do perfil concorda com ele e por isso publica em sua página, caso contrário não o faria.

Os depoimentos são construídos de forma a corroborar com a elaboração da imagem socialmente positiva de *O*, isto é, com qualidades do dono do perfil expressas durante interação face-a-face. Nessa perspectiva, em conformidade com Brown & Levinson (1987), afirmamos que nessa categoria, a criação dos depoimentos está relacionada à vontade do dono do perfil de ser aceito, apreciado pelos outros. Podemos afirmar isso, pois ao respeitar as categorias de Lakoff (1973) e as máximas de Leech (1983) já apresentadas, o amigo está construindo sua imagem de forma socialmente positiva, uma vez que ela é constituída a partir de formulações sociais para uma boa e amistosa interação.

De qualquer maneira, sendo um pouco mais específico, podemos observar a formulação da imagem positiva pelas Estratégias de Polidez, definidas por Brown & Levinson (1987). Comuns aos três depoimentos são o respeito às estratégias de polidez positiva 2 (exagere a aprovação e a simpatia pelo ouvinte), 4 (use marcadores de identidade de grupo) e 15 (forneça presentes ao ouvido do ouvinte, dizendo suas qualidades, sendo simpático, cooperando).

Nos três depoimentos, *F* introduz por nomeação, o objeto de discurso: no depoimento 1, Nayara; no depoimento 2, FLAVIA B; e no depoimento 3, Marina. Segundo Koch (2008b),

quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto de discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais. (KOCH, 2008b, p. 101-102).

Apesar de a nomeação não se tratar de uma categorização, mas apenas a nomeação do OD em questão, na categoria Elogios, ela caracteriza a estratégia de polidez positiva 4, em que *F*, para explicitar textualmente a sua proximidade e admiração por *O*, nomeia o objeto de discurso dono do perfil numa tentativa de singularizá-lo enquanto objeto textual.

Quanto às estratégias de polidez positiva 2 e 15, estas são as que caracterizam esta categoria de depoimentos, visto que a construção da imagem do dono do perfil se dá, em grande parte, pelo uso dessas estratégias que se concretizam por meio de formas nominais construtoras do objeto de discurso:

Estratégias de Referenciação	Depoimento 1
Categorização do OD dono do perfil, em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Nayara é a <i>pessoa mais inverossímil que já conheci.</i>
Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial.	Às vezes, penso que <i>ela</i> nem existe, que não passa de <i>uma fantasia minha, um delírio.</i>
Introdução de novos OD’s por Anáfora inferencial, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”	Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem <i>dela</i> , de como é, de como age e de como pensa; de <i>sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na sua suavidade de sorriso; da sabedoria despretensiosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade,</i>
Recategorização do OD dono do perfil por rotulação.	se me dissessem que havia <i>alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente,</i> eu diria o óbvio:
Recategorização do OD dono do perfil por rotulação.	impossível, <i>uma criatura assim</i> não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!
Recategorização em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	O melhor de tudo é que <i>ela</i> é <i>bem real</i> , mora no meu coração e deixou que eu me instalasse no <i>dela</i> , Te amo, Nayara!

Quadro 8: Estratégias de Referenciação no depoimento 1

Estratégias de Referenciação	Depoimento 2
Categorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	FLAVIA B. Hoje <i>ela</i> é uma fotografia de 24 anos em 3D...
Recategorizações do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Parece uma figura em movimento. Ou quem sabe algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar
Recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Quero compartilhar com vcs que a Flavinha é praticamente o retrato do mais profundo sonho que alguém pode viver... Pois Caminhar com a amizade dela nos faz perceber que sim. A vida pode ser uma constante apresentação do melhor que a sua alma e Espírito podem exprimir em qualquer oportunidade.
Recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Uau...FALVINHA! Ahaha... Gosto de dizer que <i>ela</i> é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para.
Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial.	Gente que por si só representa toda a sintonia necessária para que os seus dias sejam intensos ao ponto de influenciar a alegria de quem está com ela...
(1) Introdução de OD’s por Anáforas inferenciais, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.” (2) Recategorizações por Anafóras inferenciais, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”	(1) Creio que por é sua vibrante energia de vida que <i>ela</i> estremece todos aqueles que insaciavelmente observam a nobreza de sua personalidade... (2) Pode ser que alguém a traduza como ÚNICA... Ou apenas como muito, mas MUITO ESPECIAL.

Quadro 9: Estratégia de Referenciação no depoimento 2

Estratégia de Referenciação	Depoimento 3
Categorização do OD “dono do perfil” por expressão nominal anafórica.	<i>Marina... senhorita sorriso!</i>
Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial.	Fala sério, <i>a moça mais bom-humor do mundo.</i>
Recategorização do OD “dono do perfil”, em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	É <i>uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção,</i> enfim. Está sendo um prazer conhece-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida. Sucesso e felicidades, beijão Memééééééééé!

Quadro 10: Estratégia de Referenciação no Depoimento 3

A partir da observação desses três depoimentos, podemos afirmar, em conformidade, com Koch (2008b), que tanto a categorização, quanto a recategorização de um objeto de discurso apresentam uma função argumentativa. No caso dos depoimentos, o falante procura apresentar novas qualificações do seu objeto, procurando situá-lo em novas categorias, conforme o seu projeto de dizer, que é a elaboração da imagem pública do dono do perfil.

O emprego das formas nominais anafóricas como forma de recategorização do objeto de discurso opera conforme os propósitos discursivos do amigo que cria o depoimento, portanto elas só fazem sentido no interior do texto, em que, neste caso, se busca compartilhar opiniões, juízos sobre uma determinada pessoa, com um público do qual se espera uma concordância; por isso, o texto é elaborado em conformidade com pensamentos comuns de um determinado grupo.

Note que, para conseguir a concordância dos leitores, *F* não só centra-se no ouvinte para salvar a face dele a partir das estratégias de polidez positiva apresentadas; ele também – porém raramente – pode ameaçar a sua própria face ou a do ouvinte (BROWN & LEVINSON, 1987), como no depoimento 1, em que apresenta ameaça à face do falante. A fim de listar todas as qualidades da dona do perfil por meio de recategorizações, num ato de polidez positiva 2, *F* ameaça à sua

própria face positiva. Ao se assumir pessimista quanto a tantas qualidades de Nayara, *F* está confessando um defeito de sua própria personalidade.

(30) *“Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de **sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na suavidade do sorriso; da sabedoria despretensiosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade,** se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio: impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!”*

Essa estratégia interacional de ameaçar a própria face positiva contribui então com a progressão do texto. Isso porque é nessa ameaça de face que *F* rotula toda uma enunciação (em negrito) com a expressão “todas essas virtudes”, para, com ela, recategorizar o OD com a expressão “alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente” e, assim, emitir uma ato de polidez positiva.

Com a rotulação, *F* encaminha a progressão textual, uma vez que os rótulos são formas de conduzir seu o ponto de vista, auxiliando na sua argumentação quanto ao seu objeto de discurso.

A partir da análise dessas (re)categorizações, podemos afirmar que as escolhas lexicais

caracterizam-se por operar uma seleção, dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente – reais co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor –, aquelas que, em dada situação de interação, são relevantes para o propósito do locutor”. (KOCH & ELIAS, 2006, p. 132).

Essas escolhas lexicais corporificam estratégias de polidez positiva utilizadas como uma forma de fomentar a face positiva do dono do perfil, e, conseqüentemente, a própria face do falante. Sobre isso, acreditamos que

a face dos outros e a própria face são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas. (GOFFMAN, 1992, p. 77).

5.2 REMEMORAÇÕES

Outra categoria de depoimento encontrada foi a de memórias. Nesses depoimentos, o objeto de discurso é, geralmente, construído a partir de um “nós”, da narração de experiências vividas por duas pessoas juntas: dono do perfil e amigo que cria o depoimento. De acordo com Motta (2005), quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutória responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. Esse tipo de construção constitui em “dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação” (MOTTA, 2005, p. 03).

Para melhor descrever essa categoria, ao responder à pergunta do depoimento “o que você tem a dizer sobre ‘dono do perfil?’”, *F* opta por recordar alguns momentos vivenciados por ele junto ao dono do perfil, para, a partir disso, emitir sua apreciação com relação a ele. Nesse sentido, afirmamos que

quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele. (GOFFMAN, 1992, p. 18).

A presença da ameaça à face (BROWN & LEVINSON, 1987), ou do falante, ou do ouvinte, em meio a estratégias de polidez positiva é constante nesses depoimentos, e o seu efeito é a construção de imagens sociais. Isso porque, como é observado nos depoimentos 4, 5 e 6, há a introdução de diversos referentes para construir o propósito de sentindo de *F*, de relatar episódios da sua amizade com o dono do perfil, sendo que a (re)categorização do objeto de discurso dono do perfil surge como consequência desse relato.

Em outras palavras, recordar momentos da amizade entre o dono do perfil e o amigo é uma estratégia argumentativa de levar à construção da face do dono do perfil e, conseqüentemente, do amigo que escreve o depoimento.

Juju minha querida amiga...
 Estudamos juntos desde o pré-técnico...em tempos que esteticamente é melhor até esquecer...mas nossa amizade só se fortaleceu...principalmente no ensino médio...quando tenho que confessar tinha uma amizade de muito interesse...rsrs brincadeira...eu nem colava muito das suas provas...mas depois cada um seguiu seu caminho, sua profissão...vc com seu sonho de ser professora que te acompanhava desde a 5ª série ...e eu lembro sim de quando falávamos de morar juntas...mas aquilo de vc limpar a casa é pq vc dizia que seria prof...e eu juíza...ou seja, eu sustentaria a casa...mas as coisas mudam e os salários sonhados tb...Até de professora eu faço bico....rsrsrs com a ajuda dessa minha amiga lógico...rsrsrs

Mas a distância que acaba com muitas "amizades" não acabou com a nossa que é muito forte e verdadeira...só deixou a gente um pouco afastada....mas isso não é só por causa da distância...a falta de tempo tb ajuda...(mestrado...trabalho....tiram o nosso tempo)

Adoro sua risada tão espontânea, seu humor cínico, seu jeito que passa energia e que me faz ter mais coragem, sua disposição e amor a sua profissão, sua inteligência, seu apoio, seu carinho....

TE AMO amiga e quero dizer que pode contar sempre comigo.

Figura 8: Depoimento 4
 (Fonte: www.orkut.com.br)

Intelligentíssima. Não tem adjetivo que a descreva melhor. Além disso, posso falar que é uma super AMIGA, companheira de todas as horas: e olha que foram muitas horas, durante esses quatro anos e meio de curso. Foram calouradas, tequiladas, micaretas, idas a boate, churrascos e mais churrascos. Mas não foi só essa vida boa não! Véspera de prova batíamos ponto na biblioteca fazendo as nossas revisões que sempre deram muito certo..e o resultado não podia ser diferente: sucesso na certa!

Ela é determinação em pessoa, sempre deu conta de todos os compromissos: tenho certeza que o dia dela deve ter mais do que vinte e quatro horas: ela namora, vai pra aula, sai com os amigos, vai pra iniciação científica, estuda e tira notas altas, vai pro estágio e conseguia tempo pra tudo e todos. Tanto esforço que hoje ela colhe os resultados de toda essa jornada na : mestrado é pouco, ela se encaminha pro doutorado em R ! E nós, é claro, torcemos pro sucesso dela.

É com o maior orgulho que eu chamo minha eterna dupla e minha amiga pra receber o seu canudo. Uma salva de palmas pra farmacêutica e bioquímica M. D. P.!

Figure 9: Depoimento 5
 (Fonte: www.orkut.com.br)

Ele é o verdadeiro significado da palavra AMIZADE..pode acreditar!!!
 Amigo vim aqui pra mostrar pra todos que também faço parte desse enorme grupo de pessoas APAIXONADAS por você!!!
 Você não precisou de muito tempo pra se tornar tão especial pra mim..e você sabe disso,logo que te conheci viramos parceiros, daqueles que o mundo para pra ver de tão bonito!!
 Jamais vou poder esquecer das nossas tardes lendo..que diga-se de passagem enquanto eu lia 20 você lia uma se lembra?rsrsrs
 Das nossas conversas madrugada a fora...e dos miojos na boca???que SAUDADES!!
 das aulas de violão,das nossas bobearas...de tudo mais tudo mesmo!Jamais poderei esquecer de tudo..e principalmente do seu sorriso ÚNICO e da sua tranquilidade de ser que da INVEJA a qualquer um!!
 Você vale ouro PEIXE hahahaha...torço demais por você, e oro sempre para que Deus te ilumine e apenas o coloque em caminhos bons.
 Obrigada por tudo viu!? é difícil dizer tudo quando se tem 1024 caracteres...mais é de s2!!!

bjus
 Love ya!!!

Figure 10: Depoimento 6
 (Fonte: www.orkut.com.br)

Nesses três depoimentos, há uma construção textual que procura demonstrar a intensidade de uma amizade, relatada a partir de episódios que fazem o leitor inferir a importância do dono do perfil para aquela relação.

Para causar esse efeito, *F* recorre a um trabalho de face, em que são relatados momentos vivenciados por ele e o dono do perfil juntos, os quais são, para *F*, o que caracteriza a relação de amizade. Nesse sentido, os três depoimentos se constituem enquanto regra da camaradagem (LAKOFF, 1975), uma vez que para demonstrar a sua proximidade com *O*, *F* recorreu ao relato de momentos da relação de amizade que comprovam essa proximidade.

(31) “Estudamos juntos desde o pré-técnico...em tempos que esteticamente é melhor até esquecer...mas **nossa amizade** só se fortaleceu...”(Depoimento 4);

(32) *“Além disso, posso falar que é **uma super AMIGA, companheira de todas as horas**: e olha que foram muitas horas, durante esses quatro anos e meio de curso.” (Depoimento 5);*

(33) *“Você não precisou de muito tempo para se tornar **tão especial pra mim..** e você sabe disso, logo que te conheci viramos **parceiros**, daqueles que o mundo para para ver de tão bonito!!” (Depoimento 6).*

Nesse contexto, entendendo *F* como um interactante que busca alcançar objetivos interacionais de forma eficaz, compreendemos esses textos, segundo a teoria de Leech (1983), como atos de fala colaborativos, tendo em vista que eles narram episódios para, com isso, construir imagens públicas socialmente positivas. Em outras palavras, o efeito de sentido desses textos é a construção de face positiva (BROWN & LEVINSON, 1987).

Em meio a tais questões, para construir uma imagem positiva, *F* recorre às máximas que, para Leech (1983), pertencem a um comportamento socialmente educado: a máxima da aprovação, a máxima do acordo e a máxima da simpatia.

A máxima da aprovação está no ato de valorizar a amizade do dono do perfil, num sentido de contemplá-lo, de exaltá-lo:

(34) *“Mas a distância que acaba com muitas “amizades” não acabou com a nossa que é **muito forte e verdadeira**” (Depoimento 4);*

(35) *“Além disso, posso falar que é **uma super AMIGA, companheira de todas as horas**” (Depoimento 5);*

(36) *“Ele é o **verdadeiro significado da palavra AMIZADE... pode acreditar!!!**” (Depoimento 6).*

A máxima do acordo está na procura por *F* de recordar apenas fatos que acredita que o dono do perfil queira ler, pois vai contribuir com sua imagem pública, haja vista que caso o dono do perfil não concorde com o que está escrito, ele tem o direito de recusar o depoimento e, portanto, não o publicar em sua página.

(37) “*mas **nossa amizade** só se fortaleceu...principalmente no ensino médio...quando tenho que confessar tinha **uma amizade de muito interesse...rsrs**” (Depoimento 4);*

(38) “*Ela é **determinação em pessoa**, sempre deu conta de todos os compromissos” (Depoimento 5);*

(39) “*Jamais vou poder esquecer das **nossas tardes lendo..que diga-se de passagem enquanto eu lia 20** você ia uma se lembra? Rrsrs Das **nossas conversas madrugada a fora e dos miojos na boca???**que SAUDADES!!” (Depoimento 6).*

A máxima da simpatia relaciona-se à maximização da simpatia pelo outro, ou seja, demonstrar que gosta do outro e que a sua amizade é importante.

(40) “*Adoro **sua risada tão espontânea, seu humor cínico, seu jeito que passa energia e que me faz ter mais coragem, sua disposição e amor a sua profissão, sua inteligência, seu apoio, seu carinho...**” (Depoimento 4);*

(41) “*É com o maior orgulho que eu chamo **minha eterna dupla e minha amiga** pra receber o canudo” (Depoimento 5);*

(42) “*Jamais poderei esquecer de **tudo.. e principalmente do seu sorriso ÚNICO e da sua tranquilidade de ser que da INVEJA a qualquer um!!**” (Depoimento 6).*

Em conformidade com as Máximas de Leech (1983) estão as estratégias de polidez positiva de Brown & Levinson (1987), utilizadas com vistas à construção de imagem social. Nesses depoimentos, ao obedecer às máximas da aprovação e da simpatia, o falante está utilizando as estratégias de polidez positiva 2, que está relacionada ao exagero de interesse, aprovação e simpatia pelo ouvinte; 3, que postula a intensificação do interesse pelo ouvinte; e 15, que procura mostrar o quanto o ouvinte é querido, admirado, compreendido. Relacionada à máxima do acordo está a estratégia 7, em que é postulado que se pressuponha, lembre, diga

coisas, a fim de estabelecer um ponto de vista, ou conhecimento, em comum com o ouvinte; e Estratégia 11, em que se postula assumir os mesmos desejos que O.

Por se tratar de muitas estratégias de polidez positiva interrelacionadas, nessa categoria optamos por descrever as estratégias junto às categorizações, para melhor visualizá-las.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 4
Polidez positiva 4	Introdução do OD “dono do perfil” por nomeação.	Juju
Polidez positiva 15	Categorização do OD “dono do perfil” por expressão nominal.	minha querida amiga...
Polidez positiva 7 e 12	Introdução categorizadora do OD “nossa amizade”	Estudamos juntos desde o pré-técnico...em tempos que esteticamente é melhor até esquecer..mas nossa amizade só se fortaleceu...
Ameaça de face positiva de <i>F</i> e polidez positiva 2, 3 e 12.	Recategorização do objeto de discurso “nossa amizade” por expressão nominal indefinida.	principalmente no ensino médio...quando tenho principalmente no ensino médio...quando tenho que confessar tinha uma amizade de muito interesse ...rsrs brincadeira...eu nem colava muito da suas provas...
Polidez positiva 2, 3, 7 e 12.	Recategorização do OD “dono do perfil” por anáfora direta.	mas depois cada um seguiu seu caminho, sua profissão...vc com seu sonho de ser professora que te acompanhava desde a 5ª série...e eu lembro sim de quando falávamos de morar juntas...mas aquilo de vc limpar a casa é pq vc dizia que seria prof...e eu juíza...ou seja, eu sustentaria a casa...mas as coisas mudam e os salários sonhados tb... Até de professora eu faço bico...rsrsrsrs com a ajuda dessa minha amiga lógico...rsrsrrs

Quadro 11: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 4

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 4
Polidez positiva 11 e 13.	Recategorização do OD “nossa amizade” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Mas a distância que acaba com muitas “amizades” não acabou com a nossa que é muito forte e verdadeira ...só deixou a gente um pouco afastada...mas isso não é só por causa da distância... a falta de tempo tb ajuda... (mestrado...trabalho...tiram o nosso tempo)
Polidez positiva 2 e 3	Introdução de novos OD's por anáfora inferencial com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”	Adoro <i>sua risada tão espontânea, seu humor cínico, seu jeito que passa energia e que me faz ter mais coragem, sua disposição e amor a sua profissão, sua inteligência, seu apoio, seu carinho...</i> TE AMO <i>amiga</i> e quero dizer que pode contar sempre comigo.

Quadro 11: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 4

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 5
Polidez positiva 2 e 15.	Introdução de OD “dono do perfil” com categorização catafórica.	Inteligentíssima. Não tem adjetivo que a descreva melhor.
(1) polidez positiva 15; (2) polidez positiva 2 e 7.	(1) recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito. (2) recategorização do OD “dono do perfil” por Rotulação catafórica.	Além disso, posso falar que é (1) <i>uma super AMIGA</i> , (2) <i>companheira de todas as horas</i> : e olha que foram muitas horas, durante esses quatro anos e meio de curso. <i>Foram calouradas, tequiladas, micaretas, idas a boate, churrascos e mais churrascos.</i>

Quadro 12: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 5

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 5
Estratégia polidez positiva 8.	Rotulação anafórica.	Mas não foi só essa vida boa não! Véspera de prova batíamos ponto na biblioteca fazendo as nossas revisões que sempre deram muito certo... e o resultado não podia ser diferente: sucesso na certa!
Polidez positiva 1.	Recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão referencial surge no predicativo do sujeito.	Ela é determinação em pessoa , sempre deu conta de todos os compromissos:
Polidez positiva 1, 2, 3 e 11.	(1) Rotulação anafórica; (2) recategorização de “tanto esforço” por expressão nominal anafórica.	tenho certeza que o dia dela deve ter mais do que vinte e quatro horas: ela namora, vai pra aula, sai com os amigos, vai pra iniciação científica, estuda e tira notas altas, vai pro estágio e consegue tempo pra tudo e todos. (1) Tanto esforço que hoje ela colhe os resultados de (2) toda essa jornada na X : mestrado é pouco, ela se encaminha pro doutorado em Y! E nós, é claro, torcemos pro sucesso dela.
Estratégia 2 e 15 de polidez positiva.	Recategorização do OD “dono do perfil” por expressão nominal catafórica.	É com o maior orgulho que eu chamo minha eterna dupla e minha amiga pra receber o canudo.
Estratégia de Polidez positiva 4.	Recategorização catafórica do OD “dono do perfil” seguida de Nomeação.	Uma salva de palmas pra farmacêutica e bioquímica M.D. P.!

Quadro 12: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 5

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 6
Polidez positiva 2	Introdução catafórica do OD “dono do perfil” categorizada por expressão nominal predicativa.	Ele é o verdadeiro significado da palavra AMIZADE... pode acreditar!!!
Polidez positiva 2	Recategorização do OD “dono do perfil”,	Amigo vim aqui pra mostrar pra todos que também faço parte desse enorme grupo de pessoas APAIXONADAS por você!!!
Polidez positiva 2	Recategorização do OD “dono do perfil” por expressão nominal.	Você não precisou de muito tempo para se tornar tão especial pra mim.. e você sabe disso,
Estratégia de polidez positiva 7.	Introdução de OD “amizade entre <i>F</i> e <i>O</i> ” por anáfora inferencial categorizadora.	logo que te conheci viramos parceiros, daqueles que o mundo para pra ver de tão bonito!!
Estratégia de polidez positiva 7.	Anáforas inferenciais com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”	Jamais vou poder esquecer das nossas tardes lendo.. que diga-se de passagem enquanto eu lia 20 você lia uma se lembra? Rsrtrs Das nossas conversas madrugada a fora e dos miojos na boca??? que SAUDADES!! Das aulas de violão , de nossas bobearas... de tudo mais tudo mesmo!
Estratégia de polidez positiva 2 e 7.	(1) Rotulação anafórica (2) Anáfora indireta	Jamais poderei esquecer de (1) tudo.. e principalmente do (2) seu sorriso ÚNICO e da sua tranquilidade de ser que da INVEJA a qualquer um!!
Estratégia de polidez positiva 2, 15.	Recategorização do OD “dono do perfil” por anáfora inferencial.	Você vale ouro PEIXE hahahaha...torço demais por você, e oro sempre pra que Deus te ilumine e apenas o coloque em caminhos bons. Obrigada por tudo viu!? é difícil dizer tudo quando se tem 1024 caracteres...mais é de s2!!!

Quadro 13: Relação entre Estratégias de Polidez e Referenciação no Depoimento 6

Diferente da categoria Elogio, em que as categorizações se concentram nas estratégias de polidez positivas 2 e 15 (BROWN & LEVINSON, 1987); nos depoimentos de Rememorações são lançados diferentes estratégias, sendo mais recorrentes as 2, 3, 7, 11 e 15.

Essa diferença relacionada à quantidade de estratégias lançadas pode ser explicada pela diferença entre os dois processos de elaboração textual: a categoria Elogio limita-se a emissão de qualificações positivas do dono do perfil pelo amigo que escreve o depoimento. Já na categoria Rememorações, a qualificação do dono do perfil é feita a partir da narração de momentos vivenciados pelo amigo e o dono do perfil juntos; dessa maneira, diversos objetos de discurso são introduzidos por anáfora indireta no texto, de forma a corroborar com o propósito significativo do amigo.

Nesses depoimentos, um AAF pode ser explicado pelo fato de o amigo, com vistas a construir a face positiva do dono do perfil, muitas vezes lançar mão de AAF's para, em seguida, emitir um ato de polidez positiva, e, assim, alcançar o seu propósito comunicativo. Isso ocorre no depoimento 4, em que o OD em questão é recategorizado por uma expressão nominal catafórica: “uma amizade de muito interesse”. Nesse caso, ao categorizar sua amizade como sendo de muito interesse, o amigo leva o leitor a interpretá-lo como interesseiro, como alguém que era amigo de O para colar nas provas. No entanto, *F* nega sua própria afirmação com “rsrs brincadeira...eu nem colava muito da suas provas”. Assim, ele desmente o que havia dito, utilizando a estratégia de polidez positiva de fazer brincadeiras com o ouvinte (BROWN & LEVINSON, 1987) e, ao mesmo tempo, utiliza a ironia para admitir a verdade, que colava do dono do perfil durante as provas.

Nesse caso, o amigo, aparentemente, constrói a face positiva do dono do perfil, pois está enunciando o quanto seu OD é inteligente, e companheiro ao passar cola durante as provas e não deixar sua amiga reprovar (Polidez positiva 2, 3 e 12). Ao mesmo tempo, o amigo ameaça sua própria face negativa, pois está admitindo um déficit seu, pois não conseguia passar nos testes por seu próprio mérito.

Apesar de *F* estar ameaçando apenas as suas faces positiva e negativa, devemos ressaltar que ele também constrói a face positiva do dono do perfil de forma socialmente negativa. Isso porque, apesar de construir o seu texto de forma que o dono do perfil fosse interpretado como alguém legal e amigo, porque ajudava

durante as provas ao passar cola, e essa pratica pode ser um ato comum dos alunos nas escolas, é importante saber que, no interior do universo estudantil, ambos estavam equivocados, haja vista que a cola é contra os regulamentos escolares.

Nessa perspectiva, “são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas” (GOFFMAN, 1980, p. 77).

As descrições definidas nesses depoimentos são de suma importância para o projeto de dizer de *F*. É por meio delas que *F* desenvolve sua argumentação sobre o dono do perfil, o qual é construído por ações.

A escolha de determinada descrição definida pode, pois, trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido (KOCH, 2008b, p. 38).

Assim, ao categorizar o objeto de discurso de acordo com o seu propósito enunciativo, “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 1992, p. 11).

Oiiiiii lindonaaaaa
 hoje estou aqui para agradecer a grande força que anda me dando...
 Tenho que agradecer e muito a Deus...por ter amigos assim como vc
 na minha vida!!! Mto mais mtoooooooo OBRIGADA
 mesmoooooooooooo!!!!
 Vc não tem ideia...de como isso me faz sentir melhor e fortalecida.
 Pois, sei que tenho amigos rezando e torcendo para que tudo se
 resolva da melhor maneira possível...

Saiba que rezo tdas noites e peço por vc e sua família para que
 tenham um dia... uma vida abençoada por maravilhas que só Deus
 pode nos proporcionar.

Um gde beijo da amiga que te adora e te admira a cada dia mais!!!
 Te amo flor...

Figura 12: Depoimento 8
 (Fonte: www.orkut.com)

a Lors é a princesinha da minha vida.

Mais parece aquelas emergentes, das plebéias que viraram princesa,
 sabe? ou daquelas princesas que, no fundo, são simples.

Às vezes tenho vontade de matá-la. pq tem uns jeitos tão estranhos de
 me consolar que quando penso:

To dentro de um buraco. Não vou sair mais. E toda vez que tento, caio e
 me arranho, me machuco, muito. Ela vem, com um vários baldes de
 água e me destrói. Enche o buraco de água e eu penso *Putaquepariu!*
vou me afogar!
 Depois, com a cara mais lavada do mundo, ela diz: agora bóia.

Lors, brigada pelo carinho, pela amizade, pelo companheirismo. E pode
 ter certeza que é tudo recíproco.

Se isso é amor? Pode ser...

Figura 13: Depoimento 9
 (Fonte: www.orkut.com.br)

Ao observar esses depoimentos, podemos notar que, como as outras
 categorias, eles seguem os mesmos postulados interacionais de Lakoff (1975) de
 fazer o ouvinte se sentir bem, ou seja, o atendimento à regra da camaradagem.

(43) “Obrigada **minha irmã**, nos temos sorte por ter **um coração de enorme bondade perto de nós**.” (Depoimento 7);

(44) “Tenho que agradecer e muito a Deus...por ter **amigos assim como vc na minha vida!!!**” (Depoimento 8);

(45) “**Lors**, Obrigada **pelo carinho, pela amizade, pelo companheirismo**. E pode ter certeza que é tudo **recíproco**.” (Depoimento 9).

Seguindo essa linha teórica, analisando os depoimentos na perspectiva de Leech (1983), com suas máximas retóricas que se concentram no ouvinte, afirmamos que essa categoria centra-se na máxima da aprovação, a qual orienta a maximização de crenças que expressam aprovação do outro; máxima da simpatia, que postula a maximização de expressões de simpatia pelo outro; e máxima do acordo, que pauta a minimização de expressões de desacordo entre você e o outro, conforme os exemplos os (43), (44) e (45).

De forma geral, as máximas de polidez são sobrepostas nos atos de fala, portanto, afirmamos que o texto depoimento é caracterizado pela presença delas. Essa máximas são elaboradas a partir da categorização do objeto do discurso dono do perfil, de forma laudatória, para que os leitores elaborem uma imagem socialmente positiva do dono do perfil, uma vez que

a sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria. Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio. (MELO, 2005, p. 1).

Dessa maneira, essas regras não precisam ocorrer separadamente dentro do texto para que uma declaração seja polida; pelo contrário, as estruturas devem ser apropriadas ao contexto, em que estão envolvidas questões linguísticas, socioculturais e condições de aplicabilidade.

As regras não são fechadas por si sós, mas a situação comunicativa é o que define o comportamento tanto social, quanto linguístico que será adotado. Como a própria Lakoff (1975) admite, a polidez tem muitas facetas, portanto pode se

apresentar de diversas maneiras que variam de acordo com idade, cultura e educação de um determinado grupo. Dessa maneira, não é possível haver o mesmo tipo de elaboração de face em depoimentos da mesma categoria, uma vez que estão envolvidos nesse processo diversos fatores, como a subjetividade numa determinada situação comunicativa.

Na perspectiva de Brown & Levinson (1987), para o seu propósito comunicativo de agradecer ao dono do perfil e, por meio disso, construir a sua imagem positiva, é recorrente nos três depoimentos o uso polidez indireta.

Nos depoimentos 7 e 8, observamos a estratégia 1 de polidez indireta (BROWN & LEVINSON, 1987): seja convencionalmente indireto. Isso porque há a violação da máxima da relevância; assim, há insinuações para os leitores inferirem.

(46) *“talvez porque estivesse esperando desabrochar em você, lá do fundo, a **pessoa que eu sabia que você era por dentro, mas que, somente agora está se mostrando por fora: linda e maravilhosa.**” (Depoimento 7);*

(47) *“Saiba que rezo tdas noites e peço por vc e sua família para que tenham um dia...**uma vida abençoada por maravilhas que só Deus pode nos proporcionar.**” (Depoimento 8).*

No exemplo (46), *F* dá a entender que houve uma mudança no comportamento da dona do perfil. Ele compartilha, de forma indireta, que antes tinha um julgamento diferente do que tem hoje sobre ela; para então, a partir da estratégia 2 de polidez positiva (BROWN & LEVINSON, 1987), demonstrar sua aprovação e simpatia pela Maria de hoje, categorizando-a como “linda e maravilhosa”.

Já no exemplo (47), ao dizer que reza para que um dia *O* tenha uma vida abençoada, *F* está deixando implícito que hoje ele não tem, sem afirmar diretamente. Ao mesmo tempo, *F* lança mão da estratégia 14 de polidez positiva (BROWN & LEVINSON, 1987), ao enunciar que reza pelo dono do perfil, pelo que categoriza como “uma vida abençoada por maravilhas que só Deus pode nos proporcionar”; assim, ele, como postula essa estratégia, está simulando reciprocidade (BROWN & LEVINSON, 1987).

Com relação ao depoimento 9 (exemplo 48), há a violação da máxima da qualidade (Grice, 1982). Segundo Grice (1987), essa máxima está relacionada

àquilo que é verdadeiro. O falante, para ser cooperativo, deve afirmar apenas aquilo que é verdadeiro. No entanto, no depoimento, ao fazer isso, *F* está sendo polido, pois está explicando, a partir de uma metáfora, como é o comportamento do dono do perfil, ou seja, está utilizando a estratégia 9 de polidez indireta (BROWN & LEVINSON, 1987). Dessa maneira, a partir de uma expressão nominal indefinida, que funciona como rotulação catafórica, *F* introduz sua metáfora:

(48) “Às vezes tenho vontade de matá-la. pq tem **uns jeitos tão estranhos de me consolar** que quando penso: ‘To dentro de um buraco. Não vou sair mais. E toda vez que tento, caio e me arranho, me machuco, muito. Ela vem, com vários baldes de água e me destrói. Enche o buraco de água e eu penso Putaquepariu! vou me afogar!. Depois, com **a cara mais lavada do mundo**, ela diz: agora bóia.” (Depoimento 3)

De forma geral, nos três depoimentos, a construção da imagem social do objeto de discurso dono do perfil se dá por estratégias de Referenciação, em que o objeto é o tópico discursivo do gênero. No entanto, nessa construção textual, há a inserção de diversos objetos de discurso no modelo textual, para, assim, haver a construção do propósito de sentido. Dessa maneira, como são demonstradas nos quadros a seguir, a relação entre estratégias de polidez linguística e construção de objeto de discurso se dá de forma plural, uma vez que não há uma equivalência entre estratégia de referenciação e estratégia de polidez.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 7
Polidez positiva 4.	Introdução do OD “dono do perfil” por nomeação.	Maria , eu sempre quis deixar <i>um depoimento</i> , mas não sei porque não o fiz,
Polidez indireta 1.	Categorização do OD “dono do perfil” com rotulação catafórica.	talvez porque estivesse esperando desabrochar em você, lá do fundo, a pessoa que eu sabia que você era por dentro, mas que, somente agora está se mostrando por fora: linda e maravilhosa.

Quadro 14: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no depoimento 7.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 7
Estratégia de polidez positiva 15.	Anáfora indireta	Eu tenho muuuuuuuuuuuuuito orgulho de ser <i>sua irmã</i> , eu adoro quando <i>outras pessoas</i> comentam comigo sobre sua inteligência e seu sucesso .
Polidez positiva 15 e Ameaça de face negativa.	Recategorizações do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito	Você é o ponto de convergência da família agora , uma vez que não temos mais <i>nosso pais</i> . Você é a referência e o porto seguro .
Estratégia de polidez positiva 3.	Recategorização do objeto de discurso “dono do perfil” por expressão nominal anafórica.	Obrigada minha irmã ,
Estratégia de polidez positiva 2, 3 e 15.	Anáfora indireta, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”	nos temos sorte por ter um coração de enorme bondade perto de nós . “Não se admire se um dia, um beija flor invadir A porta da tua casa, Te der um beijo e partir Foi eu que mandei o beijo” de agradecimento por você existir na minha vida. Tudo de bom procê di coração! BJAo TE ADORO>

Quadro 14: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 7.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 8
Polidez positiva 4.	Introdução do objeto de discurso “dono do perfil” por categorização.	Oiiii lindonaaaaa
Polidez positiva 2, 3, 15.	Anáfora indireta	Hoje estou aqui para agradecer a grande força que anda me dando... Tenho que agradecer e muito a Deus...por ter amigos assim como vc na minha vida!!! Mto mais mtoooooo OBRIGADA Mesmooooo!!!!

Quadro 15: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 8.

Estratégias de Polidez	Estratégia de Referenciação	Depoimento 8
Estratégia 9 de polidez positiva.	Anáfora indireta.	Vc não tem ideia...de como isso me faz sentir <i>melhor e fortalecida</i> . Pois, sei que tenho amigos rezando e torcendo para que tudo se resolva da melhor maneira possível...
Polidez indireta Polidez positiva 14.	Anáfora indireta.	Saiba que rezo tdas noites e peço por vc e sua família para que tenham um dia... uma vida abençoada por maravilhas que só Deus pode nos proporcionar.
Polidez positiva 4.	Recategorização do OD “dono do perfil” por nominalização.	Um gde beijo da <i>amiga</i> que te adora e te admira a cada dia mais!!! Te amo flor...

Quadro 16: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 8.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 9
Polidez positiva 4. Polidez positiva 2 e 15.	(1) Introdução do OD “dono do perfil” por nomeação; (2) categorização em que a expressão nominal está no predicativo do sujeito.	(1) A Lors é (2) a princesinha da minha vida.
Polidez positiva 2 e 15.	Recategorização por anáfora indireta.	Mais parece aquelas emergentes, das plebeias que viraram princesa , sabe? ou daquelas princesas que, no fundo, são simples.

Quadro 18: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 9.

Estratégias de Polidez	Estratégias de Referenciação	Depoimento 9
Polidez indireta	(1) Rotulação catafórica do OD “dono do perfil”. (2) Recategorização anafórica do OD “dono do perfil”.	Às vezes tenho vontade de matá-la. pq tem (1) uns jeitos tão estranhos de me consolar que quando penso: <i>To dentro de um buraco. Não vou sair mais. E toda vez que tento, caio e me arranho, me machuco, muito. Ela vem, com vários baldes de água e me destrói. Enche o buraco de água e eu penso Putaquepariu! vou me afogar!</i> Depois, com (2) a cara mais lavada do mundo , ela diz: agora bóia.
(1) Polidez positiva 4; (2) polidez positiva 2, 3.	(1) nomeação (2) anáfora indireta	(1) Lors , Obrigada (2) pelo carinho, pela amizade, pelo companheirismo . E pode ter certeza que é tudo recíproco. Se isso é amor? Pode ser...

Quadro 18: Relação entre Referenciação e Estratégias de Polidez no Depoimento 9.

Conforme os quadros apresentados, são comuns aos três depoimentos as estratégias de polidez positiva 2, 3, 4 e 15. (BROWN & LEVINSON, 1987). A forma como esses textos são elaborados corporificam a vontade do falante em demonstrar sua admiração e simpatia pelo dono do perfil, o que representa a estratégia 2.

(49) “Obrigada **minha irmã**, nos temos sorte por ter **um coração de enorme bondade perto de nós**.” (Depoimento 7);

A estratégia 3, presente nos textos, está relacionada à intensificação do interesse pelo outro, em outras palavras, o falante demonstra que percebe os feitos do ouvinte os emitindo. Nesse sentido, ao agradecer, o amigo está compartilhando a gratidão que tem pelo dono do perfil por ele fazer parte de sua vida e/ou ajuda-lo quando precisa.

(50) “**Lors**, Obrigada **pelo carinho, pela amizade, pelo companheirismo**.” (Depoimento 9).

A estratégia 4 pode ser percebida no início dos depoimentos. Nos três depoimentos, *F* introduz o dono do perfil como objeto de discurso com essa estratégia, que postula o uso de marcadores de identidade em grupo. O que há de diferente entre eles está relacionado à categorização. Os depoimentos 7 e 9 introduzem o objeto de discurso com um nome próprio, o que não representa uma categorização, mas apenas a introdução do objeto de discurso por nomeação. Já o depoimento 8, apresenta uma categorização ao utilizar o vocativo, “Oiii Lindonaaaa”.

Por fim, a estratégia 15 está relacionada à emissão de qualidades do ouvinte para que ele fique satisfeito. Essa estratégia é muito próxima da 2, haja vista que ambas estão relacionadas à emissão de qualidades do ouvinte; por isso, elas ocorrem juntas na maior parte dos depoimentos. No caso do exemplo (52), estão envolvidas neste ato de fala as estratégias 2, 3 e 15. Já no exemplo (51), a Estratégia 15 de Polidez Positiva apresenta a admiração que *F* sente pela irmã; ao mesmo tempo há uma imposição, *F* impõe uma carga à irmã ao emitir “*Você é a referência e o porto seguro*”. Ao impor essa carga, *F* está ameaçando a face negativa da irmã, ou seja, o seu desejo de ser independente, de não sofrer imposições, pois está dando à irmã uma responsabilidade que ela pode não querer.

(51) *Você é o ponto de convergência da família agora, uma vez que não temos mais nossos pais. Você é a referência e o porto seguro. (Depoimento 7);*

(52) *Vc não tem ideia...de como isso me faz sentir melhor e fortalecida. Pois, sei que tenho **amigos** rezando e torcendo para que tudo se resolva da melhor maneira possível...(Depoimento 8).*

A partir dessa análise, afirmamos que, ao estruturar o seu texto, *F* constrói sua própria imagem com certas manobras protetoras para elaborar uma mensagem respeitosa e de gratidão (LAKOFF, 1973) para o o dono do perfil, e, assim, criar socialmente sua própria face positiva, uma vez que está declarando publicamente o quanto se orgulha do amigo e o admira. Nesse sentido,

a pessoa mostra-se respeitosa e polida, não deixando de estender a outros o tratamento cerimonial que lhes possa ser devido. Emprega discrição; deixa de expor fatos que poderiam implícita ou explicitamente contradizer as reivindicações positivas feitas por outros. (GOFFMAN, 1980, p. 85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, consideramos a relevância do trato de gêneros de grande utilização no cotidiano; por isso, procuramos estudar textos *online*. Essa modalidade textual possibilita a interação com outros elementos do universo digital, em que

tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel. O próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem. (LÉVY, 2000, p. 15).

Foi com base nessa visão, que optamos por analisar dados linguísticos que compõem textos do gênero depoimento de Orkut, cuja elaboração se dá a partir da construção textual da imagem do dono do perfil. Para isso, buscamos depoimentos que atendiam a certos critérios estabelecidos na metodologia (ver capítulo 4), os quais culminaram na distinção de três categorias de análise: Elogio; Lembranças; e Mensagem.

Verificamos que, no site Orkut, o dono do perfil compartilha uma face positiva com seus amigos a partir da maneira que estrutura o seu Orkut. Os seus amigos, por sua vez, sabem da necessidade de serem cooperativos (GRICE, 1982) – e, também, com a intenção de construir suas próprias faces positivas, além da do destinatário –, contribuem com a construção/manutenção dessa imagem social, elaborando depoimentos que demonstram aprovação e simpatia pelo ouvinte, a partir de categorias consideradas socialmente aceitáveis. Isso porque

alguém que demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes é pouco aceito pelo grupo social, que não consegue lidar com o diferente e, em situações extremas, o converte em uma pessoa má e perigosa, que deixa de ser vista como pessoa na sua totalidade, na sua capacidade de ação e transforma-se em um ser desprovido de potencialidades. Esse sujeito é estigmatizado socialmente e anulado no contexto da produção técnica, científica e humana. (MELO, 2005, p.1).

Ao escrever o depoimento, o participante dessa rede recorre a (re)categorizações, que constituem estratégias de polidez com vistas a construir textualmente uma imagem pública do objeto de discurso dono do perfil. A partir

dessa observação, lançamos, no início da pesquisa, algumas indagações as quais, aqui repetiremos para responder em seguida:

- a) No gênero depoimento de Orkut, o efeito de sentido é sempre a construção de face positiva?
- b) Quais formas de categorização e recategorização o depoente utiliza com mais frequência?
- c) São características, nos depoimentos, as remissões configuradas em anáforas indiretas?
- d) A manutenção do objeto de discurso (ativação/reactivação) apresenta desfocagem nesse gênero?
- e) O gênero depoimento de Orkut apresenta como característica a construção de duas faces positivas a partir da focalização de um único objeto de discurso?

Respondendo aos questionamentos apresentados, notamos que ao criar um depoimento de Orkut, o amigo apresenta uma maior preocupação com a face positiva do dono do perfil, isto é, como o objeto de discurso dono do perfil será construído discursivamente para ser inferido pelos leitores.

Dessa maneira, o falante lança mão de diversas (re)categorizações, que são utilizadas em estratégias de polidez, além de muitas vezes utilizar atos de fala que ameaçam à própria face positiva, para construir a face positiva do ouvinte. Um exemplo disso é encontrado na categoria Rememorações, em que o falante ameaça à sua própria face de forma a construir a imagem do dono do perfil. Nesse sentido, ao lembrar da história da amizade, o amigo demonstra o quanto reconhece a amizade do dono do perfil – regra da camaradagem (LAKOFF, 1983) – e, por isso, o admira – máxima da aprovação e da simpatia (LEECH, 1983).

Afirmamos, então, que um dos efeitos da construção textual do gênero depoimento de Orkut é a elaboração de face positiva do dono do perfil, a partir de estratégias polidez positiva, sendo possível aparecer atos de ameaça à face do próprio falante, polidez indireta ou, raramente, polidez negativa. Um exemplo de polidez indireta acontece nos depoimentos de Agradecimento, em que há a sua utilização como estratégia de elaboração de face do dono do perfil.

Observamos que, na estruturação textual das 3 categorias, o amigo recorre à estratégia de (re)categorização na reativação do objeto de discurso, a fim de

construir a imagem social dele. No entanto, muitas vezes, a ativação se dá por um pronome ou um nome próprio, o que não configura uma categorização, mas apenas uma introdução ou retomada do objeto do discurso. Sendo assim, as principais formas de categorização e recategorização que configuram esse gênero são por expressões nominais, que surgem no predicativo do sujeito e por anáfora indireta. No caso da primeira, não ocorre uma (re)ativação do objeto de discurso, mas o acréscimo de novas informações sobre ele (Cf. KOCH, 2008b). No caso da segunda,

trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (SCHWARZ, apud MARCUSCHI, 2005, p. 223).

Nos trechos a seguir, trazidos como exemplo, o objeto de discurso é introduzido por nomeação e por pronome, para, em seguida, ser feita uma primeira categorização por predicação:

(52) *“Nayara é a **pessoa mais inverossímil que conheço**” (Depoimento 1);*

(53) *“ele é o **verdadeiro significado da palavra AMIZADE**” (Depoimento 6).*

Constatamos que a forma de introdução não categorizadora do objeto de discurso por nomeação é mais constante nos depoimentos da categoria Elogio. No entanto, é comum nos depoimentos, de forma geral, recursos como apelidos, formas de tratamento em grupo, nomes no diminutivo, que, por sua vez, consistem na estratégia de polidez positiva 4: use marcadores de identidade de grupo (BROWN & LEVINSON, 1987). Citamos, como exemplo, o depoimento 3, cujos recursos utilizados foram: “Marina”, “senhorita sorriso” e “Memééééééli”; o depoimento 4, cujo recurso utilizado foi “Juju”; e o depoimento 6, cujo recurso utilizado foi “Amigo”.

Muitas vezes, principalmente na categoria Memórias, para que a construção do objeto de discurso aconteça, há uma desfocagem do objeto de discurso dono do perfil, para o objeto de discurso amizade entre o ouvinte e o falante, introduzida no texto, geralmente, de forma implícita. Sendo esta uma importante estratégia textual de polidez positiva 7, que consiste em o falante lembrar para demonstrar experiências em comum com o ouvinte.

(54) “mas a distância que acaba com muitas ‘**amizades**’ não acabou com a **nossa** que ainda é muito forte e verdadeira” (depoimento 4).

As observações feitas até agora só são possíveis porque estão em conformidade com os que os donos dos perfis pensam de si mesmos. Isso porque as impressões que o amigo escreve devem estar em conformidade com o que o dono do perfil acredita ser sua imagem social, sua conduta no meio em que interage, caso o dono do perfil não concorde, ele pode recusar a publicação do depoimento. Nesse sentido, podemos dizer que o texto é construído do “modo como os interactantes pretendem ser vistos pelos outros” (KOCH & BENTES, 2008, p. 26). Assim, a fim de que seu texto seja publicado, o falante emite suas impressões em conformidade com a estratégia 5 de polidez positiva (BROWN & LEVINSON, 1987): procure concordância. Desse modo, ao mesmo tempo, respeita a máxima do acordo (LEECH, 1983) – maximize acordo entre você e o ouvinte –, e a regra da camaradagem (LAKOFF, 1973).

Nesse contexto, apesar de as teorias que embasam este estudo (LAKOFF, 1973; LEECH, 1983; BROWN & LEVINSON, 1987) relacionarem-se apenas à face positiva do locutor, isto é, à sua vontade de ser aceito, consideramos importante, na análise, adaptá-las também à do falante. Isto porque, a polidez consiste numa contínua negociação, e

dada essa noção de contrato conversacional, um enunciado seria polido na medida em que o falante, durante a interação, não tivesse violado, na opinião do interlocutor, os direitos ou obrigações vigentes no momento (Fraiser, 1980:343). De modo geral, pode-se dizer, portanto, que as normas de polidez seriam aquelas reguladoras do *facework*, ou, nos termos de Fraiser (1975; 1990), determinadas pelo contrato conversacional. (KOCH & BENTES, 2008, p. 27).

Sendo assim, uma vez que o locutor não viola as condições do contrato interacional, ele pode também construir a sua imagem. Não violar a opinião do interlocutor, mediante as regras do contrato interacional do depoimento, consiste em o falante construir a face positiva do dono do perfil e, com isso, construir a sua própria face.

Pela análise das categorias apresentadas, confirmamos o nosso pressuposto. No gênero depoimento de Orkut são construídas duas faces positivas bidirecionais: a do dono do perfil, uma vez que o texto é a representação por escrito de

impressões positivas que o falante possui acerca dele; e a do amigo que, ao criar o depoimento e demonstrar tantas qualidades do objeto de discurso, está seguindo a máxima do tato (LEECH, 1983), que postula a maximização de expressões que sugerem o benefício do outro. Portanto, segundo Leech (1983), o falante está seguindo o lado positivo das principais máximas de polidez, construindo, dessa maneira, uma imagem pública apreciada pelos amigos do dono do perfil: a sua face positiva (BROWN & LEVINSON, 1987). Nesse sentido, consideramos que

a polidez está mais ligada às normas, convenções e princípios gerais que presidem à interação pela linguagem em dada cultura, em dada sociedade. Isto é, a polidez é uma prática regida por convenções sociais de natureza mais geral impostas ao contrato conversacional, como os princípios de tomada de turno na conversação, as formas de tratamento (sujeitas às condições específicas de cada cultura), as estratégias de preservação de face, etc., de modo que tem mais a ver com educação *savoir faire*, obediência às regras gerais da interação social. (KOCH & BENTES, 2008, p. 29).

Por todo o exposto como resultado das observações feitas no decorrer da pesquisa, podemos considerar que as noções da Pragmática, especificamente a teoria da polidez, em combinação com princípios da Linguística Textual, especialmente os postulados sobre referenciação, se mostraram adequados e suficientes para compreendermos de forma mais aprofundada a relação entre o modo como o participante de uma interação elabora suas mensagens, recorrendo a estratégias de polidez não só por cuidado com a face do outro, mas com a sua também, uma vez que quer preservar a sua condição social.

Consideramos, de alguma forma, salvo melhor juízo, ter contribuído no sentido de mostrar uma possibilidade diferente de se interpretar construções linguísticas consequentes de relações interativas como um comportamento social.

REFERÊNCIAS

ALDAZORO, A. N. **Pragmática y enseñanza**: Importancia del enfoque pragmático en el aula universitária. 2001. Disponível em:

<<http://mipagina.cantv.net/ajnunez/pragmatica.htm>>. Acesso em Junho de 2009.

APHOTELOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. . In: CAVALCANTE, M. et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

ARAÚJO, J. C; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). Palavras Iniciais. In: _____. **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-14.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ações. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionalismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: GOODY, E. N. **Questions and politeness**: Strategies in social interection. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.

_____. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARVALHO, J. A. **Gramática superior da língua portuguesa**. Vitória: UFES, 2007.

CARVALHO, M. A. F. de. O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós Graduação em Linguística. Campinas: Unicamp. 2004

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. et al. Dimensões textuais nas perspectivas de abordagem do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **A revolução da linguagem.** Tradução de Ricardo Quintana, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSCARELLI, C. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 100-121, 2007.

COSTA, M. A. M. da; MELO, L. A. Polidez e Impolidez: Um levantamento histórico do seu estudo. **Anais do XI Encontro Regional dos Estudantes de Letras.** Feira de Santana, 2009. Disponível em: <http://www.uefs.br/erel2009/anais/luanamelo_marcelocosta.doc>. Acesso em: 18 de Março de 2011.

DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In.: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez, 2009.

FÁVERO, L. ANDRADE, M. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino da Língua Materna. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Lingüística II:** Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, v. 2, p. 160-185.

FIRMINO, J. C. F. Formas Associativas existentes nas salas de Bate-papo. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 39- 47.

GREEN, G. M. **Pragmatics and natural language understanding.** 2. ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum associates, 1996.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Psicanálise e ciências sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes, 1992.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística: Pragmática.** V.8. Campinas, 1982 [1975].

GUIMARÃES, E. Sobre alguns caminhos da pragmática. **Série Estudos:** Sobre Pragmática. v. 9, p. 15-29, 1983.

GUIMARÃES, S. B. **A construção de face e a (im)polidez linguística em entrevistas de Veja.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística, UFES, Vitória.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Paulo: Cortez, 2008.

HOUAISS, A; SALLES, M. de. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

INGLEZ, K. G. O fórum eletrônico no Orkut: uma análise discursiva do hipertexto. In: GIL, B. D. et al. (Orgs.). **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

KASTRUP, V. Novas tecnologias cognitivas: o obstáculo e a invenção. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierry Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 13-20.

_____. A Internet e a crise do sentido. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierry Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 21-37.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: Princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, I. **Introdução à Lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, Suzana (Org.). **Conversas com Lingüistas**: virtudes e controvérsias da Linguística. São Paulo: Parábola. 2005a.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005b.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. **Revista Investigações**: Linguística e Teoria Literária. Recife. UFPE. v.21. n. 2. Julho, 2008b.

_____.; BENTES, A. C. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, D. (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 19-48.

_____.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____.; _____. **Ler e escrever**: Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LAKOFF, R. The logic of Politeness; or, minding your p's and q's. **Papers from the 9th Regional Meeting**. Chicago: Linguistics Society, 1973, p. 292-305.

_____. **Language and Women's Place**. New York: Harper and Row, 1975.

_____. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org). **Linguagem, Gênero, sexualidade: Clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The university of Chicago Press, 1990.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução de Luís Carlos Borges & Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LÉVY, P. **O que é virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. A emergência do cyberspaço e as mutações culturais. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberspaço: um hipertexto com Pierry Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 13-20.

_____. A Internet e a crise do sentido. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberspaço: um hipertexto com Pierry Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 21-37.

LINS, M. P. Mas, afinal, o que é mesmo Pragmática? In: **Fala Palavra**, n. 2, 2002.

_____. Estratégias pragmáticas de produção de humor em cartuns. **Cadernos do XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, v. XII, 2009. Disponível em: <www.filologia.org.br>. Acesso em: janeiro de 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo, Ática, 1986.

_____. Oralidade e escrita. **Signótica**. Goiânia, v. 9. p. 119-145, 1997.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **50ª Reunião do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**. São Paulo: USP, 2002b.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, lingüística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003. Disponível em <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2011.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto & Gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

_____. Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem. In: _____. **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 9-12.

_____. Anáfora indireta: p barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C.(Orgs.). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005b. p. 53-101.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI et al. **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

_____.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto & Gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

MELO, Z. M. de. **Os estigmas: a deterioração da identidade social.** UNICAP, 2005. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>>, acesso em Julho de 2008.

MOCELLIM, Alan. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** v. 3 n. 2, 2007, p. 100-121.

MODENA, M. E. M. **As faces do Edifício Master: Um estudo sobre as faces em entrevistas de cinema documentário.** 2009. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa, PUC, São Paulo. Disponível em < http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/as-faces-do-edificio-master-um-estudo-faces-em-entrevistas/id/43083826.html>. Acesso em: 12 de maio de 2011.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. et al. **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MOTTA, L.G. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** n. 28, São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/16836>>. Acesso em: Janeiro de 2012.

OLIVEIRA, T. P. de. Polidez e Linguagem: Perspectivas. **Revista Signótica.** v. 16, n. 2. Goiás, Programa de Pós graduação em letras e linguística da UFG, 2004.

Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3746>>. Acesso em: Janeiro de 2012.

PINTO, J. P. Pragmática. In.: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. São Paulo: Cortez, 2009.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: **Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atravesda.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

RAJAGOPALAN, K. Os caminhos da pragmática no Brasil. In.: **Delta**, v. 5. N especial, p. 323-338, 1999. Disponível em <<http://www.academicoo.com/artigo/os-caminhos-da-pragmatica-no-brasil>>, acesso em 31 de outubro de 2011.

_____. Pragmática: uma vista aérea. In: RAJAGOPALAN, K. (Org.). **Caderno de Estudos Linguísticos**. v. 30. Campinas, Unicamp, 1996.

REYS, Graciela. **Introdução el abécé da pragmática**. Madrid: Arco-libros. 1998.

RIBEIRO, B. T; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

RONCARATI, C. **Cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

SCHNOTZ, W. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In. WISER, H. P; KOCH, I. (Org.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009, p. 166-185.

SEARLE, J. R. **Os atos de fala: um ensaio de filosofia da Linguagem**. Tradução de Carlos Vogt. Coimbra: Almedina, 1984 [1969].

SPENCER-OATEY, H. Face, identity and interactional goals. In.: BARGIELA-CHIAPPINI, F; HAUGH, M. **Face, communication and social interaction**. London: Equinox, 2008, p. 137- 154.

TAVARES, R. R. **A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem**. Maceió: EDUFAL, 2007.

TERKOURAFI, M. Beyond the micro-level in politeness research. In.: **Journal of Politeness Research 1**, 2005. Disponível em: <[http://faculty.las.illinois.edu/mt217/Terkourafi_JoPR1\(2\).pdf](http://faculty.las.illinois.edu/mt217/Terkourafi_JoPR1(2).pdf)>, Acesso em Dezembro de 2011.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

VILHENA, K. C. D. **Quem sou eu? A construção de imagem pública: o gênero perfil no Orkut.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Linguística, UFES, Vitória.

WATTS, R. J. **Politeness.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WILSON, V. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 87-110.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. E-fórum na Internet: um gênero digital. In. ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 30- 38.

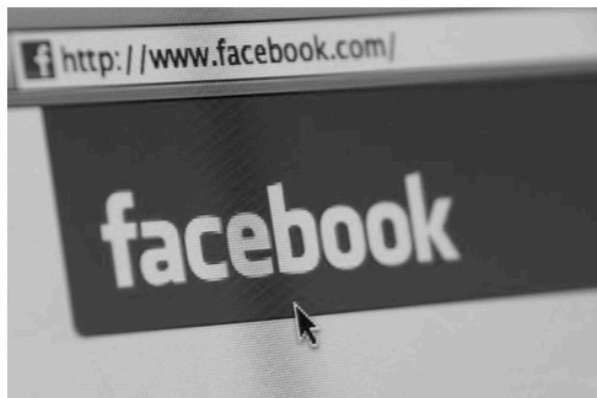
YULE, G. **Pragmatics.** Oxford: Oxford University Press, 1996.

ANEXO 1

31/03/2011

às 7:00 \ facebook x orkut

Líder Orkut desacelera, e rival Facebook encurta distância



Recentemente, o Facebook adotou estratégias agressivas para ganhar mercado no Brasil – tomou do Google seu principal executivo no país, Alexandre Hohagen, e criou mecanismos para fixar usuários do Orkut. A tática parece estar dando certo. Segundo dados da empresa de métricas Comscore, a rede social de Mark Zuckerberg cresceu 257% nos últimos 12 meses, contra 31,2% da rede do Google. A pesquisa foi produzida com dados de usuários da web com mais de 15 anos acessando a internet em residências ou trabalho.

O Orkut ainda lidera, mas o Facebook encurta rapidamente a distância. Há um ano, o Orkut tinha 24,6 milhões de visitantes únicos, segundo a pesquisa, e o Facebook, quase cinco vezes menos: 5 milhões. Agora, o Orkut tem 32,4 milhões, e o Facebook, mais da metade: 17,9 milhões. A estagnação do Orkut surge mais evidente no acompanhamento da audiência mensal nos últimos meses: enquanto a rede de Zuckerberg cresce firme, o rival da Google oscila pouco acima dos 30 milhões de visitantes únicos mês a mês (veja no gráfico abaixo).

Supremacia ameaçada – Em dezembro, a própria Comscore divulgou o levantamento “Estado da Internet” destacando a supremacia do Orkut no país. Diz a

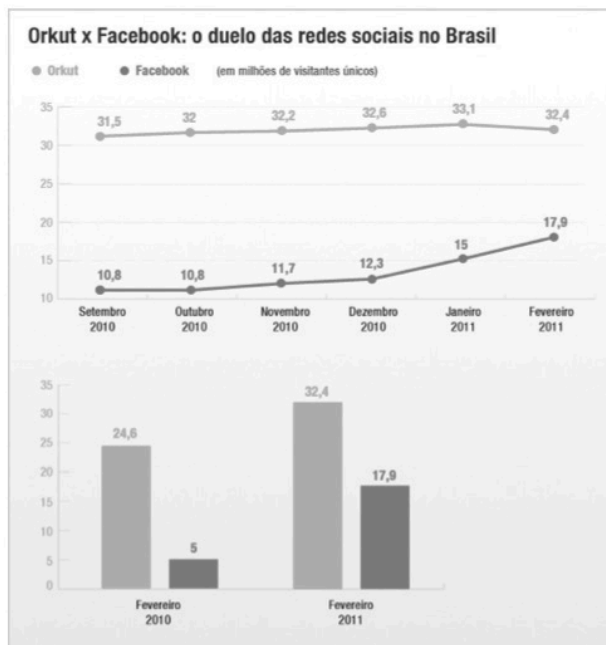
<http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/facebook-x-orkut/acesso-ao-facebook-sobe-257-orkut-ainda-reina-no-pais/>

Página 1 de 17

Facebook cresce 257% em um ano; Orkut também evolui | Vida em Rede – Rafael Sbarai – VEJA.com

29/12/11 19:41

Comscore: “Se não fosse o Brasil, o Orkut não existiria em 2011”. De fato. No resto do mundo, a rede social do Google não obtém o mesmo êxito: apenas 35% dos usuários do site não estão no Brasil.



Leia também

[O engenheiro que tem de conter o Facebook no Brasil](#)

ANEXO 2

Orkut e Facebook iniciam duelo pela sobrevivência – Vida Digital – Notícia – VEJA.com

29/12/11 17:58

veja

Vida Digital

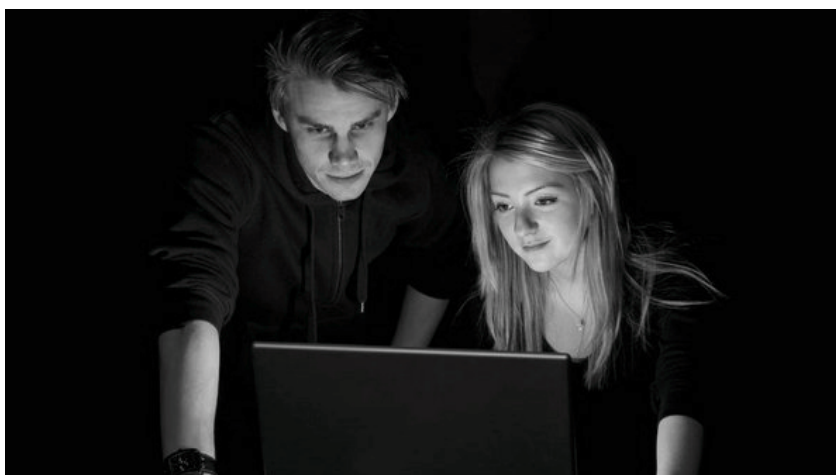
16 de Setembro de 2011

Redes Sociais

Orkut e Facebook iniciam duelo pela sobrevivência

Após 7 anos de domínio da rede do Google no Brasil, o segmento passa a ser disputado clique a clique. Resta saber se haverá espaço para os dois serviços

Por Rafael Sbarai



A escolha do usuário: Orkut e Facebook já rivalizam no segmento de redes sociais (Lisa Quarfoth/Hemera/Getty Images)

Há poucos dias, o **instituto Ibope Nielsen Online** divulgou estudo que revelou que o número de pessoas que navegam pelas páginas do **Facebook** no Brasil já supera o do **Orkut**. Usando método diferente, a Comscore, que também realiza a medição na internet, **não ratificou a ultrapassagem**, mas confirmou a tendência: em julho, a vantagem do Orkut sobre o rival caiu 20%. É um momento histórico nos breves 7 anos de vida das redes sociais no Brasil, um território desbravado pelo serviço do Google.

O Facebook subiu como um foguete no mercado brasileiro, um comportamento sem precedentes na história do serviço. Em abril de 2009, os acessos ao endereço eram tão raros que o Ibope não conseguia medi-los. Dois anos e quatro meses depois, o site alcançou a marca de 30,9 milhões de visitantes únicos, registrada em agosto pelo Ibope. O Orkut, que agora tem 29 milhões, demorou seis anos e dez meses para chegar ao mesmo patamar.

A briga no segmento de redes tem beneficiado o usuário, favorecido com melhorias e mais atrações nos serviços. Mas o embate traz consigo uma questão sobre o futuro: haverá espaço no mercado brasileiro para dois serviços que, embora não idênticos – sim, eles mantêm diferenças marcantes –, guardam semelhanças?

"A tendência é que um dos sites se torne dominante, com o outro passando a atender um nicho", afirma Marcelo Coutinho, professor da Fundação Getúlio Vargas e pesquisador do mercado digital. É um fato. No mundo, são poucas as nações que comportam duas redes sociais de grande peso por longo período. O exemplo clássico vem da mãe das

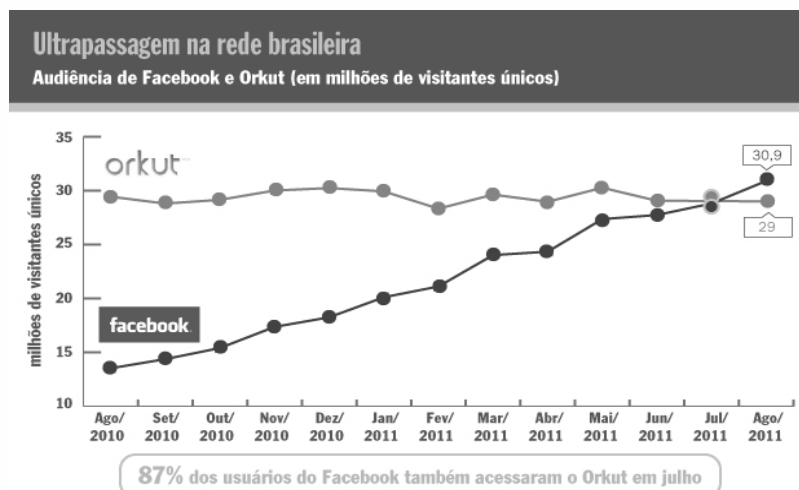
ANEXO 3

Orkut e Facebook iniciam duelo pela sobrevivência - Vida Digital - Notícia - VEJA.com

29/12/11 17:58

redes sociais, o mercado americano. Lá, a ascensão do Facebook em meados da década passada fez ao menos uma vítima: o MySpace, que reinava no segmento até então.

As exceções a essa regra são raras. Em todas, quem desafia a supremacia planetária do Facebook são serviços locais, que, surgidos na primavera da internet, acabaram ganhando apreço dos usuários. Na Rússia, Vkontakte e Odnoklassniki ainda deixam Facebook e Twitter para trás. Na Espanha, o Facebook ultrapassou recentemente o Tuenti. No Japão, o Twitter lidera, seguido pelo Mixi e, então, pelo Facebook.



Fonte: Ibope Nielsen Online e Comscore

Por ora, a briga brasileira permanece aberta. O primeiro indício disso é o uso concomitante das duas redes por grande parte dos usuários. Segundo a Comscore, 87% das pessoas que visitaram o Facebook também foram ao Orkut em julho. O segundo sinal é que, nos bastidores, as duas empresas lutam vivamente pela supremacia.

O Facebook vem adotando uma estratégia agressiva dentro e fora da rede. Em fevereiro, tomou do Google seu principal executivo no país, Alexandre Hohagen, para comandar o 15º escritório da empresa no mundo. Nos últimos 60 dias, contratou quatro ex-funcionários do rival para fortalecer o QG brasileiro, instalado em São Paulo. Também lançou mecanismos para atrair usuários do Orkut.

O Orkut, por sua vez, assumiu o papel inédito de produtor de conteúdo, o que, nas redes, cabe tradicionalmente aos usuários. Exemplo disso é a comunidade Orkut ao Vivo, que reúne mais de 6 milhões de membros ao redor de entrevistas com artistas nacionais. O foco é explícito: 60% dos visitantes do site cursam o ensino fundamental ou médio. São jovens, portanto.

A briga pela audiência, é evidente, é a luta pela sobrevivência. É também a luta pela publicidade. Essa é a principal fonte de receita dos dois serviços. A exemplo de canais de TV, jornais e revistas, as redes sociais usam o número de usuários e visitantes para atrair anúncios e, assim, rentabilizar o negócio. Até pouco tempo, o Orkut reinava praticamente sozinho no segmento. Agora, tem um competidor à altura – superior, na visão de alguns.

O Facebook acumula mais informações sobre os usuários: além de gênero, idade e interesse, comum ao Orkut, ele analisa localidade, grau de instrução e local de trabalho. Isso permite aos anunciantes dirigir sua mensagem ao público-alvo. "A rede de Mark Zuckerberg possibilita uma segmentação maior de seu público e, conseqüentemente, campanhas mais eficientes", diz Abel Reis, presidente da AgênciaClick Isobar.

É impossível esquecer o terceiro elemento que deve fazer parte dessa disputa: o Google+, rede social com que o gigante quer ganhar o mundo – o Orkut, vale lembrar, só não é uma jabuticaba virtual porque foi criado por um turco e

<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/orkut-e-facebook-sobrevivem-juntos-no-pais---por-certo-tempo/imprimir>

Página 2 de 3

Orkut e Facebook iniciam duelo pela sobrevivência - Vida Digital - Notícia - VEJA.com

29/12/11 17:58


sobrevive também na Índia, além do Brasil. Para atores do mercado como Reis, é certo que o velho será substituído pelo novo. "Em um prazo de dois anos ou pouco mais, o Google+ poderá ser a principal atração do Google no país", diz. A empresa descarta a hipótese de substituição: "Orkut e Google+ são dois produtos sociais dentro da mesma empresa, mas com objetivos diferentes", diz James Withaker, diretor mundial de engenharia do Google. "Acompanhamos os dois com a mesma atenção." Resta esperar para ver se usuários e mercado verão o assunto da mesma forma.

ANEXO 4

Safari Arquivo Editar Visualizar Histórico Favoritos Janela Ajuda
orkut - Editar perfil

http://www.orkut.com.br/Main#EditSummary?gv=0
Google

Apple Yahoo! Google Maps YouTube Wikipedia Notícias Popular
orkut página inicial perfil página de scraps amigos comunidades teste o novo Orkut! Is.gonc... Sair buscar no Orkut



alterar foto
remover foto

Lorena Gonçalves (=)

off-line

feminino
Brasil

perfil editar
página de scraps
fotos
vídeos
depoimentos
eventos
promova

Apps editar
BuddyPoke
adicionar apps

listas
mensagens
atualizações
configurações
spam

Editar perfil

Início > Meu perfil > Editar perfil

geral social contato profissional pessoal

* nome: Lorena
* sobrenome: Gonçalves (=)
* sexo: feminino masculino
relacionamento: namorando
data de nascimento: outubro 28 apenas meus amigos
ano de nascimento: 1986 apenas meus amigos
cidade:
estado: Espírito Santo
CEP:
* país: Brasil
idiomas que falo: não há resposta
adicionar outro idioma
escola (ensino médio): apenas meus amigos
faculdade: apenas meus amigos
empresa/organização: apenas meus amigos
interessado(a) em:
 amigos
 companheiros para atividades
 contatos profissionais
 namoro escolher

atualizar cancelar

orkut Sobre o orkut | Acesse orkut.com | Blog | Desenvolvedores | Central de segurança | Privacidade | Termos de uso | Publicidade | Ajuda Google

ANEXO 5

Editar perfil

Início > Meu perfil > Editar perfil

filhos:	<input type="text" value="sim - moram comigo"/>
etnia:	<input type="text" value="não há resposta"/>
religião:	<input type="text" value="não há resposta"/>
visão política:	<input type="text" value="não há resposta"/>
humor:	editar >
orientação sexual:	<input type="text" value="não há resposta"/> <input type="text" value="todos"/>
estilo:	editar >
fumo:	<input type="text" value="não há resposta"/>
bebo:	<input type="text" value="não há resposta"/>
animais de estimação:	<input type="text" value="não há resposta"/>
moro:	com filho(s) editar >
cidade natal:	<input type="text"/>
página web:	<input type="text"/>
quem sou eu:	<input type="text" value="
"/> <input type="text" value="
"/> <input type="text" value="br;"/> <input type="text" value="<wbr>"/>
paixões:	<input type="text" value=""/>
esportes:	<input type="text"/>
atividades:	<input type="text"/>
livros:	<input type="text"/>
música:	<input type="text"/>
programas de tv:	<input type="text"/>
filmes:	<input type="text"/>
preferências gastronômicas:	<input type="text"/>

ANEXO 6

cial perfil página de scraps amigos comunidades teste o novo Orkut! ls.gonc... Sair buscar no Orkut

Editar perfil

Início > Meu perfil > Editar perfil

geral social **contato** profissional pessoal

Digite todos os endereços de e-mail.
Quando os membros adicionam amigos, usamos os endereços de e-mail que você fornece para identificá-lo.

e-mail principal:	<input type="text" value="ls.goncalves@hotmail.com"/>	<input type="button" value="editar"/>	<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
e-mails secundários:	<input type="button" value="adicionar"/>		<input type="button" value="só eu"/>
nome de usuário IM (1):	<input type="text"/>	<input type="button" value="↓"/>	<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
nome de usuário IM (2):	<input type="text"/>	<input type="button" value="↓"/>	<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
telefone residencial:	<input type="text"/>		<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
telefone celular:	<input type="text"/>	<input type="button" value="confirmar"/>	<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
endereço 1:	<input type="text"/>		<input type="button" value="apenas meus amigos"/>
endereço 2:	<input type="text"/>		
cidade:	<input type="text"/>		
estado:	<input type="text" value="Espírito Santo"/>		
CEP:	<input type="text"/>		
país:	<input type="text" value="Brasil"/>	<input type="button" value="↓"/>	

Acesse orkut.com | Blog | Desenvolvedores | Central de segurança | Privacidade | Termos de uso | Publicidade | Ajuda

Google

ANEXO 7

YouTube Wikipedia Notícias Popular

perfil página de scraps amigos comunidades teste o novo Orkut! Is.gonc... Sair buscar no Orkut

Editar perfil

Início > Meu perfil > Editar perfil

geral social contato **profissional** pessoal

escolaridade:	não há resposta	
escola (ensino médio):	<input type="text"/>	
faculdade:	<input type="text"/>	apenas meus amigos
curso:	<input type="text"/>	
diploma:		
ano:	não há resposta	
		adicionar cursos >
profissão:	<input type="text"/>	
setor:	não há resposta	
sub-setor:	(selecione o setor)	
empresa/organização:	<input type="text"/>	apenas meus amigos
site da empresa:	<input type="text"/>	só eu
cargo:	<input type="text"/>	
descrição do trabalho:	<input type="text"/>	
e-mail de trabalho:	<input type="text"/>	apenas meus amigos
telefone de trabalho:	<input type="text"/>	apenas meus amigos
habilidades profissionais:	<input type="text"/>	
interesses profissionais:	<input type="text"/>	

ANEXO 8

cial perfil página de scraps amigos comunidades teste o novo Orkut! ls.gonc... Sair buscar no Orkut

Editar perfil

Início > Meu perfil > Editar perfil

geral social contato profissional **pessoal**

frase do perfil:	<input type="text"/>
o que mais chama atenção em mim:	<input type="text"/>
altura:	<input type="text"/> centímetros
cor dos olhos:	<input type="text" value="não há resposta"/>
cor do cabelo:	<input type="text" value="não há resposta"/>
tipo físico:	<input type="text" value="não há resposta"/>
arte no corpo:	editar >
aparência:	<input type="text" value="não há resposta"/>
do que mais gosto em mim:	<input type="text" value="não há resposta"/>
o que me atrai:	editar >
o que não suporto:	<input type="text"/>
primeiro encontro ideal:	<input type="text"/>
com os relacionamentos anteriores aprendi:	<input type="text"/>
cinco coisas sem as quais não consigo viver:	<input type="text"/>
no meu quarto, você encontra:	<input type="text"/>
par perfeito:	<input type="text"/>